

CONTOS POUCO EXEMPLARES



CONTOS

pouco exemplares

aLexandre dias pinto

aLina baLdé

fRANCISCO pinto

HeLena figueiredo pina

isabeL miLhanas machado

João praçana

mariana pinheiro

rafael dionísio

tiago pina

violeta mandillo

Esta obra foi submetida a um processo de avaliação por pares.

© 2023, IELT – NOVA FCSH

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa

Título	Contos Pouco Exemplares
© Autores	Alexandre Dias Pinto, Alina Baldé, Francisco Pinto Helena Figueiredo Pina, Isabel Milhanas Machado, João Pragana João Ferreira Gomes, Mariana Pinheiro, Rafael Dionísio, Tiago Pina, Violeta Mandillo
I.S.B.N.:	978-989-8968-13-5
Ebook	ACDPRINT
Design da capa	ACDPRINT sob desenhos de Kim Ki Duk
Paginação	ACDPRINT, a partir de design de Joana Pires
Edição	IELT e Bicicleta
Apoio	Associação Chili com Carne Junho de 2023

O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito dos projetos UIDB/00657/2020 e UIDP/00657/2020.

ÍNDICE

05	Prefácio Pouco Exemplar João Ferreira Gomes
13	Máscaras num Museu Alexandre Dias Pinto (Ilustrado por André Ruivo)
29	Ri-te, Rita Alina Baldé (Ilustrado por André Lemos)
47	Um Frango mas só para mim Francisco Pinto (Ilustrado por Rodolfo Mariano)
59	Cintura de Vénus Helena Figueiredo Pina (Ilustrado por Alexandra Saldanha)
71	João Isabel Milhanas Machado (Ilustrado por Inês Louro)
83	Só, por ser assim... João Pragana (Ilustrado por João Silvestre)
95	Seis Dias na Praia Mariana Pinheiro (Ilustrado por Ana Menezes)
111	Too Drunk to Fuck Rafael Dionísio (Ilustrado por João Carola)
119	Este Skate não é só para mim Tiago Pina (Ilustrado por Rui Moura)
129	Anoitecer Violeta Mandillo (Ilustrado por Sara Boiça)
139	Notas Auto-Biográficas

prefácio

POUCO exemplar

Cada vez mais cursos de Escrita Criativa vão sendo aceites e apoiados por entidades universitárias. Tal é o caso da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) que dá espaço para que cursos destes sejam possíveis já há vários anos. Desde há sete anos que dou Cursos de Verão e outros Cursos Livres dedicados à Escrita Criativa, com um foco forte no conto.

No entanto, em Portugal, há ainda uma certa desconfiança de que a escrita possa ser ensinada. As Belas Letras só são produzidas por pessoas de excepção e independentemente de redes sociológicas de apoio, de incentivo ou de crítica.

Façamos uma comparação por símile: os cursos “práticos de arte” (Pintura, Escultura,...) estão para a História de Arte e afins, como os cursos de Escrita Criativa estão para os cursos (de História) da Literatura.

As várias disciplinas (Pintura, Escultura, Arquitectura) têm cursos superiores há décadas no nosso país, ou mesmo, há mais de um século (a Escola Superior de Belas Artes foi fundada em 1881, a Sociedade Nacional de Belas Artes em 1901). Mas os cursos de Escrita Criativa só apareceram nos anos 90 do séc. XX, na Aula do Risco (que parafraseou o nome de uma escola *de artes* lisboeta do séc. XVIII). Um século sem haver absolutamente nada que motive a escrever, a não ser estudar a escrita dos outros ou a ter um chamamento interior qualquer.

E também, por mais interessante e importante que seja o estudo da Teoria da Literatura, que é, indubitavelmente, uma disciplina fundamental dos Estudos Literários, não é a ler tomos de teoria que se aprende a escrever. Na verdade, estudar o que os outros escreveram, o que os outros teorizaram, ou aprender a escrever, não é nada a mesma coisa. Quer dizer... é comunicante, mas uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

É também verdade que estas dicotomias, cursos práticos/cursos teóricos, também aconteceram ao contrário: a primeira licenciatura de História de Arte foi criada por José Augusto França, em 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Mas estes cursos já estão estabelecidos desde essa altura, ou seja, há Licenciaturas, Mestrados e Doutoramentos em História de Arte, mas não em Escrita Criativa. Os cursos que existem de Escrita Criativa deviam ser mais e mais graduados. Quase sempre são muito pequenos em duração e, por isso, por limitados, necessariamente pouco ambiciosos. Enfim, é o Estado da Arte.

As escolas e os cursos são modelos formais que ajudam a atalhar caminhos e a levar a ver mais depressa coisas e matérias que poderiam sempre ser vistas sozinhas, por quem se disponha a vê-las. Em criatividade isso é particularmente importante, porque o processo de criação tem sempre várias fases de maturação, que podem ser estimuladas e aceleradas até certo ponto. Aceitemos também que os resultados são variáveis.

Para Wallas, no seu estudo seminal de 1926, e não vamos falar mais do que este modelo de criatividade aqui, as fases do processo criativo são: a Preparação, a Incubação, a Iluminação (o momento *eureka*) e a Verificação. Tirando o terceiro, em todos pode ser feita a discussão, o equacionar e o testar de ideias, entre outras coisas, de modo a ter uma produção mais robusta. Quanto mais o escreva tiver leitores e objectores, instigadores e desafiadores, mais facilmente consegue avançar. Isto, se e só, se inserido num ambiente construtivo e emocionalmente não hostil. A crítica cínica destrói a criatividade.

A questão é que a Escrita Criativa procura incentivar todos aqueles estádios da elaboração criativa de uma maneira crítica, mas emocionalmente não hostil. A Escrita Criativa é um processo de instigação à criação escrita, literária, de

maneira metódica e estruturada. Substitui a imaginação selvagem e a inspiração *mística* por exercícios e revela um caminho que leva o escriba a construir a sua narrativa.

Quase todas as grandes escritoras e escritores tinham uma rede de contactos, de pares, de cafés, de tertúlias, onde faziam a sua partilha de textos, de leituras, de cumplicidades. Tinham a sua rede social, informal e afectiva, de estímulos e críticas.

A Escrita Criativa é mais um salão literário, com hora de entrada e saída, normalmente numa sala com cadeiras e mesas, com o objectivo de espicaçar especificamente a criatividade e a palavra.

Voltemos ao tema deste prefácio. As pessoas que figuram neste volume fizeram comigo um curso de verão, de inverno ou intermédio de Escrita Criativa orientada para a Narrativa. Estes cursos sempre foram apoiados e acarinhados pelo Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, na pessoa da Prof^a. Doutora Teresa Araújo e pelo Centro Luís Krus (de Formação ao Longo da Vida) na pessoa da Prof^a. Doutora Clara Nunes Correia.

Dei vários cursos por ano, dois ou três. O grande objectivo destes cursos é fazer uma história *ex nihilo*, para os formandos aprenderem a estruturar personagens e enredos de uma maneira fácil e metódica. *Ex nihilo* mas podendo começar *in medias res*. Neste ensinar e motivar nunca se toca no imaginário ou conjunto de ideias e crenças dos participantes mas, tenta-se que a história nasça de maneira consequente, respeitando totalmente as suas visões do mundo e valores. O papel do monitor da criatividade não é dar soluções, é patrocinar que as pessoas se sintam livres para experimentar, para falhar, para corrigir, para fazer de novo, para emendar, e, finalmente, consertarem tudo, num todo coerente.

O monitor é um facilitador, não um professor que ensina propriamente conteúdos. Eu parto do princípio que as pessoas já sabem o suficiente do mundo para escreverem uma história e que já tiveram contacto com milhares de histórias. Neste ponto, posso dizer com a devida vénia socrática, que o meu trabalho se trata de uma maiêutica.

No entanto, tal como um mentor, há sempre o desaconselhar de caminhos mais pantanosos e o indicar de soluções múltiplas, de várias soluções possíveis. Usando esta metáfora do mentor, pode-se dizer que o formando é o herói de uma aventura que é escrever uma história desconhecida. O herói é formado, alimentado *espiritualmente* pelo mentor, mas é ele que tem que prosseguir sozinho na aventura. No fim, quando consegue escrever um bom conto, é uma felicidade e uma auto-realização.

Os exemplos que estão neste livro são alguns dos melhores dos cursos de vários anos. São os textos das pessoas que mais interesse tiveram, mas também as que, por vezes, fizeram mais perguntas incómodas, que mais resistiram mas também as que mais aderiram, em alguns momentos, as que me desconcertaram, e que deram a alegria de me fazerem dizer *ora, está aí uma boa ideia!* Exemplos destes deram-me uma satisfação particular, pelas personagens e situações que apareceram, pelas soluções que foram discutidas, e, especialmente, pela coerência e legibilidade final que estes contos apresentam. A todas e a todos, o meu obrigado. Foi (tem sido/será) uma aventura muito significativa. É evidente que os casos melhores é que confirmam inexpugnavelmente que este é um trabalho fascinante e útil. E que se vêem resultados.

Então, mas o que é que reúne contos de dez pessoas diferentes? Nada? Como, nada?! Bem, há coisas morfologicamente idênticas: por exemplo, a extensão breve e outras. Há, em todos, acontecimentos; mudanças de estado e personagens. Como é normal nos contos!

As próprias pessoas que se encontram aqui neste livro têm uma coisa em comum, gostam de literatura e de narrativas em geral. Gostam tanto que também elas escrevem histórias. E todas têm aqui uma bela história!

Gostei destes contos, por isso quis reuni-los, como quem leva conchas bonitas da praia e as coloca numa caixa em casa, para ter o mar à mesa de cabeceira. Se esta imagem é demasiado poética? Não interessa! O que interessa é que se o destino, ou o acaso, não reunisse estes contos neste livrinho, então, esses mesmos contos ficariam no esquecimento de memórias de computador e a enferrujar em circuitos integrados.

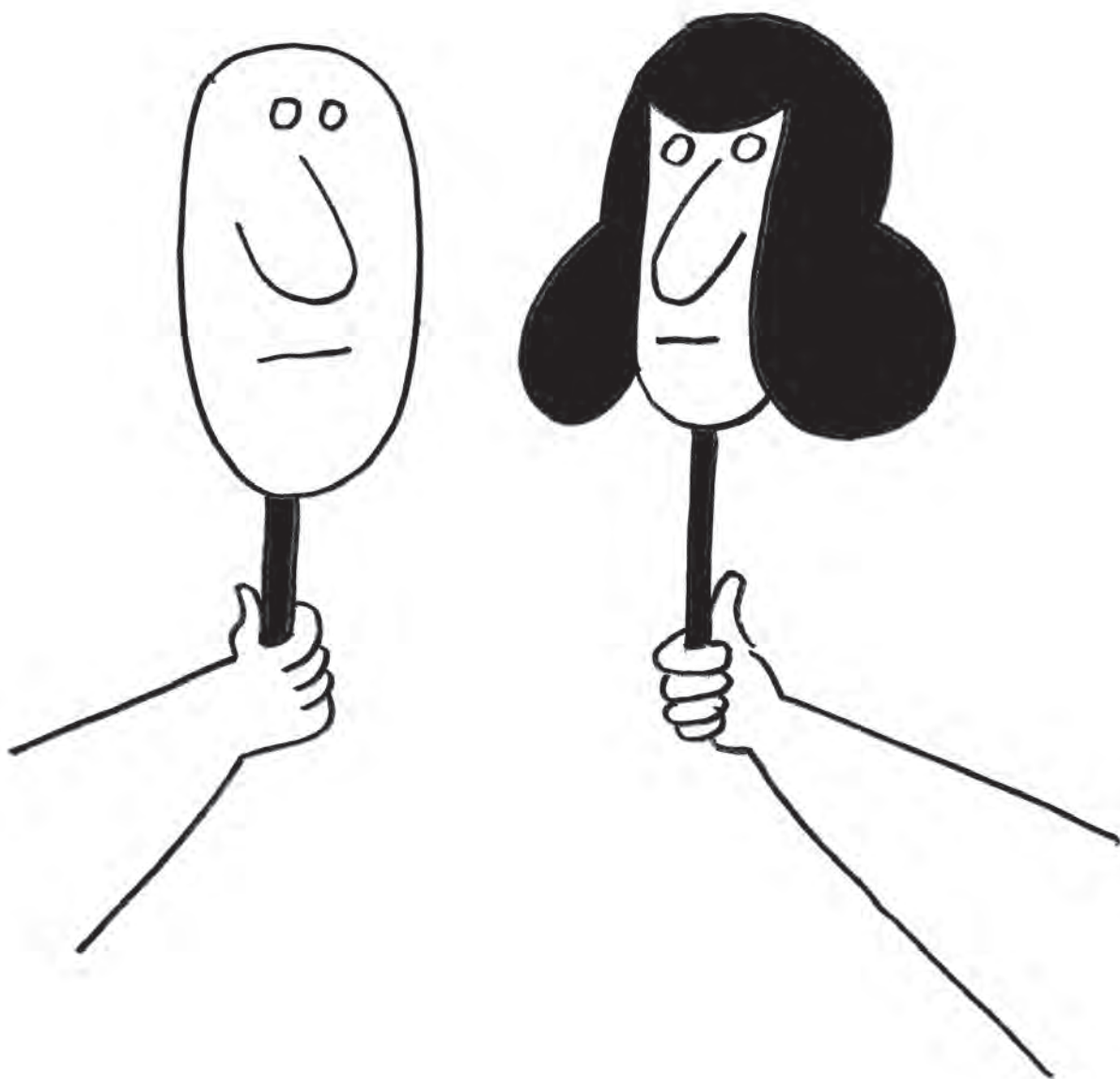
Por isso, saúdo os autores que comigo estão neste livro, que vêm cada um do seu bairro e das suas ruas desaguar nesta praça que tem lombada, papel couché, amáveis ilustrações e tudo o que tem um livro janota que vai ficar no mundo para sempre.

João Ferreira Gomes

(escrito na auto-estrada, em Junho de 2022, a ultrapassar
um camião-cisterna com o Rafael Dionísio a guiar
com os olhos injectados de sangue.)

CONTOS

POUCO EXEMPLARES



máscaras NUM MUSEU

ALEXANDRE DIAS PINTO

IL. ANDRÉ RUIVO

Terça-feira

Não gosto de comédias românticas. Desagradam-me o sentimentalismo, o tom ligeiro, os traços estereotipados das personagens, o humor fácil e a previsibilidade do desfecho. Não são o meu mundo e sempre achei que nunca seria uma daquelas figuras que aí encontro. No entanto, sinto que estou prestes a entrar numa espécie de comédia romântica por iniciativa própria. Não sei o que concluir. Há momentos da nossa vida em que a ficção parece mais verdadeira do que a realidade.

Depois de falar durante quase duas semanas com a Ângela num *site* de encontros *online*, conheci-a finalmente hoje no «mundo real». Até aqui a nossa conversa mais não era do que *bits* e *bites*, letras num ecrã. O meu nome escrito à direita, Ígor, o dela à esquerda, Ângela. Nada tenho contra *bits* ou *bites*, nem contra computadores ou ecrãs. Sou informático e eles são a minha vida. Aliás, tendo em conta as horas que passo a trabalhar num computador, posso mesmo dizer que eles são o alfa e o ómega da minha existência. Possivelmente é esse o meu problema.

Ígor e Ângela no ecrã. Não que *aquele* Ígor fosse mesmo eu. Sim, o meu nome é Ígor – nunca me agradou, mas é uma tradição de família –; no entanto, para mim, aquele nome é apenas uma palavra escrita num ecrã, num lugar

«fora do espaço e do tempo», não sou eu. Na verdade, o Ígor que «falou» durante quase duas semanas com a Ângela parecia ser outra pessoa: tão à vontade, até seguro de si e capaz de dizer uma graça aqui e ali. Nada como o velho Ígor: muito introvertido, com medo de falar com os outros, alvo de troça escancarada na escola e, mais tarde, de sarcasmo, pelas costas, no emprego. O Ígor a quem sei que chamam «o fantasmas» ou «o morto-vivo» de tão pálido e tão magro que sou... ou porque não me relaciono com eles do modo como esperavam. Até o meu pai, por me ver tão metido para dentro e tão fugidio ao contacto com os outros, chamava-me «o esquisito». Mas o Ígor que teclava com a Ângela parecia ser outro... era outro!

Foi fácil agradar-lhe e cativá-la. Aliás, era fácil ver que ela queria ser cativada. Percebi logo o tipo de pessoa que era e o que queria. Os filmes e as séries que vejo compulsivamente ensinam muito mais sobre o ser humano do que em geral se pensa. Quando não estou a trabalhar, vejo no computador muitos filmes e muitas séries. Eles mostram-me o mundo em que não vivo e outros mundos em que nenhum de nós vive. É neles que eu percebo o que as pessoas na verdade são. É neles que vejo indivíduos em carne viva, despidos, sem véus, ao contrário do que sucede no «mundo real»: no emprego, na rua, em festas. A minha mãe diz a quem conhece que eu, aos vinte e nove anos, prefiro ficar em casa a ver filmes a sair com amigos porque os filmes têm histórias que me fazem sonhar. Como está enganada! Essas histórias não me fazem sonhar, entretêm-me e ensinam-me. Estudo as personagens e percebo que não é difícil ser como elas.

Foi o que fiz quando comecei a falar com a Ângela. Fui um camaleão no mundo virtual e como camaleão escrevi o que escrevi. Percebi como, nos filmes, os homens sedutores e desejados falavam com as mulheres e o que elas queriam ouvir. Não foi difícil aprender como ouvir, como encorajar os outros a falar, como responder e o que dizer: em suma, como ser o que a Ângela esperava que eu fosse. Não lhe menti sobre mim. Apenas não fui eu. Mas esse que não era eu cativou a Ângela. E todos os dias ela quis falar *online* com o Ígor, com *aquele* Ígor. As conversas foram fluindo. Simulei interessar-me pelo que ela fazia e pelos temas que a motivavam, adotei e defendi as posições que

ela tinha sobre o ambiente, as minorias, a importância da cultura e a comida vegan. Ela começou por dizer que me achava simpático; depois, que eu era uma pessoa sensível e humana; mais tarde, que eu era interessante e que sabia compreender as mulheres. Eu não dizia que se pode aprender muito sobre a espécie humana nos filmes?

Quando combinámos encontrar-nos, a Ângela disse que tinha de ser num sítio público.

– Ainda não te conheço bem e quero sentir-me segura. – escreveu ela na noite anterior ao nosso primeiro encontro.

– Não sentes que nos conhecemos já? Já falámos tanto! – contestei.

– Não sei. Podes ser um psicopata que disfarça bem. Se fosses um psicopata dizias-me?

– Acho que não. – respondi, sorrindo do meu lado do ecrã.

– Como vês...

E imaginei-a também a sorrir do outro lado.

A Ângela propôs que nos encontrássemos num museu. Para ser mais concreto, na Sala de Pintura Neoclássica do Museu de Arte da Cidade. Para mim, era a sala 12. Concordei e apareci à hora combinada.

Quando cheguei, a Ângela já lá estava. Reconheci-a mal entrei na sala. Estava à frente de um enorme quadro a olhá-lo com muita atenção. Como estava de costas, não me viu quando entrei, o que me deu oportunidade para ficar a observá-la durante um minuto, antes de me juntar a ela. Era mais baixa do que eu pensava e mais cheinha. Vinha com uma saia larga e colorida, com um blusão de ganga e trazia um livro debaixo do braço, cuja capa vi de relance: «Yukio Mishima... *Confissões de...*», não percebi o resto. Era muito claro que queria dar o ar da intelectual, fazer-se passar por uma tipa culta. Tenho a certeza de que estava a encenar o seu interesse por aquele quadro para o momento em que eu chegasse. Aproximei-me, disse o nome dela, a Ângela virou-se e sorriu-me. É menos bonita do que nas fotografias que me mostrou, menos expressiva. O sorriso dela não é tão iluminado. Deve ter tirado umas duzentas *selfies* para ter chegado àquela que lhe dava o ar mais atraente.

Ficámos sentados mais de uma hora a falar baixinho no banco corrido daquela sala do museu. Propus-lhe que fôssemos tomar um café ao bar, mas ela disse que preferia que ficássemos ali porque era um lugar de que gostava mesmo muito. Além disso, não estava quase ninguém no museu. Tínhamos a sala praticamente por nossa conta, não fosse a presença do segurança, que, irritantemente, entrava e saía e que nos olhava a espaços com sisudez.

Receei ficar tenso, hesitante ou mesmo petrificado no nosso encontro. Temi não conseguir dizer uma única palavra à frente da Ângela. No fundo, aquele era o meu primeiro *date* e eu não tenho propriamente jeito ou à-vontade para fazer sala com outras pessoas. No entanto, a conversa fluiu surpreendentemente. Para ser franco, muito surpreendentemente mesmo. Tínhamos muitas horas de voo *online*, e isso ajudou muito. Parecia mesmo que já nos conhecíamos bastante bem.

A certa altura, disse-me que gostava muito daquele enorme quadro que estava mesmo à nossa frente. *Baile de Máscaras na Corte de Luís XIV* era o título. Nele se destacavam, ao centro, as figuras de uma mulher e de um homem que dançavam mascaradas na grande sala de um palácio, com outras personagens, também elas mascaradas, mais ao fundo. Apenas isso.

– Por que é que gostas tanto desta pintura, mais do que das outras desta sala?

– É difícil de explicar: o ambiente criado na tela, o modo como dá a ideia de que o par está a dançar, as roupas, a alegria, as cores... é difícil explicar. Entre todos, este é aquele que me tocou e, por isso, quis conhecer-te nesta sala, junto a ele.

Nessa altura, fiquei pela primeira vez sem nada para dizer. Evitando um silêncio, que podia ser incomodativo, a Ângela perguntou:

– E a ti, qual destes quadros é o que mais te fascina?

Num primeiro momento, não sabia o que responder. Não é o tipo de pergunta que uma personagem das séries faça e por isso não tinha manual de instruções para a resposta. Nenhum quadro me dizia nada. Eram todos tão... parados... tão... Um homem enorme, seminu, com um relâmpago na mão;

uma mulher recostada numa enorme cadeira estofada; um guerreiro grego ou romano armado, a caminhar. Qualquer fotografia tinha representado melhor cada uma daquelas cenas. Compreendi que não podia ficar calado e que tinha de dar uma resposta e arrisquei muito rapidamente:

– Aquele quadro ali, o da montanha.

Ângela virou de súbito a cabeça para mim e respondeu com um *Ah!* arrastado e algo céptico. Creio que me apanhou desta vez e que percebeu que eu apenas indiquei uma pintura para não a deixar sem resposta.

Mas o episódio passou e a conversa retomou um curso que me era mais familiar, que era para mim um mar mais sereno onde podia navegar sem rechar marés contrárias nem temporais: os seus gostos, o emprego, a família... o ambiente, as minorias, a importância da cultura e a comida vegan. Eu falei menos, mas fui concordando com ela, acrescentando qualquer coisa aqui ou ali. Falei superficialmente dos meus pais, do meu trabalho e ainda inventei dois ou três amigos que não tive e uma namorada que nunca existiu.

Eu não estava a saber ser sedutor, como vejo alguns sedutores serem-no nas séries e nos filmes. Mas o que era facto é que ela parecia ter assunto para que a conversa não se interrompesse e eu estava, não sem surpresa minha, a saber dançar aquela dança.

A certa altura, a Ângela disse:

– Sabes, simpatizo contigo... gosto de ti. Pareces ser um homem diferente dos outros. Sensível, atencioso comigo.

Sorri apenas. Mas, por dentro, o coração disparou. A Ângela simpatizava, gostava do Ígor. Daquele Ígor, que não era bem eu, mas que teria qualquer coisa de mim... pelo menos esperava eu que sim. Ela gostava do Ígor, do Ígor que os colegas viam como «o morto-vivo» e que as colegas evitavam a todo o custo e a quem, em surdina, entre elas, se referiam como «o esquisito».

Passado algum tempo, saímos da sala. Senti que caminhávamos muito perto um do outro e que, entre os risinhos dela, as costas das nossas mãos se tocavam enquanto andávamos.

Quarta-feira

O Ígor e eu combinámos um novo encontro para hoje e estivemos outra vez juntos. Pedi-lhe que fosse no mesmo lugar de ontem: a Sala de Pintura Neo-clássica do Museu de Arte da Cidade. Queria que aquela sala ficasse ligada à alegria de nos termos conhecido. Por pequenas e irrisórias que sejam, estas coisas para mim têm significado quando se associam a uma situação especial. O que posso fazer? Sou assim. Além disso, adoro aquele quadro: *Baile de Máscaras na Corte de Luís XIV*. Tão bonito e com tantos sentidos escondidos! Parece condensar em si a essência do que somos. Sinto-me bem na sua presença.

Ontem, quando nos conhecemos, receei que o Ígor tivesse ficado cansado de tanto me ouvir. Falo muito e mais ainda quando me entusiasmo ou me sinto à vontade com alguém. Ao regressar a casa, vinha com a ideia de que não me tinha calado durante todo o nosso encontro. Era o primeiro encontro e não queria estragar tudo. Mas fui eu própria, a Ângela espontânea, faladora, que se deixa levar, que não sabe ser calculista, nem programar... e que, por isso, acaba por se estampar na curva.

Bom, mas se o Ígor quis voltar a encontrar-se comigo – com a Ângela faladora, que nem um pouco de maquilhagem pôs na cara –, é porque não terei deixado má impressão e não me terá achado cansativa, creio eu.

Deve ser muito inseguro e, por isso, fala menos. Pareceu-me, em vários momentos e pelas suas respostas, que queria ser simpático e que estava a fazer um esforço para eu gostar dele. Fiquei com a ideia de que concordava comigo para ser atencioso. Achei isso querido. É muito claro que ele não gosta de pintura nem de arte em geral. Fingiu que tinha apreciado um ou outro quadro só para não parecer inculto e vazio... e para alinhar comigo. Foi muito óbvio. No entanto, acho-o sensível noutras coisas.

É verdade que o Ígor tem um ar um pouco estranho: muito pálido, muito magro, com o cabelo muito curto e as feições... diferentes. Mas, como já conheci *online* tipos bem parecidos, mas que se revelam uns idiotas, a beleza

exterior passou a ser, para mim, uma mercadoria com menos valor. Além disso, eu também não sou propriamente a Cleópatra nem a Helena de Tróia. Bonita, sei que não sou. Digo que sou cheiinha, para usar um eufemismo mais simpático: na verdade, o peso é para mim um problema e o facto de ser baixinha complica mais ainda o cenário. Mas adiante...

Tenho de admitir que ter combinado com o Ígor um primeiro encontro no museu, ter feito ontem a pergunta sobre os quadros e ter colocado outras questões foi um teste... ou uma experiência.

Os sociólogos dizem que, na nossa vida em comunidade, nos testamos constantemente uns aos outros. É uma forma de nos conhecermos, de fazermos saltar cá para fora o que os outros têm lá dentro. Por isso, não terei cometido nenhum crime de lesa-majestade por realizar um ou dois testes: afinal, é perfeitamente humano testarmo-nos uns aos outros e eu queria perceber ainda melhor que tipo de pessoa o Ígor é.

Mas isso foi ontem e as experiências não revelam tudo: a ciência que o diga!

A conversa de hoje deixou-me preocupada. Neste segundo encontro, de novo naquela sala do museu, o Ígor pareceu-me mais tenso. Como não era a primeira vez que nos víamos, não percebi o motivo de ele estar assim. Achei-o mais distante, menos cooperante na conversa. Não estava tão atencioso como antes. Parecia querer simular que tudo estava bem, mas a cumplicidade e o sorriso espontâneo do dia anterior pareciam ter-se perdido. Não entendi inicialmente o motivo de tal atitude, mas atribuí-a a qualquer razão pessoal que eu esperava vir a descortinar.

É uma ilusão que tenho relativamente às pessoas. Começo por acreditar que compreendo o que são, mas, depois, percebo como estava enganada. Foi um pouco o que sucedeu com o Ígor. Nas nossas conversas *online*, achei que o estava a conhecer aos poucos. Certo é que uma coisa é a realidade virtual e outra a «vida real». O que nós simulamos ser naquela pode não ter correspondência directa nesta. Não havia um filósofo que dizia que há quem prefira viver em simulacros e simulações do que ter a experiência do real? Pois o encontro de hoje pôs-me a pensar se o Ígor que conheci *online* era, de facto,

apenas um ser virtual. O Ígor com quem me encontrei hoje mostrou-se diferente do que quis parecer ser quando antes falámos.

Houve uma situação estranha esta tarde que me surpreendeu e que não é bom prenúncio. Estávamos sentados no banco da sala do museu, mas a conversa não estava tão animada como no dia anterior – ou, pelo menos, foi o que eu senti, porque ele não respondia com a mesma empatia nem se entrosava do mesmo modo no que eu dizia.

A certa altura, do nada, o Ígor perguntou-me:

– Quem é o Pedro que comenta sempre os teus *posts* do Facebook e te chama «giraça»?

Por um instante, fiquei tão surpreendida com a pergunta que não consegui reagir.

– É um amigo. Diz que sou gira para ser simpático.

– E o Jorge, que escreve muitas vezes «adoro-te», também é um amigo?

– Andaste a espiar a minha atividade nas redes sociais?

– Se as mensagens são públicas, não se pode dizer que te andei a espiar. Mas, responde, quem é o Jorge?

– É...

– Um amigo! – atalhou o Ígor, ironicamente, aproveitando-se da minha ligeira hesitação.

– Sim. Mas deixa-me triste que me tenhas andado a espiar e que agora me confrontes com o que leste.

O desconforto entre nós era evidente e a conversa deve ter ficado um pouco tensa porque, mesmo falando baixo, o segurança pareceu mais alerta, temendo que a tensão escalasse. Um museu não é certamente o melhor lugar para se ter uma discussão, sobretudo da perspetiva de um segurança, que tem de garantir que o ambiente se mantém sereno e cívico.

– Vais dizer-me que não procuraste nada sobre mim, que não fizeste a tua investigação. – questionou o Ígor.

– Fiz. Mas não te confronto com o que li.

– É essa a única diferença? Olha, quantos homens já conheceste *online*?

– Ígor, achas que o rumo desta conversa nos leva a algum lado?

O Ígor ficou, então, em silêncio. O silêncio, agora de ambos, naquela sala vazia não durou muito, mas pesou como um fardo.

– Queres ir-te embora? – perguntei.

Novo silêncio, quebrado por um «não» acabrunhado do Ígor.

Tentei então retomar a conversa, procurando reconstruir a naturalidade, a espontaneidade, que ela tinha perdido. O Ígor simulou, aqui e ali, aderir ao tema, mas sem convicção... se é que alguma convicção ou alguma verdade tinha antes existido. De facto, já não parecia ser o mesmo homem atencioso, a mesma pessoa que eu tinha conhecido e que tinha encontrado, no dia anterior, naquele museu. Estava a revelar-se outro. Parecia que lhe caiu a máscara que tinha criado e mostrava agora a pessoa que realmente é...

Foi com grande pena minha que vi a nossa conversa – ou melhor, o meu monólogo, entrecortado por palavras e monossílabos do Ígor – perder a alegria e o ânimo dos diálogos iniciais. Acabámos por sair passados uns vinte minutos e senti que tínhamos perdido o estado de encantamento e a cumplicidade que parecia ter havido ontem.

Quinta-feira

Estou lixadíssimo! Liiiiiixadíssimo! Ela é uma sonsa... é uma grande sonsa!

A Ângela foi uma desilusão. O que me deixa mesmo desapontado é que me aproximei dela como nunca me tinha aproximado de ninguém. No entanto, tudo acabou. E mais me custa ainda que ela se tenha interessado pelo Ígor – o Ígor, aquele que, não sendo eu, era eu – quando nunca antes mulher alguma se interessou por ele... por mim. Nunca esperei, nunca sonhei, que isso acontecesse, que eu conseguisse despertar este sentimento nalguma mulher. Tenho consciência de que me é difícil relacionar-me com os outros, chegar-me a eles. Para ser honesto comigo mesmo, tenho de encarar a verdade: sou incapaz de me aproximar de outras pessoas. E quando se trata de mulheres... Tento

convencer-me de que o problema está no número excessivo de horas que passo a trabalhar e que estou no computador. Mas sei que isso é uma desculpa. Na verdade, sinto-me completamente inepto para ter uma vida social normal ou uma relação afectiva.

Por isso me custa muitíssimo que a Ângela tenha sido uma desilusão. Foi uma esperança enorme que se esfumou num ápice. Ironicamente, foi ela que me falou numa teoria de um tal sociólogo que diz que vivemos num mundo em que as relações são líquidas. Pois a Ângela foi a água fresca da fonte que eu não consegui apanhar na concha das minhas mãos.

Bom, pensando bem, a verdade por trás da história é outra: a Ângela nunca existiu. Ela *fabricou* a Ângela, aquela Ângela, como a deve ter fabricado muitas vezes antes para outros Ígores. Fingiu ser uma coisa que não era. É muito sonsa. Já encontrei tantas mulheres assim nos filmes e nas séries que vejo, como é que eu não percebi logo que *ela* é mais uma dessas mulheres...

Sim, eu sei que também construí um Ígor que não existe. Mas o meu caso é diferente. Eu não saberia como entrar na dança de outra maneira, mas no caso dela...

Esta tarde voltámos a encontrar-nos na mesma sala do mesmo museu, à frente do mesmo quadro. Começo a gostar dos significados que esta pintura esconde.

Recebi uma mensagem dela a dizer: «Precisamos de falar». Apenas isso. Percebi que o caldo se ia entornar. E eu sabia a razão por que a sopa a ferver ia cair sobre mim. Por isso, não sem ironia, propus, certamente para surpresa dela, que nos encontrássemos na «nossa» sala do museu. A minha sugestão deve tê-la deixado boquiaberta.

Quando lá cheguei, ela não estava com boa cara. É assim que, nas séries, as mulheres montam a cena quando se preparam para fazer o seu número.

– Ígor, foste tu quem entrou na minha caixa de *e-mail* e quem enviou mensagens parvas, em meu nome, para o Pedro, para o Jorge, para o Ricardo e para o Miguel, não foste? – atacou de imediato.

No entanto, se ela preparou em casa o guião para esta cena teatral, eu compus a minha versão para não a deixar conduzir a conversa.

– Fui. Entrei na tua caixa de *e-mail* e li as tuas mensagens. Foi em nome da verdade e da transparência. Tinha de saber quem tu és por trás dos teus disfarces. O que fiz é justificável. As mensagens foram só uma brincadeirinha.

– Não tinhas o direito de o fazer. Aliás, o que fizeste é crime. Eu podia denunciar-te à polícia ou informar a tua empresa sobre o que se passou. Estás a ver o que te pode acontecer?

– Quero lá saber! – respondi enfurecido, levantando um pouco a voz, o que fez soerguer o sobrolho do segurança; e continuei com sarcasmo – Andas a engatar todos os homens da *Internet*. Fazes passar-te por anjinha, mas sabes muito. O teu ar de mulher inocente, as tuas palavras que me diziam que eu sou uma pessoa especial... tudo é uma encenação, uma mentira. És nojenta!

Ao contrário do que previ, ela não explodiu, nem gritou: o lugar não se propiciava a que tal acontecesse e, mais a mais, ela tinha de manter a pose de Ângela. Por isso, optou por me dizer, contendo a irritação, que todos aqueles *e-mails*, todas as conversas com aqueles rapazes tinham sido antes de nos conhecermos. E as justificações não ficaram por aí. Nenhuma das conversas tinha dado em nada. Caso contrário, não nos teríamos conhecido, nem estaríamos ali a falar.

A actuação foi muito pouco convincente.

Mas, se ela levantou o escudo, eu não baixei a espada: continuei a desferir golpes, lançando-lhe à cara o que ela era e a ouvir com desdém as explicações que me ia dando. Mantínhamos a conversa tensa meio em surdina. Porque não éramos agora os únicos na sala, os outros visitantes olhavam-nos.

A minha irritação espalhava-se rapidamente como fogo sobre um rasto de gasolina com o que dizia. Apesar de eu não levantar a voz, o imbecil do segurança disse-me umas três vezes que eu tinha de falar mais baixo. Apeteceu-me ir-lhe à cara.

A conversa não durou muito mais tempo e a exaltação controlada deu lugar a um refreamento gélido. Ela voltou a dizer-me que eu não tinha o direito de fazer o que fiz e acrescentou que não queria voltar a ver-me nem queria voltar a falar comigo. Numa calma simulada, acrescentou que não me queria mal,

que me desejava felicidades e que esperava que eu encontrasse a mulher que procurava.

Que hipocrisia! A maior e a mais desprezível das hipocrisias, encenada pela grande diva dos palcos virtuais!

Estas palavras ainda me enfureceram mais e, antes que explodisse atômica-mente, virei as costas e saí em passo rápido da sala.

Sinto a esperança que tive engolida por um turbilhão no meio do oceano... pior, sinto-me, eu, sugado para esse turbilhão. O que me deixa angustiado é o facto de eu ter acreditado que tinha finalmente conhecido alguém que sentia algo por mim e que me aceitava como eu sou. Como é que vou encontrar outra pessoa que se interesse por mim, como? E como vou eu acreditar que essa pessoa, de facto, gosta de mim?

Sexta-feira

Como é que eu me meto nestas coisas?... O que é que ando a fazer? Já conheci *online* tipos que, não sendo loucos, pareciam loucos. Mas este, que não parecia doido, devia ter sido encarcerado num hospício há muito. Como é que eu não lhe topei logo a pinta?

Estou no hospital e não me sinto bem, não me sinto mesmo nada bem.

Tinha decidido não ver mais o Ígor, cortar definitivamente relações com ele. No entanto, recebi esta manhã uma mensagem em que ele me pedia para falarmos com urgência. Precisava de me dar uma última palavra para ficar em paz consigo.

Eu não queria nada ter de o encarar de novo. O que ele fez foi imperdoável. Mas, como ser humano, eu tinha de responder ao pedido que me fez.

Por sugestão dele, voltámos a encontrar-nos na sala do quadro do baile de máscaras. Parecia que, naquele momento, era ele que me queria *roubar* a tela ou as interpretações que dela retiro.

O Ígor lá estava à hora combinada, mas estava irreconhecível. Vinha

desmazelado e, em vez de ter o rosto bem escanhado, chegou com a barba por fazer e com uma cara que parecia ainda mais branca e espectral do que o normal. Os seus olhos estavam vermelhos e, apesar de a sala estar na temperatura ideal, suave a olhos vistos. Estava com um ar tresloucado e, no modo de falar, nos trejeitos e nas palavras, tudo nele era tensão e irritação mal controlada.

Não demorou muito para que me arrependesse de ter aceitado o encontro. O Ígor vinha para me acusar e para cobrar a fatura de um serviço que eu não tinha encomendado.

– Falsa... sonsa... falsa...! – começou ele.

– Ígor, não me pediste para vir aqui para disparares mais acusações, pois não?

– Hipócrita! – acrescentou. E sem me deixar responder, continuou, no registo de surdina a que a sala do museu obrigava, mas num tom nervoso. – Apareceste na minha vida com uma máscara, mas eu arranquei-ta da cara e vi quem tu eras.

– Mas, Ígor...

– Ouve! – interrompeu-me. – Tens de me ouvir! Quiseste que eu fosse mais uma das tuas... presas. Quiseste adicionar-me à tua galeria. Fizeste-te passar por anjinha, por uma ingénua ... tudo falso.

– Olha, Ígor...

– Agora percebo porque gostas tanto deste quadro... este quadro és tu! Que ironia cruel os nossos encontros terem decorrido à frente desta tela. Foi mais uma maneira de te rires de mim, pondo perante os meus olhos uma imagem do que me estavas a fazer, de como me estavas a enganar.

– Ígor, assim não vale a pena... – ainda comecei por responder antes de se precipitarem os acontecimentos que se seguiram.

O Ígor tirou do bolso um objeto preto, que vim a perceber ser uma faca, quando, após o som seco de um *craque*, desfechou a lâmina, que brilhou com o reflexo de uma luz da sala de atmosfera baça. Surpresa, vivi apavorada cada instante do que se passou a seguir, num lapso mínimo de tempo. Mais por horror do que por expectativa, a minha respiração engoliu-se-me. Voou-me pela

cabeça o pensamento de que era o meu fim e levantei instintivamente as mãos para as colocar à frente do meu corpo e tentar aparar o golpe. O Ígor avançou, de súbito, para mim e deu-me um encontrão possante que me projectou violentamente para trás e me fez embater com a cabeça no extintor pendurado na parede. Antes de perder os sentidos ainda vi o meu atacante rasgar com a navalha a tela do *Baile de Máscaras na Corte de Luís XIV* e o segurança a avançar rapidamente para ele... mas tarde demais.

Como disse, estou no hospital e não me sinto nada bem, nem de corpo nem de alma. Como é que isto me foi acontecer? Não voltará a ser assim, está decidido. Na próxima vez será diferente; na próxima vez serei eu mesma e não serei Ângela.



RI-te, Rita

aLINA baLDé
IL. ANDRÉ Lemos

São sete e meia da manhã, vou comprar fiambre.

Não me apetece procurar as minhas sandálias e por isso agarro nos chinelos encardidos do Jorge que, aos treze anos, já calça o trinta e nove. Encarrapito os cabelos num elástico que não os segura, mas não me importo. Sigo com os braços muito esticados, agora em frente, agora para o lado, às apalpadelas pelo corredor sombrio. Nunca acendo a luz, o que me leva a esbarrar regularmente contra objetos espalhados pela casa. Desta vez, o mindinho do meu pé espeta-se no *skate* do Miguel, o meu filho mais novo, e grito muito alto *foda-se!*, mas só no meu cérebro porque o Zé chegou há pouco do trabalho, está a dormir, e os miúdos também, graças a deus, porque deixei acabar o fiambre.

Fui ao fiambre.

Rabisco no verso da conta da água, que continua por pagar. Ninguém vai ler o recado. Ninguém se preocuparia se, ao acordar, não me encontrasse. Sou assim tão *desimportante*? O real drama desta gente não é não haver mãe, não haver mulher. Calamidade, nesta casa, é faltar fiambre. Mas eu não gosto de sair sem avisar:

Fui ao fiambre.

Procuro na mesa de apoio as chaves de casa, que tilintam e seguro-as firme com a mão esquerda, calando-as à força. Abro a porta lentamente e ela chora. Calço os chinelos, já do lado de fora, questionando-me quantas vezes uma mulher tem de pedir ao marido para pôr óleo nas dobradiças até ele decidir

fazê-lo. Depois amanso a raiva quando me lembro que o Zé anda derreado com tantas horas no trabalho.

— Bons olhos a vejam, dona Rita! Tem andado desaparecida... até comentei lá em casa que se calhar a menina anda pior do estômago.

— Bom dia, dona Amélia... — saúdo a vizinha que arfa nas escadas. À contraluz parece-me um porco preto gigante com os merecidos pêlos e uma focinheira digna de um belo espécime alentejano. A dona Amélia não é alentejana, nem mesmo preta, apenas encardida, como os chinelos do Jorge.

— Ai, dona Rita, dona Rita... Olhe que a mim o que me mata é esta escadaria.

Eu gostava de vê-la morrer ali mesmo, agora, neste instante. Estou a olhar para ela e a contar os belos quilos de fambre que conseguiria sacar-lhe do corpo, se morresse. Rio-me mais alto do que tencionava, com a imagem dos putos a lambuzarem-se com a pá da dona Amélia. Se calhar há qualquer coisa de muito errado em mim...

A mulher-porco olha-me, meio atordoadada com o inesperado riso, qual suíno prestes a morrer, alheia ao matadouro que se montou de repente no meu cérebro. Aperto o xaile preto, leve, que uso. Confirmo-lhe que não ando bem.

— Tem de comer, queridinha. Tem de comer. Coitadinha... — afiambra.

Retumba, tumba, no meu cérebro: coitadinha. Coitadinha. Coitadinha. *Foda-se!*

Ela ainda diz que mais tarde me leva um chá que tem lá em casa, mas eu já vou dois lances de escada mais abaixo.

— Olhe que a dona Eulália ainda hoje me agradece, curei-lhe o hemorroidal assim. Cura tudo, tudinho, que ela nem se podia sentar e agora é vê-la todo o dia com o rabo alapado a assobiar aos maridos das outras, *rais'partam* a velha! Eu levo-lhe uma *ma-cheia*...

Ainda influenciada pelas imagens mentais anteriores, grunho um *até logo* que não se sobrepõe ao barulho que a porta faz atrás de mim.

Eu acho que não tenho pai nem mãe. Em miúda raramente os via. Sou filha de Lisboa. Cresci meio bravia, sem grandes regras além das impostas pelos

miúdos da rua. Não sei como consigo morar nos subúrbios, agora, onde as casas acolhem refugiados das Beiras. Saio para o passeio e só vejo mais prédios: emparelhamentos de duas casas, com mais dois apartamentos empilhados uns em cima dos outros. Esquerdos ou direitos, uns com as varandas pintadas de verde-tropa, outros com varandas azul-escuro, que deixaram de ser varandas para serem marquises, que na década de oitenta qualquer ligação a França era sinónimo de chiqueza, portanto, *marquise* é coisa requintada. Mesmo que marquises não passem de jaulas de alumínio velho, com vidros borrifados de chuvas idas, o galicismo salva tudo. É triste ser marquise, sobretudo nos subúrbios, meros anexos para entupir o tê-dois com mais uns cacaréus.

Daqui, só gosto do rio. Mal seria se até o Tejo me tivesse abandonado. O meu Tejo, tão democrático, que bordeja terras insignificantes, como esta, até se poder espriar na minha bela Lisboa.

Estou a caminho da charcutaria, com as recordações a fluírem rápido, tão rápido como era descer a rua da Sé à pendura na bicicleta do sortudo que conseguisse manter a sua a salvo dos furtos dos miúdos mais velhos. Quando isso acontecia, o roubo, dávamos cinco minutos de tempo ao drama que era ficar sem bicicleta, o necessário para passar o 28, onde nos agarrávamos como macacos esticadinhos, colina abaixo ou colina acima, à caça de turistas em apuros. Com um inglês congénito, orientávamos a estrangeirada que encontrássemos a desdobrar mapas, com um ar perdido. Fazíamos-lo em troca de *cigarettes*. Se se desse o caso deles não perceberem inglês, colocávamos o ar mais adulto que conseguíssemos, levando o indicador e o médio, bem juntos, aos lábios retesados, enquanto inspirávamos, expelindo, de seguida, um fumo imaginário. Quando conseguíamos uns cigarros, esfumaçávamos como gente grande, numas escadinhas quaisquer, até uma mão paternal encontrar o rabo de algum de nós, que estalava à força da palmada. Era hora de ir jantar e fumar, afinal, era coisa para gente ainda mais crescida.

O cheiro a carne processada resgata-me destas recordações. Entro na loja pequena, uma mosca pousa no tornozelo, e eu dou um pequeno coice para a afastar enquanto cumprimento o senhor charcuteiro:

— Meio quilo de fiambre, por favor.

— Que bonita vem hoje — galanteia. Eu assusto-me um pouco com o piropo. Desfaso as sobrancelhas prolixas, subindo uma e descendo a outra, não sei se mostrando estranheza, se pedindo mais. Acho que pedi mais porque ele continua:

— Por acaso já lhe disseram que tem os olhos mais bonitos do bairro? Rita, não é?

Concordo. Alguma coisa acende em mim.

— São tristes, mas de uma beleza extraordinária, esses olhos. Farfalhudos. Está bom, desta peça? — ergue triunfalmente um pedaço de carne cozida, rosada. Em tempos, um ternurento bacorinho. — É do melhor que lhe posso servir.

— Veja lá se não tem muita gordura...

— Nada, nem um bocadinho. Este é da qualidade da Rita: magro, jeitosinho.

Volto a ajeitar o xaile à volta dos braços. Detesto ser magra, e este comentário retrai-me, ao contrário dos outros. Lembro-me do Zé sempre a reclamar que não tem onde agarrar e a mosca volta a pousar em mim, desta vez, na ponta do nariz. O homem, que me parecia atento à peça, afinal não estava. Notou:

— Fosse eu mosca e também lhe pousava assim no nariz, Rita! Era ver-me esfregar as patinhas de felicidade! Tem o narizinho tão bem feitinho, nota-se que foi feito com amor. — Ergue uma fatia de fiambre numa pá de plástico — É assim que gosta, não é? Fininho? Como o seu narizinho?

— Sim, sim, o Zé... — quis falar do Zé. Deixar claro que tenho marido. Pese embora ser um marido ausente, achei leal sublinhar. Mas deixei-me interromper, quando o charcuteiro, com aquela bata branca, suja, se inclinou balcão acima, e dei com o seu rosto esquisitamente perto do meu. Beijar-me-ia? Engelhou a cara, os olhos perscrutantes, tão perto que lhe senti o cheiro a nitritos entranhado na pele.

— E essa cicatriz, Rita? Que linda, mas que linda! Tão suave, que só reparo quando pede às duzentas gramas. É o *du*, sabe? Faz assim um biquinho a pedir *du... du...* — e ele apontava expressivamente para a metade direita do seu lábio superior, exatamente no sítio onde eu tinha um pequeno lenho de uma queda

que dei, tinha para aí a idade do Jorge.

— Hoje são quinhentas — e sorrio.

— Quinhentas, então, Rita, que não quero que lhe falte nada! Muito menos fiambre!

Amonta fatia a fatia, faz uma torre delas em cima de um papel, que embrulha mecânica, mas lentamente, enquanto me fita a desconfiança nos olhos. O silêncio agora instalado.

— Ora então, são cinco sessenta.

— Ponha na conta, se não se importa.

Volto-me para o bairro e, percorrendo o caminho de volta, sinto-me diferente. Já não estou macambúzia e um modesto sorriso teima em repuxar-me a bochecha direita. Solto os cabelos e avalio o emaranhado capilar que se formou durante a noite. Mais tarde, marcarei hora no cabeleireiro.

Cumpro a missão-fiambre mesmo a tempo. Quando pouso o saco na mesa da cozinha, dou com o Miguel a sair do quarto. Em boa hora evitei a catástrofe. Vem cómico, de cuecas, e com os peúgos quase a fugir dos pés. Agarra-se-me pelo pescoço. Esfrega os olhos, que mal consegue abrir. Está aturdido, desgredado e traz o cheiro pungente a criança suada. Eu gosto do Miguel, um gostar em nada obrigatório, até porque gosto mais dele do que do Jorge. É este ar de amotinado que ele tem, como se tivesse usado o nervosismo inerente a esta família e o tivesse transformado em qualquer coisa de sedutor. Contrasta com o Jorge, que mastiga a ansiedade, como se fosse uma posta de pescada seca, só para a cuspir em forma de coprolalia, um monte de palavrões incontrolláveis. O Jorge não falou até aos quatro anos de idade até que, desesperados, o levámos ao Arlindo, um bruxo famoso da margem Sul. Não sei que mezinhas lhe deu, sei que rezou, muito, mas quem deve ter atendido as suas preces foi o próprio do Satanás. À saída do bruxo, o Jorge, impávido, deu-me a mãozinha, rechonchuda (o Jorge ainda hoje é gordinho) e vociferou:

— Cabra! Cabra! És um cabra!

Desde aí, é isto, um chorrilho de palavrões de cada vez que se enerva.

Síndrome de Tourette, formalizaram mais tarde os médicos. Eu acho que a culpa foi do Arlindo, parecia-me meio bêbedo, só pode ter rezado à entidade errada.

O Jorge agora também acordou. Os miúdos parecem coelhos, acordam ao mesmo tempo, espreguiçam-se, e é vê-los a sair da toca. O Jorge é um coelho gigante, sorri, e eu sinto-me mal por gostar mais do Miguel. Também tenho estima pelo Jorge, e por isso digo-lhe:

— Comprei-te fiambre.

O miúdo, que vinha na minha direção, faz uma mudança de rumo, e senta-se à mesa. O Miguel segue-o e, por detrás, rouba-lhe as quinhentas gramas de felicidade. Lutam. É breve. O Miguel ganha, ganha sempre, por desistência do Jorge que se encolhe como se engolissem mais um bocado de pescada seca. O Miguel tira o pacote de fiambre do saquinho de plástico, que atira à cara do Jorge e ri-se. Desembrulha-o avidamente, alheio ao esmero do charcuteiro em fazer um belo embrulhinho, e pega em duas ou três fatias de fiambre, segura-as pela ponta e enfia-as pela goela bem aberta, enquanto impede o irmão de chegar às restantes fatias com a outra mão. Acho piada. O putinho é atraganado.

Começo a cantar baixinho. Ou eu penso que é baixinho, porque nisto, o Zé aparece. Não vem feliz. Nunca está feliz. Repreende o Miguel. Censura o Jorge. Barafusta comigo.

— Bom dia, Zé. Dormiste bem, ao que parece — ironizo.

— Dormi bem? Uma porra é que dormi bem! Duas horas não é dormir bem! Ninguém me respeita nesta casa!

Os putos calam-se. Agora ruminam o fiambre, em silêncio. Eu pego num copo de água e penso no charcuteiro. *Que bonita vem hoje. Que bonita vem hoje.*

— Desculpa... não te queríamos acordar.

— O que é que um gajo vos pode fazer?

— Queres que te faça uma sandes?

— Não, ainda venho embrulhado do estômago...

— Mas estiveste a trabalhar ou a curtir? — não consigo evitar os meus ciúmes. O Zé é técnico de audiovisuais, responsável pela iluminação das mais

variadas festas do país. Por mais que o Zé me diga que ir a festas é o trabalho dele, eu não consigo evitar ter ciúmes disso. Faz tempo que não sei o que é uma festa. Nem mesmo em trabalho.

— Rita, Riiita... — só diz o meu nome, mas é uma ameaça. Eu sinto uma pontada de medo na bexiga. Recupero.

— Que foi? Dói-te a cabeça? Que bom, alguém ter cabeça nesta casa...

A tensão fica no ar. Normalmente não lhe respondo, não o provoco, mas hoje sinto-me diferente. Poderosa. *Que bonita vem hoje.*

O ar enrijece. Os miúdos também. Estão tesos de medo. Aproveitando o facto de ter a porta pelas costas, o Miguel escapa-se da cozinha. Eu fico de pé, desafiante, mas o medo cresce e começa a esfaquear-me a bexiga. O Zé olha-me, possante, com o punho cerrado, e eu penso que vai ser ali mesmo, em frente ao miúdo. Vai partir-me o *narizinho bem feitinho*. Outra mosca. Não me mexo. A dona Amélia liga o televisor muito alto, consigo ouvir daqui. Um carro buzina lá fora. O Miguel escapa-se com o fato de treino que usou para dormir. Vai para a rua com o *skate* e ao sair, a porta chia. Tenho de pedir outra vez ao Zé para pôr óleo nas dobradiças. Pouso o copo com água, lentamente. O Zé bufa e sai da cozinha. A minha bexiga aguenta-se, a coprolalia do Jorge não:

— Puta! Cona! Pu-puuuuuta!

O Zé não leva o meu coração a sério. Faz pouco dele. Diz-me que não sou uma boa mulher, que não sei foder, que estou muito magra, que as minhas mamas não valem nada. Bateu-me uma ou duas vezes, mas nada de especial, umas bofetadas e se calhar até as mereci. Também sou impertinente quando quero e, conhecendo-o bem, devia evitar tocar nos seus pontos fracos. Pior é quando me cospe. Isso sim, faz-me chorar muito, dias a fio.

Depois desta discussão na cozinha, foi para a marquise do quarto, fumou um charuto de erva e voltou a dormir. O Zé cheira sempre a erva. Quando o conheci, gostava disso. Agora enjoa-me. O Jorge foi para a rua, ter com o Miguel. Estão nas férias escolares e eu respiro sem dificuldade, os ânimos estão mais calmos, finalmente.

Fecho-me nos cinco metros quadrados que temos de casa de banho, baixo as cuecas, reparo que têm um pequeno buraco na zona do elástico, sento-me na sanita, mesmo em cima de umas pingas de mijo. Devem ser dos miúdos, que não dei pelo Zé ir mijar, e por isso não me importo muito. Deixo a bexiga baixar a guarda e, com as pernas abertas, enquanto urino, não posso deixar de reparar nos pelos grossos que me saem da púbis, alguns tão longos que pousam, marcando um contraste, no tampo branco da sanita. Porra, Rita, nem no Verão? Mais tarde, marcarei hora na esteticista. Não puxo a água para não correr o risco de acordar o Zé, não sei se pôs erva suficiente para se aparrar ou se o sono vai leve, não quero arriscar. Fecho o tampo, tiro as cuecas – vou deitá-las fora – tiro tudo, e fico a olhar-me no pequeno espelho redondo, ferrugento, pendurado por cima do lavatório. Fixo-me no nariz, que ainda há pouco foi brindado com um diminutivo pelo charcuteiro. É pequeno, sim. Afilado. Rodo o rosto para lhe analisar o perfil, tem um pequeno alto no meio, mas nada que lhe tire muito charme. Faço caretas e vejo algumas marcas de tristeza na pele. Nos olhos também. E ao sorrir, vejo uns dentes desalinhados, que talvez merecessem melhor cuidado. Em tempos também tive um lindo sorriso. E ao lembrar-me disso, vem-me à ideia de que afinal tive pai. Comovo-me porque o oiço dentro da minha cabeça a chamar-me *Ri-te, Rita*. Era uma piada porque ele gostava de chegar do trabalho, encontrar-me na rua, e pedir-me para lhe levar uma cervejinha, que estava na hora de ver o Herman José e a Ruth Rita na televisão. Eu ia sempre muito chateada, porque levar-lhe a cerveja implicava interromper alguma brincadeira, e aos oito anos, interromper uma brincadeira era coisa para se cerrar o rosto. E ele zombava:

— Ri-te, Rita! Ri-te, Rita!

Apesar do charcuteiro me ter dito que sou, não me sinto bonita. Talvez veja em mim algum potencial. Esfrego os cabelos, longos fios mortos, de um negrume que reconheço também na minha alma. Ponho-me em pontas dos pés – não são feios, não, talvez secos e gretados nos calcanhares, mas graciosos no feitio – para o espelho refletir mais qualquer coisa do meu corpo. As mamas são más, o Zé tem razão. Mirraram a cada mamada dos putos e olhem que

os miúdos mamavam que se fartavam. Agarro uma em cada mão, e elevo-as, como se as pudesse voltar a pôr no sítio. Largo-as, e elas caem. Não posso voltar à rua sem *soutien*, sobretudo se for comprar fiambre. Afago a barriga, vá lá que é lisa e, embora tenha algumas estrias, o *tigresse* está na moda. Faço cara de tigre, arregalando a boca e termino a inspeção à minha imagem. Não estou bonita, concluo. Mas há algum potencial em mim.

Nessa mesma tarde, vou ao salão, dou um corte jeitoso ao cabelo, pela linha do maxilar. A Sandra, a cabeleireira, disse-me que se usa *imenso* este ano e que me vai favorecer, porque tenho um pescoço alto e as linhas do rosto bem marcadas. Como o cabelo não é totalmente liso, tem umas pequenas ondulações, garante que é acordar e seguir, não vai dar trabalho nenhum. Aproveito que a esteticista tem vaga e arranco os pêlos das virilhas. Sinto-me bem. Vou para casa, o Zé não está, tem concerto em Pombal. Dou o jantar aos miúdos, uma omeleta de fiambre com arroz e batatas fritas de verdade, não congeladas. Também faço uma salada de alface e cebola, que tempero com sal, azeite e vinagre e obrigo-os a comer. O Miguel, fino, espera pelas minhas aparentes distrações para a recolocar na saladeira. O Jorge enerva-se, porque não a quer comer, mas não tem a esperteza do irmão. Começa a ficar com aquele ar de pescada e eu sei que está mesmo para sair...

— Cona da mãe!

— Come só as batatas, Jorge — desisto.

E pela primeira vez não me irrita. Não me entristeço. Está tudo bem.

Amanhã, tenho de ir ao fiambre.

É amanhã e logo estamos no dia seguinte. São sete e meia, e eu não acordo com a desesperança do costume. O Zé chegou a casa às quatro da manhã e enfiou-se na cama, cheirando a erva e a perfume barato de mulher. Não me importo com o perfume barato, mas não suporto o cheiro a erva. Ainda me agarrou, esfregou-me o rabo para me acordar, encostou-se erecto e insinuou uns movimentos sexuais para ver se me despertava. Eu fiquei quieta, acordada, todavia fazendo uma respiração profunda, como se estivesse mesmo a dormir.

Ele levantou-se, foi à casa de banho, demorou uns minutos e voltou mais aquietado. O Zé queixa-se que eu não trato dele. E eu tenho pena, mas realmente não há em mim o mínimo desejo sexual quando o vejo. Às vezes não me consigo escapar assim, e tenho mesmo de aceitar que o homem me invada as entranhas, afinal de contas sou mulher dele e sei que tenho a obrigação de o satisfazer na cama. Dessas vezes, as que não me consigo escapar, gemo um pouco porque ele gosta. E no fim, digo que foi bom, mas não foi. Não é que ele seja um gajo feio, o Zé era o gajo mais giro do concerto dos Ban, a seguir ao João Loureiro, claro. Foi uma noite gira, essa, eu e a Mariana, a minha amiga da altura, cantávamos como se fosse um hino à vida: *Aventuras quero maaaais!* Estávamos ao pé da *reggie* e a Mariana catrapiscou o Zé, que iluminava ora o Loureiro, ora a Ana Deus. Cravou-lhe uma ganza, sugeriu-lhe qualquer obscenidade ao ouvido (a Mariana no seu melhor), mas no fim do trabalho foi a mim que o Zé convidou para ver o nascer do sol. Tinha o cabelo comprido e isso na altura fazia de um gajo um homem. Esquisito. Bom, eu gostei dele, logo ali e ainda bem que gostei, porque engravidei naquela mesma madrugada. Se tivesse tido uma filha, dava-lhe um único conselho: nunca ir a um concerto no período fértil. Emprenhar de um gajo que mal se conhece, mesmo que tenha o cabelo comprido e seja giro, não é nada fixe. Os gajos giros de cabelo comprido engordam e transformam-se nuns burgessos que se põem tesos às quatro da manhã e te acordam como se fosses a versão melhorada, por seres de carne e osso, da revista Gina. Pela parte que me toca e sei, a performance sexual deles continua ao mesmo nível da adolescência.

Vou ao quarto, pé ante pé, à procura, na gaveta da *lingerie*, às escuras, às apalpadelas, do meu melhor sutiã. Comprei-o por ocasião do meu aniversário, há dois ou três anos, e raras vezes o usei. Ponho um vestido florido, com umas flores miudinhas, muito fino, de cambraia. Vou para a casa de banho. Componho-me. Espalho um creme nas pernas, que de tão antigo tem um ar amarelado, com um travo anormal, mas cumpre o efeito de me deixar um pouco mais lustrosa. Concentro-me no busto refletido no espelho oxidado: o corte de cabelo está giro, sim. Pareço aquela atriz brasileira da novela da noite,

que às vezes gosto de ver. Dou-lhe um jeitinho e passo um batom nos lábios. Nada de muito vistoso, um rosinha leve. Quando o espelho me devolve uma mulher bonita, borriço umas gotas de perfume que desencantei perdido no armário, e sigo.

Agarro nas sandálias. Sigo com os braços muito esticados, agora em frente, agora para o lado, pelo corredor fora. Abalroo o *skate* do Miguel e desta vez murmuro *foda-se!* Se o Zé acordar que me veja a sair assim, para saber bem a mulher que afinal não sabe que tem. Ainda rabisco:

Fui ao

E paro. Rasgo o papel. Não deixo recado, não me importa se não souberem mais de mim. Agarro nas chaves, faço-as saltar da mão esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Assobio:

Eu tenho dois amores...

Mas só no meu cérebro, tanta insolência já seria abusar da paciência do Zé. Abro a porta que não chia, ontem o Zé ainda tirou algum tempo para tratar das dobradiças. Mais tarde tenho de lhe agradecer. Calço as sandálias, e a dona Amélia esbaforida, nas escadas:

— Dona Rita!

A respiração dela parece atrapalhar-se mais um pouco. Não sabe se se há-de inclinar sobre o peito, se se há-de empertigar para mim.

— Dona Rita! Faz anos, hoje?

— Olá, dona Amélia...

Sinto-me encurralada, com a mulher-porco a ocupar todo o lance de escada, olhando-me de alto a baixo. Sinto vergonha, até. Talvez tenha exagerado nos preparos.

— ... não, não faço anos hoje.

— Mas então por que motivo está assim tão bem-posta, posso saber?

— Vou só comprar fiambre...

— Sei...

Vejo-me num julgamento, em plena escada de um prédio dos subúrbios. Quem diria?

— Ao Manel?

— Desculpe? — não entendi, genuinamente.

— Vai comprar fiambre ao Manel? — repete, astuta.

O vizinho do andar de baixo sai do seu apartamento. Mesmo que notasse o que se passa aqui, não teria tempo para me salvar da dona Amélia. Vai apanhar o comboio das oito e três, o habitual. Quase corre. Estou por minha conta. Ainda ensaio um passo em frente, para ver se a porca se assusta, se desvia, foge, qualquer coisa. Talvez a pudesse agarrar pelo rabo e vê-la guinchar. Mas a dona Amélia está invencível. Uma porca inamovível. Percebe que percebi que ela percebeu, e ri-se. Alto. Abre a boca e reparo que os dois caninos do maxilar inferior são anormalmente grandes e afiados. Como também tem umas verrugas na cara, na minha cabeça, a dona Amélia deixou de ser um porco. Foi promovida a javali. Lembro-me de umas fotografias perdidas na casa de Lisboa, de um homem novo, ao lado de um destes suínos. Claro que o bicho estava meio morto, tão mortiço como a alma do homem da fotografia. Era o meu pai. Ele esteve em Angola a combater. Embora esse fosse um tema proibido, aquela fotografia em particular, em tons de rosa-velho, era mostrada com orgulho.

— Sim... por acaso conhece outro sítio onde se compre fiambre, nesta terra?

— Não... não... O fiambre do Manel é do melhor que há, é sim dona Rita!

Sorri, exageradamente. Ironicamente. Enojadamente.

— Gasta muito fiambre, não gasta, dona Rita?

— São os meninos... não vivem sem fiambre.

— Estão a crescer, deixe-os lá comer, coitadinhos.

— Ora *atão* não havia de deixar?

— Gosto de a ver. Boas cores. Um batom... Sim senhora, recuperou bem, nem foi preciso levar-lhe o chá...

— Pois, o chá... Deixe, dona Amélia. Se precisar logo lhe peço.

— Ainda lhe bati à porta ontem com a *ma-cheínha* que lhe prometi, mas não atendeu. Vejo que foi à Sandra...

— Gosta? — passo a mão no cabelo.

— Gosto sim, tem boa mão, a rapariga.

Ensaio mais um passo. Ela desvia-se, deixa-me descer. Passo por ela, muito encostada à parede. O javali digladia-me com o olhar, mede a presa. Assim que me livro da vizinha, corro escada fora, como se também eu estivesse atrasada para o comboio das oito e três. Ela sobe mais três degraus e oiço-a arfar e a gemer: *esta escada é que me mata*. Com a mão no puxador da porta do prédio, ouso gritar:

— Preocupa-se em demasia. Preocupe-se só consigo, consigo...

Saio apressada. Arrepanha-se-me o ventre de felicidade quando começo a percorrer o passeio em direção à charcutaria. Passa por mim gente incógnita e alguns rostos familiares. Hoje toda a gente me parece gira. O vento morno desalinha-me ligeiramente os cabelos quando viro a esquina. Endireito-os. Soam os passos ao ritmo dos enfeites das sandálias, que achocalham quando ando. Chego, finalmente. Vejo uma senhora entrar antes de mim e invade-me um ligeiro desapontamento. Quero ser a única! Deixo-me estar à porta, finjo que procuro algo na carteirinha que levo, só para fazer aquele compasso de espera. Pode ser que ela saia entretanto. Parece-me ouvir *que bonita vem hoje*. Apuro o ouvido, com medo de que a senhora me tenha conseguido roubar o protagonismo. Convenço-me de que ouvi mal, até porque ali dentro, só se ouvem as moscas e a máquina de corte. Respiro fundo, dou uns pulinhos no mesmo sítio para ganhar coragem, paro, só mais uns saltinhos, respiro fundo, aliso o vestido, verifico os cabelos. Entro mesmo quando a senhora sai. Mais um compasso de espera, desta vez do charcuteiro. Silêncio, que vou arrasar:

— Fiu, fiiuuuú! Rita...

— Olá. Manel... — arrisco. Pela primeira vez, reconheço identidade ao charcuteiro, como se ele sempre tivesse sido um ser humano.

— Bem... nem sei... — sacode a cabeça.

— Que bonito está hoje — atrevo-me.

— Ai, Rita, você não me diga isso. Pareço um pobre a seu lado. Que vai ser hoje?

— São *du...du...* — exagero a beija de propósito.

— Não me diga, mulher de deus! Se pede às duzentas, sou capaz de ir ao céu e voltar!

— Duzentas gramas de fiambre, Manel.

— Ai valha-me Santa Eulália! Tem a certeza? Olhe que daquele que leva sempre só tenho no armazém. André! Ó André! Chega-me aqui à frente que eu tenho de ir ali ao armazém.

Percebo a dica. Por mais anos que uma mulher esteja fora da cena dos engates, reconhece a deixa quando a ouve.

— A Rita venha comigo, venha. Venha escolher a peça de onde quer um bocado de fiambre. Ó André, André! Não te disse para chegares aqui que tenho de sair?

O André aparece, é o ajudante do Manel. O homem salta para a frente do balcão, põe-se ao meu lado, e faz do braço uma espécie de asa de cântaro, para eu o enlaçar.

— André, eu volto já, que esta cliente é especial.

O André rebola os olhos como quem: eu-sei-bem-o-que-queres-dizer-com-isso-ó-meu-granda-cabrão-atão-tenho-de-ficar-aqui-especado-enquanto-tu-vais-mostrar-a-salsicha-à-cliente-que-só-compra-fiambre?

O Manel abre a porta do armazém, que não é um mero armazém, é um armazém para o frio, e arrepio-me toda logo à entrada, se calhar por isso, se calhar porque sei ao que vou. Tranca-nos lá dentro e eu faço-me de despercebida.

— Temos uma bela pá — mira-me o rabo. — E daqui a pouco uma perna extra — ri-se, olhando para a sua zona genital, que começa a pulsar.

— É um belo armazém.

— Então a Rita gosta de fiambre?

— Mais os miúdos.

— Ai, sim? — responde ele não acusando o toque da alusão à maternidade.

— Hum, hum. — mordo lábio.

— Mas temos outras coisas. Nunca prova outras coisas... — encosta-me a uma arca frigorífica. Está tão perto que confirmo. Um charcuteiro cheira a nitritos. E já há perna extra.

— Que me aconselha a provar, Manel?

— Não sei... é menina de enchidos? — roça-me o indicador pelo braço esquerdo. Reparo que lhe falta uma falangeta.

— Gosto de farinheira. — estico o pescoço. Aparentemente é um movimento inofensivo, à procura de farinheiras. Na verdade, é um truque feminino de sedução, pôr a jeito o colo.

— Hummm... E uma morcela, vai?

— Não sei... hummm... olhe, linguiça é que não.

— Não, não. Linguiça é que não. — segura-me a cara com a mão.

— Assim entre o paio e o salpi...

Não tenho tempo para mais nada, há urgência. O Manel beija-me fundo. Talvez o devesse esperar, mas não me surpreende que saiba a *buffet* de carnes frias. Enquanto me beija, desaperta-me o sutiã e as mamas caem. Estou quente e não me importa. Alço o rabo para cima da arca frigorífica e envolvo-o com as pernas, tiro-lhe a pila de fora e sopeso-a. Serão duzentas gramas? Não sei, mas está bem servido. O Manel põe-me o indicador na boca e faz-me chupá-lo, sim, esse sem falangeta. Olho-o nos olhos enquanto o dedo desliza, húmido, lábios abaixo. Desembaraça-se da bata, debaixo da qual não traz mais nada senão um belo tapete de pêlos encaracolados, uns pretos, outros prateados. Afago-os do peito à barriga, e alegro-me por esta ser menos saliente do que a do Zé. Se calhar até é ela por ela embora a do Zé seja mais para o pendente e ao menos a do Manel dá-me *estrica*. Inclino-me sobre ele, a arfar e vem-me à ideia a dona Amélia ofegante nas escadas. Penso que também eu vou morrer, só que deste desejo intenso que me faz estremecer a carne, que me arrepia os pêlos, que me enrijece os mamilos e me amolece os lábios, que beijam, beijam e beijam mais uma vez o Manel. O homem, não fosse ele experiente em peças de carne, agarra-me às partes: as coxas, uma mama, a outra mama, o pescoço. Em cada parte, lambe, morde, mastiga. Já não penso no Zé nem na sua barriga. Do lado de fora, o André põe o rádio mais alto. Oiço um *foda-se!*, contido, e percebo que o André deve estar chateado. Quero gemer mais baixo, mas o Manel puxa-me o rabo para a ponta da arca, pega na pila, suspira pela

antecipação do que aí vem e empurra-a para dentro de mim. Tenho as nádegas frias em contraste com o ventre, que arde. Não consigo evitar esfregar-me enquanto o Manel está no lufa-lufa do entra e sai. Entra e sai. Sai. Eu gemo. Entra e sai. Pára. Eeeentra e eu estouro. Um género de cócegas que sobem, que me sacodem, que me fazem rir até. Deixam a visão turva e eu beijo o Manel desesperadamente, como se beijá-lo fosse a única forma de sobreviver a todas aquelas sensações. Deixo de ver os fiambres, os chouriços e afins à minha volta. Esqueço-me onde estou e de quem sou, a mulher do Zé, a mãe dos miúdos. Sendo totalmente sincera, acho que há muito que me esqueci ou não estava a foder com um charcuteiro no armazém. Pouco depois, a pila do Manel cospe-se e eu fico toda lambuzada lá em baixo:

— Ai caralho! Foda-se! Ai tão bom, caralho! — também ele está coprolático.

À tona da realidade, penso se também tem Tourette. Fico feliz com o que constato: afinal o Jorge tem hipóteses de se dar bem na vida. Todos nós extravasamos uns belíssimos palavrões.

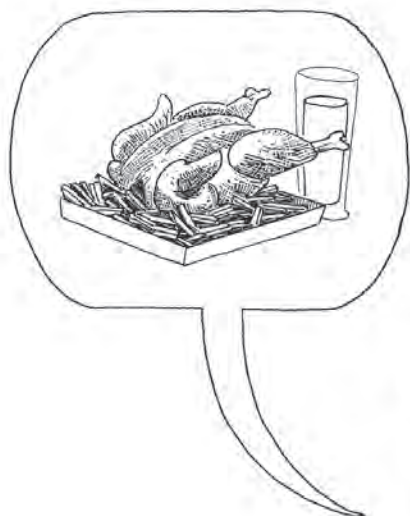
O Manel passa-me uns guardanapos, eu salto da arca frigorífica e limpo-me. Deito o papel num balde do lixo no canto do armazém. Pego na primeira peça de fiambre que encontro, destranco-nos e saio. O Manel segue-me, ainda abotoando a bata. Outra mosca pousa-me no tornozelo mas desta vez é o Manel que esfrega as patinhas de felicidade. O André está atónito, e eu passo-lhe o fiambre para a mão.

— Tanta coisa para escolher um fiambre de merda?

— São quinhentas gramas, por favor.

À saída, seguro o embrulho como se segurasse a minha dignidade, o Manel ainda me dá uma palmada no rabo, quando o André volta para dentro. Para o almoço vou fazer uma quiche de fiambre. Rio-me, muito alto, alheia aos subúrbios, indiferente a tudo. Estou radiante. Lembro-me do meu pai. E no meu cérebro, ressoa baixinho:

— Ri-te, Rita. Ri-te, Rita!



um frango, mas só para mim!

frANCISCO PINTO
IL. RODOLFO MARIANO

I

Albufeira, junho de 1981. Semião regressa a casa ao final da tarde, depois de mais um dia de biscates na construção civil. Desta vez tinha feito de canalizador. Na semana anterior tinha alternado entre pintor e pedreiro. Há dias completara 31 anos. Enquanto apara a barba ao espelho, observa a cicatriz do lado direito da testa e recorda o dia em que ficou com essa marca para sempre, resultante de uma queda de bicicleta. Surge-lhe este pensamento:

– Como é que já passaram quinze anos?

Nesse espaço de tempo havia casado e nasceram dois filhos, um agora com cinco anos e o outro com três. Semião tinha facilidade em adaptar-se a diferentes profissões. Qualquer trabalho que envolvesse destreza de mãos, ele aprendia rápido e conseguia executar tarefas que normalmente requeriam mais tempo de aprendizagem. Não era só na construção civil que isto acontecia. Já tinha trabalhado em restaurantes, cafés e bares. Pegava na bandeja com facilidade e servia às mesas. Atrás do balcão de um bar, para além de tirar cafés, servir outras bebidas, *snacks*, etc., aventurava-se por vezes com sucesso na preparação de *cocktails* mais elaborados. No campo artístico, Semião era um guitarrista autodidata, mas competente. Bom ouvido e intuição musical. Tinha tocado em várias bandas da zona de Albufeira, desde finais dos anos 60. Estas características profissionais e a oferta de trabalho existente no Algarve,

em particular nas zonas mais turísticas, como Albufeira, mantinham Semião ocupado, ainda que muitas vezes em trabalhos precários e com períodos de desemprego pelo meio.

Contudo, havia um problema: Semião não aquecia os lugares por onde passava. Poderiam ser dias, algumas semanas, mas habitualmente nunca mais de três meses no mesmo padrão. Semião costumava parodiar com os amigos, dizendo: “a minha úlcera no estômago, de origem nervosa, não me deixa ficar muito tempo no mesmo sítio”.

O telefone toca. Semião vem à sala atender e reconhece de imediato a voz do outro lado.

– Alfredo? Grande sacana! Onde tens andado? Estiveste mais de dois anos sem dizer nada.

– Oi, Semião! Tens toda a razão. Mas olha, sou capaz de ter boas notícias para ti.

– Conta lá, Alfredo!

– Estou a renovar a banda e preciso de um baixista. Lembrei-me de ti.

– Mas eu sou guitarrista, não toco baixo.

– Tu tocas tudo, meu! Já te vi a fazer música com o *shaker* quando preparavas *cocktails* no Peter’s Bar.

– Bem, sendo assim, posso tentar. Até me dava jeito entrar na banda. As coisas não me têm corrido muito bem a nível de trabalho.

– Temos ensaio amanhã às 15:00 na Sociedade Recreativa de Ferreiras. Queres aparecer para falarmos?

– Claro, Alfredo! Lá estarei.

Albufeira vivia intensamente o início dos anos 80. Ruas cheias de turistas de diferentes nacionalidades, dia e noite. Num percurso de duzentos metros poderiam ouvir-se cinco idiomas. Todos os bares e hotéis tinham música ao vivo. As discotecas tocavam diariamente os últimos êxitos internacionais até de madrugada. Alfredo queria que a sua banda Odisseia, depois de renovada, entrasse nesse circuito de bares e hotéis. Paralelamente, tencionava manter as

atuações que já faziam em bailes e festas populares, frequentados por portugueses residentes ou que passavam férias no Algarve. Este mercado de bailes era o principal suporte da banda no período entre novembro e abril, época em que o turismo reduzia radicalmente, com impacto no negócio dos bares e hotéis. O Alfredo, tal como os outros elementos da banda, fazia música como semi-profissional. De dia trabalhava num escritório. Era um guitarrista competente, com formação musical e acompanhava as novidades que iam surgindo lá fora no mundo da música, principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra. Alfredo liderava a banda, revelando boas capacidades no planeamento do repertório, agendamento das atuações e orientação geral do grupo. Conhecia Semião há vários anos. Aliás, começaram ambos a tocar guitarra na mesma altura, em finais dos anos 60. Nunca haviam tocado juntos antes, mas Alfredo conhecia os dotes musicais do Semião e acreditava que ele seria uma boa aposta para renovar a banda Odisseia que liderava. Alfredo sabia que Semião mudava frequentemente de emprego, mas não conhecia as razões dessas mudanças e nem sequer estava preocupado com isso.

II

No dia seguinte, à hora marcada, Alfredo chega à Sociedade Recreativa de Ferreiras. Poucos minutos depois chega Semião. Logo a seguir vão entrando os outros elementos da banda Odisseia. Quando estão todos, Alfredo faz as apresentações e começa a explicar os novos planos, dirigindo-se a todo o grupo, mas com o olhar mais direcionado para Semião:

– A nossa banda já é conhecida em algumas coletividades e recintos de festas frequentados por portugueses. Mas agora queremos aumentar esse mercado e ser reconhecidos como a melhor banda. Queremos entrar também na animação dos hotéis e bares onde atuaremos para pessoas de diversas nacionalidades. Para isso vamos ter que trabalhar bastante, sobretudo na escolha e preparação de novo repertório. A entrada do Semião como baixista da banda

será uma mais-valia e tem muito a ver com as novas músicas e o estilo de reportório que vamos ensaiar.

Semião intervém:

– Alfredo! Podes dar alguns exemplos dos temas novos que iremos trabalhar?

– Claro! – Responde Alfredo. – Como sabem, o Disco Sound surgiu na América há alguns anos e invadiu a Europa. As pistas de dança mudaram. As pessoas nos bares e hotéis, mesmo aqui em Albufeira, querem dançar, ouvir e bater o pé ao ritmo do Disco. O filme *Saturday Night Fever* com John Travolta foi fundamental para esta mudança. É verdade que as novidades chegam sempre mais tarde a Portugal. Mas a nossa banda vai ser a primeira a tocar Disco nos bailes que se fazem em coletividades e recintos de festas. Respondendo à pergunta do Semião sobre os novos temas: tocaremos tudo o que conseguirmos do filme *Saturday Night Fever* – tais como «Stayin' Alive», «How Deep is your Love» dos Bee Gees e outros que fazem parte da banda sonora. Tocaremos temas da Gloria Gaynor como «I Will Survive»; também alguns dos Kool and the Gang, como por exemplo o «Celebration». E muitas outras músicas que vão continuar a surgir quase diariamente nos tops, na onda da batida *disco*. A conversa entre os cinco elementos da banda, incluindo Semião que já aceitara o convite para entrar, prolongou-se por mais de duas horas. No final havia um plano de trabalho com ensaios marcados para começarem na semana seguinte.

III

Começam os ensaios da banda Odisseia. O ritmo de trabalho é intensivo e prolonga-se por todo o mês de junho (1981). Durante este período de ensaios, os antigos elementos da banda, com destaque especial para o Alfredo, vão conhecendo o perfil de Semião, como músico e como pessoa. Semião revela-se um bom companheiro. Tem boa onda, nos momentos de pausa conta histórias, diverte o pessoal e está sempre pronto a ajudar. No campo musical, adaptou-se

bem à guitarra baixo e mostra boa capacidade para executar os temas. Contudo, no que diz respeito às prioridades musicais que a banda fixou e ele concordou, Semião começa gradualmente a discordar e a manifestar outras preferências. Cria-se alguma desestabilização nos ensaios derivado das contradições que Semião revela em termos das suas preferências musicais. Estas contradições começam a ser frequentes: Semião, num dia diz que gosta de determinado tema e quer tocá-lo, mas no dia seguinte deixa de gostar e surge com outra preferência. Por exemplo, em determinado ensaio Semião manifestou desagrado em relação a algumas músicas da linha Disco Sound que a banda estava a ensaiar e eram consideradas prioritárias. Semião propôs substituir algumas dessas músicas por temas dos Beatles, que não estavam nos planos da banda. Na semana seguinte, noutro ensaio, Semião chega e diz que afinal já se desinteressou dos Beatles:

– É música do passado. - dizia ele. E continuou - por acaso estive quase toda a noite a ouvir rádio e apanhei uns temas muito fixes, bons para a malta tocar.

Pega na guitarra e começa a entoar alguns desses temas. Decorrido cerca de um minuto, o pessoal da banda, como se tivesse sido acionado por um botão de Start/Stop grita em uníssono:

– Meu! Mas isso é Disco Sound! É aquilo que tu não gostavas na semana passada. Deves ter fumado alguma coisa ontem à noite. Mas se fumaste fez-te bem, agora estás mais alinhado com a malta.

O pessoal soltou uma gargalhada enorme, até o Semião teve que sorrir e o ensaio lá continuou. Estas contradições tiveram alguma continuidade e começaram a preocupar Alfredo, que se interrogava: «será que estas atitudes irão continuar quando a banda já estiver na estrada? As contradições que o Semião vem demonstrando no campo musical terão alguma coisa a ver com o facto de ele “não aquecer o lugar” nos outros trabalhos profissionais? Até que ponto o trabalho intenso de ensaios que a banda está a ter não poderá vir a ficar prejudicado?» Durante uma destas reflexões veio à memória do Alfredo um acontecimento vivido pelo Semião quando trabalhava num bar. Semião tinha relatado esse acontecimento aos outros elementos da banda num dos primeiros ensaios, da seguinte forma:

– Foi há mais ou menos um ano. Eu estava a fazer duas noites por semana como *barman* no Dunas Bar. Encerrava o bar às 2:00 e logo a seguir corria para casa, porque às 7:00 da matina tinha que estar a pé. Nessa altura trabalhava como pintor na construção civil e pegava o trabalho às 8:00. Numa dessas noites, precisamente à 1:50, quando preparava tudo para fechar o bar, entram três inglesas e cumprimentam: “hello, good evening!” E logo de seguida fazem o pedido: “we would like to ask you three toasts: ham and cheese, please!” Pareceu-me que já tinham bebido bastante. Passei-me completamente! Olhei o relógio para confirmar as horas, as pernas começaram a tremer, mudei de cor, mas depois controlei-me e em poucos segundos pensei: “Se mando estas bifas para um *certo sítio*, o diretor vai ficar a saber e, nesse mesmo dia, sou despedido. Se sirvo as tostas, só vou dormir duas horas e as paredes que eu pintar amanhã vão ficar na História de Portugal. Já sei! Vou servir umas tostas especiais”. Respondi às *ladies*: “Yes, of course! Im going to make your toasts. Have a seat, please!” Fui à cozinha, liguei a tostadeira e peguei nos ingredientes para as tostas – fatias de pão, queijo e fiambre. A seguir resolvi “maltratar” essa matéria-prima: atirei o queijo e fiambre ao chão, ainda pensei noutras loucuras, mas contive-me, voltei a apanhar tudo, meti o queijo e o fiambre nas fatias de pão e depois tudo na tostadeira. Quando estava pronto, servi. Meia hora depois percebi que as *ladies* de sua majestade tinham acabado de comer e se preparavam para pagar, então perguntei: “Did you like it?” Resposta rápida: “Yes! The best toasts we had in Albufeira. Thanks. See you next time!”

Quando o Semião terminou este relato, ninguém na banda conseguia parar de rir. Uma história que ficou na memória de todos e passou a ser conhecida pelo código de “tostas à Semião”. Alfredo mantinha esta história bem presente e achava-lhe uma piada enorme, mas, sempre preocupado com o sucesso da banda, não conseguia deixar de se interrogar se haveriam outras ligações entre essa história e algumas atitudes e contradições mais recentes do Semião.

IV

Em julho (1981) terminaram os ensaios e a banda Odisseia foi para a estrada. A agenda de Verão estava bastante preenchida. A banda iria atuar, durante os meses de agosto e setembro, três vezes por semana, em média. Cerca de vinte e cinco atuações no total, a maior parte das quais em bailes e festas populares. Estavam agendados também alguns eventos em hotéis e bares. Nestes eventos, especialmente em hotéis, a banda tocava um alinhamento de músicas preparado com antecedência, que incluía músicas ritmadas para dançar, mas também outras mais direcionadas para ouvir. Já nos bailes a estratégia era completamente diferente. A banda subia ao palco sem um alinhamento prévio. Quando muito acertava antes quais as duas primeiras músicas a serem tocadas. Era o Alfredo que decidia depois as músicas seguintes. Fazia-o com base na sua experiência e na observação que ia fazendo das preferências concretas e reações do público. Antes de uma música terminar, o Alfredo, com base na observação da pista, já tinha decidido qual seria a música seguinte e comunicava com o resto da banda. Este processo de decisão e comunicação entre os elementos da banda tinha que ser rápido, caso contrário, alguns pares poderiam abandonar a pista. Se tal acontecesse, fazê-los depois regressar tornava-se por vezes difícil. As primeiras atuações nos bailes e festas correram bastante bem. Os temas novos na linha Disco tinham sido bem escolhidos e ensaiados, a banda soava afinada e coesa. O público foi-se habituando gradualmente àquela nova onda e sonoridade. Começaram a passar palavra a outras pessoas acerca deste novo repertório. Diziam aos amigos: “Olha, vai ao baile em tal dia, eles tocam aquelas músicas do filme do Travolta!”. Na atuação seguinte surgiam novas caras a pedir determinadas músicas, cujos títulos não sabiam pronunciar. Referiam-se então a uma cena concreta do filme *Saturday Night Fever* para a banda conseguir identificar a música. Tudo parecia, de facto, estar a correr bem.

Depois de algumas semanas de atuações algo se alterou. Quando o Alfredo comunicava à banda qual a música seguinte a ser tocada, começou a tornar-se

frequente o Semião responder: “essa música?” ou “estou farto de Disco!”. O Alfredo respondia então: “qual é a que sugeres?”. Vinha uma resposta do tipo: “é pá, não sei!” ou então “escolhe tu outra!”. O Alfredo dava a entrada para a música que antes escolhera e as coisas avançavam. Entretanto, durante aquele diálogo no palco, alguns pares já tinham saído da pista e regressado aos lugares. Durante o intervalo e no final de cada atuação Alfredo alertava Semião, na frente dos outros elementos, que aquela sua atitude no palco prejudicava a banda. Fora do palco, nas pausas e momentos de descanso o Semião continuava a ser um bom companheiro. Os bailes e festas populares no Algarve durante o verão eram sempre ao ar livre. A ementa de comidas em cada festa parecia estar decretada, era fixa e conhecidíssima de todos: febras e frango grelhado na brasa. A úlcera nervosa do Semião decidia atacar em todas as festas. Por vezes ainda faltavam quinze ou vinte minutos para o intervalo e o Semião já fazia sinais SOS ao Alfredo, apontando para o estômago. Alfredo, perante estas emergências, antecipava por vezes o anúncio do intervalo nalguns minutos. O que se passava a seguir era notável. Semião corria para o grelhador e apanhava o primeiro prato que estivesse pronto: febras ou frango, não discutia nem regateava. Trazia o prato para a mesa onde a banda iria comer. Mas, entretanto verificava a falta da cerveja, do pão, ou mesmo do guardanapo. Levantava-se e ia ao bar. Quando voltava, o prato tinha sido assaltado: o frango já só tinha uma perna, ou simplesmente não tinha pernas, parte das febras também tinha voado e ainda se ouviam os últimos ruídos da trituração à volta da mesa. Semião protestava, perguntava quem tinha sido, chamava alguns nomes aos presumíveis ladrões, mas depois comia, antes que desaparecesse tudo e a seguir voltava ao grelhador para pedir reforço.

A banda continuava a realizar as atuações agendadas. O balanço das primeiras semanas, em termos da recetividade do público, era muito positivo. Existiam até já algumas propostas para bailes durante a época baixa. As atitudes de Semião no palco, relativamente às escolhas musicais do Alfredo, continuavam. Por vezes o tom negativo de Semião acentuava-se com frases deste tipo: “já não posso ouvir Disco!”, “odeio essa música!”. Alfredo perguntava sempre: “e

qual é a tua sugestão?”. Nunca obtinha uma resposta válida e avançava com a música que já tinha escolhido. Numa atuação no início de setembro (1981) a cena de palco repete-se e Alfredo pergunta:

– Tens alternativa?

Desta vez, Semião responde:

– Sim! – e sugere uma outra música. Alfredo, numa fração de segundos, diz:

– Ok! Por acaso não me parece boa opção, mas se tu gostas, vamos tocá-la!
– lança um sorriso discreto à banda e arranca com o tema indicado por Semião.

Nessa noite não houve mais interrupções da parte de Semião.

Nas semanas seguintes as atuações continuaram, Semião não fez qualquer comentário às escolhas do Alfredo, a transição entre as músicas começou a ser mais rápida e os pares mantinham-se na pista.

V

Finais de setembro (1981). A agenda de atuações estava quase cumprida. A banda estava cada vez mais profissional, coesa e sem falhas, mas havia um desgaste natural após três meses de estrada. Os momentos de descompressão já não eram tão divertidos, muito embora o relacionamento se mantivesse amigável. A banda tinha potencial para continuar, depois de um período de descanso que todos reclamavam e consideravam merecido, quando terminassem as atuações de Verão. Numa das últimas atuações Semião chama todos os elementos da banda e informa que tomou a decisão de sair do grupo depois de cumprida a agenda de Verão. Causou alguma surpresa aos outros elementos. Semião justificou dizendo que queria mesmo repensar a sua vida em termos familiares e profissionais. Não havia grande margem para argumentações da parte dos colegas, que aceitaram a decisão. Chegou o dia da última atuação. O trabalho no palco correu muito bem. A banda agradeceu à audiência, informou que iria fazer uma pausa para descanso, mas que queria vê-los em breve nos bailes de inverno, com muitos bailarinos a superar John Travolta. Faltava a despedida

de Semião. E as despedidas são difíceis... Havia amizades criadas, que não iriam terminar, mas a ausência e a diminuição do convívio iriam acontecer no futuro. No momento da despedida as faces e os olhares mostravam alguma apreensão quanto aos próximos passos na vida de Semião. Todos os elementos da banda sabiam que nos últimos quatro meses Semião tinha passado por cinco empregos diferentes e, pelo meio, esteve algumas semanas sem trabalho. Antes de se despedirem mesmo, e cada um partir, Semião dirige-se a todos, com uma cara bastante séria:

– Tenho um aviso muito importante a fazer! Desta vez vocês não vão fazer comigo o que têm feito nos últimos três meses!

Semião faz uma pausa. Alfredo não consegue falar e troca olhares com os outros elementos da banda Odisseia. O clima é de suspense. Semião volta a falar:

– Aviso-os a todos que: *vou buscar um frango, mas é só para mim!*

Sete anos depois (1988). Alfredo encontra o Óscar, um amigo que já não via há muitos anos. Tomam um café juntos para colocar a conversa em dia. Alfredo fala das suas atividades e projetos futuros. Óscar relata também a sua história nestes anos em que perderam o contacto. Informa que trabalha nos escritórios da Taxiserviços, a maior empresa de táxis de Albufeira. Depois surpreende Alfredo:

– Sabes quem lá trabalha também?

– Não imagino. Responde Alfredo.

– O Semião, como motorista. Há já talvez uns cinco anos. Quando entrei já ele lá estava.

Alfredo não consegue falar durante alguns segundos. Mas, acaba por perguntar:

– E a música? Deixou-se disso?

– Não! Creio que esteve algum tempo parado, mas depois arrancou com toda a força.

Deixou a guitarra e dedicou-se aos teclados. Toca agora piano no Sunset Bar. Já lá tenho ido algumas vezes beber um copo. Havemos de ir um dia

destes, é bastante agradável. O Semião toca versões instrumentais dos anos oitenta e muitos temas da era Disco Sound. Vais ver o pessoal animado a sério!

Alfredo passa da surpresa à alegria e não consegue disfarçar a emoção. Responde rapidamente para contornar o embaraço:

– Em que noite vamos ao Sunset? Marcamos já!



CINTURA DE VÊNUS

HELENA FIGUEIREDO PINA

IL. ALEXANDRA SALDANHA

José Valete, mais conhecido por Valete (e às vezes Zé Valete) era um solteirão inveterado. Tinha uma aparência comum, nem gordo nem magro, nem alto nem baixo, mas mais para o magro e para o alto. O seu estilo era descontraído e confortável, invariável de *jeans*. Possuía uma cabeleira escura, salpicada de cinzentos amontoados nas têmporas e nas patilhas, um pouco na franja. A tez, um pouco macilenta, era do tom moreno de uma certa herança mourisca. Nas suas feições correctas, uma barba grisalha cuidadosamente descuidada cobria o maxilar anguloso. Os olhos vivos, de um castanho adocicado, apareciam vincados pelas olheiras típicas de quem é filho da noite.

Da infância ficara-lhe uma pequena cicatriz na testa de uma queda qualquer. As memórias, essas, riscou-as. Valete não tinha irmãos e os progenitores já tinham morrido. Mas muito antes de terem fisicamente partido já não existiam para ele.

Apesar da vida pobretana que tivera, sempre fora bom aluno e chegara a entrar na faculdade, mas a certa altura desinteressara-se e faltou-lhe a persistência para terminar o curso de arquitectura. Durante a sua juventude, a determinada altura conheceu também o mundo das outras artes.

Estudou, cultivou o seu gosto, aprendeu a linguagem, relacionou-se com pessoas e estilos muito diversos e absorveu como uma esponja todas as referências. Tornou-se autodidacta. Depois saltou profissionalmente do desenho

técnico de arquitectura, para a escultura, do design, para a publicidade. Tinha facilidade para o desenho, jeitinho de mãos e sentido estético. Mas o que lhe interessava mesmo eram as pessoas, tinha um fascínio especial pelas mulheres. Nos intervalos do trabalho, dedicou-se às artes da sedução, tomou-lhe o gosto, ganhou “calo” no engate e foi-se tornando cada vez mais refinado. Era um perfeccionista.

Aos quarenta anos cansou-se de cumprir horários (e trabalhar para os outros) e decidiu mudar de vida. Apostou no *webdesign* e tornou-se *freelancer*. Comprou uma Opel Combo a diesel, deixou o seu apartamento na Ajuda, mudou-se para um bairro incaracterístico da zona de Cascais. Alugou um pequeno apartamento num 3º andar sem elevador, de renda acessível, que era perfeito simultaneamente como covil e ateliê.

Trabalhava ao projecto, era bom no que fazia e respeitado no meio. Aproveitando bem os contactos, sabia ser selectivo nos trabalhos que aceitava. Cumpria prazos e oferecia sempre qualidade. Fazia-se pagar em conformidade.

Gostava da solidão do trabalho e da inconstância do ritmo. Alternava maratonas de directas seguidinhas com períodos de preguiça desregrada. A imprevisibilidade das suas rotinas fornecia-lhe álibis perfeitos para quando não queria aturar “amigalhaços” ou fazer parte dos planos das mulheres que engatava.

Em tempos, mantinha duas ou três amantes em simultâneo (algumas delas casadas), mas era uma ginástica cansativa que fora perdendo a piada. Aman-sara com a idade e agora seguia o lema: “uma de cada vez”. Por temporadas variáveis, enquanto lhe dessem pica. Tinha como regra nunca escolher mulheres demasiado perto casa, nunca amigas dos amigos, nunca clientes ou afins. Em suma, nunca misturar as águas.

Naquele dia, Valete amanheceu esquisito. Saiu de casa em alvoroço e entrando na velha carrinha arrancou sem destino. Precisava de pensar na sua vida. Era quinta-feira, 19 de Maio e fazia cinquenta anos. Passara uma noite insone

fixando a luz, rendilhada pelas persianas avariadas, do candeeiro da rua situado mesmo em frente.

Acabou por estacionar numa praia, lá para os lados do Guincho e desceu a arriba a pé. Àquela hora, o areal quase deserto era um bom local para alinhar as ideias. O vento arremessava agulhas fininhas que até lhe sabiam bem. Nunca se sentira tão existencialmente ansioso, precisava de tempo para se acalmar.

No horizonte limpo e sem nuvens, do lado oposto do Sol, observou aquele suave arco rosado, entre a faixa escura da sombra da terra e o tom azulado do céu. Era o deslumbrante espectáculo da Cintura de Vénus, um fenómeno atmosférico que acontece ao lusco-fusco, ao amanhecer e ao anoitecer. Durante uns momentos, conforme a luz do Sol se move pela atmosfera, o céu parece corar como a deusa, com o dia que se levanta ou cai, até ao azul ou ao negro, respectivamente.

Antes, aquele rosa leitoso trazia-lhe à mente um cheiro húmido de vagina e a vontade de mergulhar. Agora, reconhecia-se insatisfeito, dormente. Perdera a motivação para a conquista, deixara de ir à caça. Sentia fugir-lhe o gosto pela vida.

É certo que existia Natália, com quem mantinha uma relação intermitente nos últimos dois anos e que o acolhia sempre com aquele sorriso meio tolo. Conhecera-a numa repartição de finanças. Nessa altura andava com Isaura, que nos últimos tempos se transformara numa criatura ciumenta e controladora, impossível de aturar. Para ele estava na hora de mudar de namorada.

Natália chamara-lhe a atenção pelo seu ar simpático de patinho feio. Tinha aparentemente trinta e muitos, um pouco tímida, sorriso apatetado de dentes desalinhados. Com alguns quilos a mais, tinha uns belos olhos verdes pitos-gas com uns grossos óculos de massa. Percebia-se claramente uma fraca auto-estima e possuía, portanto, um excelente potencial.

Naquela mesma noite, começara a traçar novos planos. Como gostava de se auto-proclamar 100% fiel, preparou as coisas de forma a romper com Isaura, como já fizera dezenas de vezes com outras mulheres. Isaura deu-lhe um pouco mais de trabalho mas lá se conseguiu desembaraçar dela.

Finalmente tinha o caminho livre para investir em Natália. Esperou por ela à saída do emprego, seduziu-a rapidamente com a sua voz cheia e bem modelada, acentuando a doçura do olhar. Demonstrou as suas “intenções sérias” com tiradas melosas, que, na medida certa, funcionavam na perfeição. Quando Natália se encontrava já rendida, mostrou como a valorizava dando-lhe confiança para que soltasse o cabelo e fizesse um corte que lhe ficava melhor. Aconselhou-a para que fosse ao dentista colocar um aparelho e a Coimbra para corrigir a miopia e libertar os olhos verdes. Convenceu-a, no entanto, a manter as roupas largueironas e informes e as curvas bem alimentadas porque “gostava dela assim como era”. Ela ficara-lhe eternamente grata e, desde então, mantinha-a calmamente em “banho-maria”.

Na verdade, havia já algumas semanas que, a pretexto do trabalho e do cansaço, não via Natália. Se calhar, estava na altura de assumir um relacionamento mais sério, com mais constância. Não ia para novo. Natália não era particularmente estimulante na cama, mas podia proporcionar-lhe uma estabilidade que talvez fosse exatamente o que estava a precisar.

Levantou-se e abandonou a praia, certo de que o rumo da sua vida iria mudar. Tinha algumas coisas para decidir e mais tarde jantaria com Natália que, estranhamente, ainda não havia ligado a dar-lhe os parabéns. Passou o resto da tarde a preparar-se. Fez a barba e foi aparar o cabelo, engomou com esmero a camisa branca.

Natália ligou perto das 19h a dar-lhe os parabéns e a pedir muita desculpa por não poder ir jantar com ele. Tinha tirado dois dias de férias e fora visitar uns amigos a Aveiro, estaria de volta domingo à tarde. Ligara no início da semana para o avisar, mas o telemóvel dele (como era habitual) estava desligado e ele não havia retornado a chamada. Quando voltasse prometia que iriam jantar.

Sentiu uma fúria avassaladora, mas segurou-a e despediu-se amistosamente

dizendo-lhe que não tinha importância e que, de qualquer forma, nunca ligara muito ao seu aniversário. Antes de desligar recomendou-lhe ainda que se divertisse, que não se preocupasse que ele tinha muito que fazer. Estava fora de si!

Então agora Natália tirava assim dias de férias e ia ter com amigos? Não sabia ela muito bem que ele fazia anos?

Sem pensar duas vezes, foi ao chaveiro da entrada, tirou as chaves que Natália lhe havia dado, desceu as escadas quatro a quatro e entrou na carrinha. Ia a Campo de Ourique investigar.

Em casa de Natália, tudo parecia mais ou menos na mesma, tirando os cortinados novos da sala e umas quantas almofadas coloridas no sofá. Era estranho que ela fizesse estas alterações sem lhe pedir opinião, ainda para mais, com almofadas amarelas!

Mas também não havia nenhum candeeiro fluorescente... – pensou.

E bem vistas as coisas há quatro semanas que ele não lhe dava qualquer atenção. Provavelmente, Natália devia estar um pouco deprimida e precisava de se alegrar.

Deve ter-se esquecido que o amarelo era proibido...Ou isso, ou queria mostrar, de alguma forma, qualquer revolta!

Quando ela chegasse, dar-lhe-ia a tanga que se sentia mal por tê-la descuido e, rapidamente, as almofadas iriam à vida. Com um batom que encontrou na casa de banho, escreveu-lhe uma mensagem romântica no espelho e foi-se embora tranquilamente.

Assim que chegou a casa foi tomar duche. Não possuía água quente (nunca instalou esquentador) e tomava banho de água fria em qualquer estação do ano. Considerava o choque térmico particularmente revigorante. Por outro lado, não corria o risco de as mulheres se sentirem como “em casa”. Até hoje nunca tinha acontecido.

Passou os dois dias seguintes a fazer arrumações.

Natália abriu a porta de sua casa no domingo ainda de manhã. Quando entrou na casa de banho repuxou a boca num “ó”. A mensagem olhava para ela no espelho mas só não conseguiu mesmo controlar as lágrimas quando viu o batom Chanel completamente arruinado!

Quando se acalmou, ligou a Valete marcando o jantar para aquela mesma noite, num restaurante ali perto.

Valete estranhou um pouco aquele grave da voz, mas atribuiu-o à surpresa do inusitado “AMO-TE!” desenhado no espelho. *Natália devia estar sem jeito e até escolhera aquele restaurante pomposo em sua homenagem!* – Não era para menos, usava o trunfo do amor com parcimónia e nunca, até agora, com ela.

Muito satisfeito consigo próprio, à hora marcada Valete estava no restaurante com a sua camisa engomada e as botas engraxadas. Tinha até trazido os óculos “à intelectual” para ler melhor a ementa. Natália chegou atrasada. Estava mais magra e usava um vestido elegante, com saltos altos que lhe favoreciam as pernas. Valete mostrou um sorriso radiante mas estava descontente.

Havia de lhe chamar à atenção que o vestido acima do joelho era demasiado curto, o decote demasiado revelador e o novo penteado não era nada adequado para o seu rosto.

Ela alindara-se para ele, mas tinha ido longe demais. – Decidiu deixar para mais tarde aquele assunto.

O jantar terminou antes da sobremesa. Natália trouxe-lhe uma caixa de “ovos moles” e uma notícia amarga. Tinha conhecido no ginásio um homem por quem se tinha apaixonado. Queria terminar a relação com Valete e que não se preocupasse com as chaves pois ia mudar a fechadura.

Aquilo foi para Valete mais do que coices no estômago. Apesar do orgulho ferido, e engolido, tentou fazê-la mudar de ideias, disse que lhe perdoava o devaneio, que a amava e que queria ficar com ela. Lembrou-lhe os dois anos em conjunto. Natália mostrou-se irredutível e Valete virou costas para não a esganar.

Conduziu que nem um louco pelo asfalto, acabando por parar em terreno que lhe era familiar. Extravasou a sua raiva na Praia do Abano, com berros insanos e pontapés às pedras, até adormecer a chorar baba e ranho, a única

traição que sofrera em todo o seu curriculum amoroso. Acordou febril, com o Sol já empinado. Trôpego, voltou para casa e meteu-se na cama durante uma semana. Estava um farrapo humano. Queimou na pia da cozinha as fotografias de Natália e uma camisola que ela lá deixara. Desejou poder queimá-la a ela, *àquela grandessíssima puta, àquela vaca que tinha tido a lata de o humilhar daquela maneira. E como é que ele não dera por nada? Estava a perder qualidades.*

Deixou de tomar banho e quase de comer. Manteve-se num torpor químico, com pena de si próprio, a lambuzar mágoas, durante mais uma semana.

Um dia olhou-se ao espelho e quase se assustou com o reflexo. Aquele não era o Zé Valete que conhecia. *Ao Zé Valete ninguém deita assim abaixo, muito menos uma simples mulher!* – Deitou os comprimidos pela sanita e agarrou-se à sua velha agenda. *Mulheres havia muitas!*

Lia recebeu a mensagem com surpresa. Era sexta-feira e tinha acabado de sair do colégio onde trabalhava como educadora de infância, no Estoril. Ia apressada tomar um banho e arranjar-se para ir jantar com as suas duas melhores amigas. Há anos que não ouvia falar de Valete! Sorriu lembrando-se daquele engatidão charmoso, mas rapidamente esqueceu a SMS.

No domingo à noite, Lia recebeu um telefonema de Valete. Era a mesma voz sensual de que se lembrava. Um pouco abatida talvez..., mas era a mesma voz. Ficou a saber as novidades dos últimos dez anos, num desfiar de amarguras. Consolou o Zé como pôde, tentando animá-lo. Quando conseguiu, finalmente, desligar eram já quase quatro horas da manhã, tinha pouco mais de três horas para dormir. No dia seguinte estaria ainda mais rabugenta que os miúdos!

Quando chegou a casa, depois do jantar, o telemóvel tocou novamente com o Zé do outro lado. Desta vez, levou menos tempo a despedi-lo, avisando-o que se levantava cedo. Os dias passaram e aquilo tornou-se um ritual. Lia tinha pena de Valete: *era tramado ser trocado... ajudaria no que pudesse.*

Passadas umas semanas, após muita insistência, acedeu a ir tomar um café num Sábado de manhã. Valete apareceu na sua carrinha poeirenta, óculos escuros, cabelo e barba aparados, camisa azul e uma mochila de lona coçada que em tempos já fora daqui. Estava um pouco mais magro do que Lia se lembrava e embora os olhos pestanudos estivessem um pouco encovados, mantinham aquele brilho. A idade tinha-lhe dado uma *patine* interessante e continuava com aquele seu ar *blasé* meio artístico, agora maduro. Ficava-lhe bem. Naquele Sábado foram almoçar a Carcavelos e depois ao cinema.

Todas as noites o mesmo ritual, telefonemas longos em que falavam de tudo, inclusive de música, arte, literatura. Valete era bem-falante e culto, sabia ser encantador e isso era refrescante para Lia.

Na primeira vez que foram para a cama, Valete levou-a a um hotel simpático em Sesimbra, para passar o fim de semana. No sexo tivera vagar, demorou-se nas incursões pelo corpo pequeno e miúdo de ossos, como se precisasse de a ver com as mãos. Vendando Lia, esmerou-se no massagear dos pés com o olhar fetichista fixo na fenda rósea que espreitava, não poupando elogios à madureza das carnes. Jogou com o *suspense* da lentidão terna e a surpresa quase dolorosa dos golpes de anca violentos, que logo suspendia controlado. Mas, de cada vez, em cada final, limitava a virar-lhe as costas, como se secretamente desejasse que ela já não estivesse ali. No final desse fim de semana confessou-se logo “apaixonado” e pareceu triste quando Lia lhe pediu para ir com calma. Depois disso, houve muitos almoços e jantares, muitos passeios, concertos, filmes e exposições.

Lia aceitava serenamente este namoro com Zé Valete. Era mansa no trato mas tesa no carácter. Continuava a exigir tempo para si e a sair sozinha com as amigas. Era uma mulher independente de quarenta e três anos e gostava bastante da sua vida, era a favor dos relacionamentos “cada qual na sua casa” e já deixara isso bem claro. Às vezes Valete parecia-lhe chateado mas, por outro

lado, dizia conformar-se lentamente à ideia. E mandava-lhe longas mensagens poéticas que a deixavam toda babada!

Sozinho com as paredes nuas da sua sala, Valete observava os arabescos cinzentos do cilindro de cinza perigosamente instável. Era curioso como o rumo sempre firmemente traçado podia de súbito esbater-se com um sopro. E o treino apurado da paciência não tornava agora o teste mais fácil. Lia, que parecia por um lado quase simplória, demorava a render-se e ainda não lhe dera as chaves do seu apartamento. Já lhas pedira uma vez ou duas, mas ela limitara-se a sorrir. Sorria somente, olhando-o com aqueles olhos translúcidos, num silêncio pacificamente incomodativo. Discutir não fazia sentido, mesmo numa argumentação subtil. Lia era hábil nas palavras e nos silêncios. Mostrava um lado indomável que o irritava mas que, por outro lado, lhe dava luta.

No dia seguinte, era novamente Sábado e tinham marcado encontro para irem conhecer um pequeno paraíso. Apesar de lhe custar acordar tão cedo, Lia estava entusiasmada e preparada para a aventura, calçara sapatilhas como lhe recomendara Valete, pois o acesso seria difícil.

Valete conduziu um pouco para lá da praia do Guincho, em direção ao Cabo da Roca, e ajudou-a a descer as falésias que escondiam da vista a Praia da Ursa. A grande pedra da Ursa tinha ao longo do tempo alterado a sua *fácies* por força da erosão e do passar do tempo, mas continuava lá, imponente. Com o auxílio de lanternas, desceram cuidadosamente, em ziguezague, os trilhos íngremes até à língua de areia dourada. A caminhada merecia todo o esforço, a praia era linda e estava completamente deserta, parecendo intocada. Valete tirou da mochila uma caixa com *croissants* mistos e fruta para o pequeno-almoço. Estendeu sob a areia uma manta que enfeitou com três pequenos botões de rosa vermelhos.

Lia estava deslumbrada assistindo ao desenrolar de uma esperança inconfessada. Esperava a qualquer momento um sinal, um baixar repentino de nublada, um súbito hálito quente de vento, um arrepio derretido.

Sentaram-se a comer e a apreciar o suave amanhecer. Quando acabaram a refeição, Valet despiu vagarosamente as roupas de Lia. Agarrou-lhe sofregamente o rosto e beijou-a lenta e demoradamente, enquanto as suas mãos se fechavam fortemente sobre aquele pescoço esguio. Observava extasiado os olhos de espanto da mulher enquanto no horizonte, do lado contrário ao Sol nascente, surgia uma magnífica faixa rosada.

Deixou na areia o corpo sem vida, recolheu as pétalas despedaçadas e todos os vestígios da sua passagem. Sorriu. Sabia que a maré viria completar o resto do trabalho e apagar as pegadas. Apanhou um seixo redondo e colocou-o em equilíbrio sobre uma rocha incrustada na areia. Subiu com vagar o trilho escarpado, a assobiar baixinho. Saboreava aquele gosto salgado ligeiramente acre de matança. Tinha descoberto um novo elixir para a sua vida. Transformara-se num assassino.

Sobre o contorno da silhueta lívida de Lia, o ar congelou ao aplauso da morte. No céu manchado nem sombra do seu sonho de papel.

Diário de Lia:

6 de Junho

De tempos a tempos, olhando o horizonte invisível chamo-o no nevoeiro em busca de um milagre. Mas, daquela gaze cinzenta apenas volta devolvido o eco mudo da minha voz. Desconheço o seu nome e o seu aspecto. Tenho para mim a certeza que de uma névoa marinha há-de sair aquele que será o meu cavaleiro andante.



João

ISABEL MILHANAS MACHADO

IL. INÊS LOURO

Ou talvez assim estivesse determinado,
que eu amasse justamente a pedra, o rio e todas estas coisas que nós vemos.

Hermann Hesse, *Siddhartha*

Para eles.

Primeiro • Cães no Lodo

Desde aquele dia, João nunca mais falou com os seus ex-companheiros de casa. Durante cinco anos, João tinha dividido com os seus quatro melhores amigos umas águas-furtadas no centro de Lisboa e a última vez que estiveram juntos foi há mais de dez anos.

Dois deles haviam decidido ir viver juntos, outro acabou por regressar ao Brasil para casa dos pais e outro apaixonou-se por uma galega. A casa onde moravam em Lisboa foi vendida a uns franceses e transformada num alojamento local. João foi o último a sair.

Depois, João alugou uma casa em Santo António dos Cavaleiros e trouxe Beto consigo. Beto por esta altura já teria doze anos, confirmou o veterinário.

Nos primeiros tempos, João tentou manter contacto com os ex-companheiros de casa mas a tarefa foi-se tornando cada vez mais difícil e poucos encontros existiram. Chegou a visitar a casa que Isabel e Vítor alugaram em Campo

de Ourique, um T2 com quintal na Rua Correia Teles, e os três, das poucas vezes que conseguiram, encontraram-se nos cafés da Tentadora.

Nesses escassos encontros, João e Isabel lembravam os restantes. Isabel recordava-os com aquela mágoa típica de quem sente falta, ou simplesmente evitava o assunto e João não insistia. A última coisa que João queria era que Isabel se afastasse dele por isso limitava-se a ouvi-la falar da gata que tinha adoptado e do seu novo emprego numa empresa de revisão de conteúdos. Mais ninguém aparecia naqueles encontros; na verdade, estavam quase sempre fora e poucas foram as vezes em que João os viu. João continuava a pensar em Isabel e Dinis como um só e tendia a perguntar como é que ele estava, na esperança de ela saber algo dele. Mas nada. Isabel apenas sabia que Dinis vivia em Vigo com uma miúda que tinha conhecido e nada mais.

Ao longo do tempo, João foi perdendo o contacto e passava cada vez mais tempo em Santo António dos Cavaleiros, onde vivia. Levava o Beto ao parque junto à Cidade Nova, visitava um amigo de vez em quando que vivia em Sacavém e pouco mais. João não trabalhava: escrevia um artigo por mês numa revista *online* e o subsídio de apoio oferecido pela sua deficiência era suficiente para pagar a casa, as despesas do veterinário e manter uma vida mais ou menos sustentável. Como acontecia desde os seus dezassete anos, João visitava regularmente o Curry Cabral para vigilância da sua doença e aproveitava o passeio para visitar o Apolo 70 e parar na livraria. Trabalhava lá uma rapariga simpática e João gostava de a ver desempacotar livros e atender clientes chatos. De vez em quando metia conversa com ela.

– Estes livros entram na promoção? – perguntava João com três livros da Cotovia.

– Sim, desde que tenham a etiqueta da nossa loja, fazemos a promoção. Oferecemos o de menor valor até seis euros.

– Ótimo, obrigado.

João não sabia o nome da rapariga – Joana talvez, pareceu ter ouvido – mas achava-a muito bonita e, percebeu mais tarde, fazia-lhe lembrar Isabel.

Segundo • Cardo-Mariano

As dores eram mais fortes do que o habitual. Tinha ido à casa de banho cinco vezes durante a noite e das cinco vezes nunca chegou a tempo à sanita: toda a porcaria acumulada nos intestinos ganhava vida própria e parecia que rebentava por todos os buracos do seu corpo. Beto, deitado na sua cama azul com barcos, assistia de cabeça murcha e virava as orelhas sempre que João gemia mais alto. Pelas quatro da manhã, João conseguiu levantar-se e pôs água a ferver enquanto mudava a bolsa da colostomia.

– Precisamos de mais cardo-mariano. – disse para Beto que o seguia com o olhar.

Nessa manhã, João deixou-se ficar até tarde na cama, já passava das onze quando finalmente abriu as portas do quintal para que Beto pudesse esvaziar a bexiga. Estava um belo dia de sol mas João sentia-se sem forças para levar o cão até ao parque, limitando-se a ficar à porta à espera que aquele estivesse aliviado. Voltaram para casa. Encheu o prato com ração, pôs água fresca e voltou para a cama. Fechou os estores e enroscou-se na almofada. Beto, saciado da primeira refeição do dia, procurou as pernas do dono e enrolou-se. Por norma, Beto gostava de ficar aos pés por fora da manta ou na sua cama. Mas desta vez o animal procurou aninhar o seu corpo o mais possível na curva deixada pelos membros de João. Esta sensação de calor que o cão lhe proporcionava fazia João sentir-se em paz e, de certa forma, feliz, apesar das guinadas que teimavam em aparecer na zona abdominal. Massajava ao de leve a zona e tentava imaginar-se numa tenda de campismo junto ao mar.

Quase adormeceu.

Sem querer, lembrou-se de uma história que Dinis lhe tinha contado há muitos anos e teve vontade de rir. Tinha a ver com a mãe de um amigo dele que estava completamente passada e se despia para o filho, confundindo-o com o marido. Quando pensava melhor nisto, a situação perdia toda a graça, era triste até, mas João lembrava-se da cara de Dinis a contar aquela história e ria-se a lembrar-se disso.

De repente, sentiu vontade de telefonar ao ex-companheiro de casa, saber como estava, onde estava. Apercebeu-se que não sabia quase nada do Dinis e acabou por achar que um telefonema passados tantos anos iria apenas soar estranho e esqueceu a ideia. Voltou a tentar imaginar que estava numa tenda, desta vez com Beto aos pés, conseguiu adormecer. Imaginar-se numa tenda com o mar por trás era-lhe muito agradável. Tranquilizava-o. Esquecia o desconforto.

Acordou eram quase sete da tarde. Beto chorava e havia um certo cheiro a cocó de animal na sala. João levantou-se com a mão na barriga, viu que a colostomia estava bem presa e a bolsa ainda ia a metade. Tinha tempo de ir à rua e voltar, podia tratar da higiene depois. Vestiu um casaco de meia estação, colocou o arnês em Beto, saiu e andou dois metros para o lado direito da casa, não precisou de andar mais porque já o animal descarregava na calçada um enorme cocó para os quais foram precisos dois saquinhos para eliminar estes vestígios da via pública.

– Estava a ver que não apanhava o dejecto do animal, – disse uma velha que passava nesse momento.

João ignorou e regressou a casa. Preparou a segunda refeição de Beto juntamente com Cardisur e Furosemida que o animal tomava há cerca de dois anos, desde que lhe foi diagnosticada doença cardíaca. Instalou-se na secretária. O prazo para entrega do artigo do mês estava prestes a acabar, esperava-o uma noite acordado em frente ao computador.

Terceiro • Um Telefonema

A noite de trabalho terminou mais cedo do que esperava. Às três da manhã, João estava numa ambulância em direcção a Lisboa. Os bombeiros encontraram-no na cozinha contorcido de dores e a segurar na bolsa que entretanto se descolara da pele. A casa cheirava a fezes e Beto tremia junto ao seu dono.

– Este jovem tem Doença de Crohn fulminante, é seguido no Curry Cabral,

ouviu uma enfermeira dizer ao médico de serviço.

– Tem alguém a quem possamos ligar? – veio a mesma enfermeira perguntar mais tarde.

Eram quase dez da manhã quando João finalmente conseguiu que a vizinha do R/C ao lado abrisse a porta das traseiras, que dava para o quintal de João, e levasse Beto para sua casa. João não sabia quanto tempo teria de ficar no hospital e sabia que assim, pelo menos, água e comida estavam asseguradas. Pelo menos por agora. Demorou até os médicos perceberem a razão do agravamento da doença que parecia até aí estabilizada. Sendo um hospital universitário, incumbiram um interno de acompanhar o chefe do Serviço de Gastrenterologia e dar-lhe as notícias.

– Infelizmente a doença avançou para neoplasia intestinal. Não podemos afirmar que a causa seja a Doença de Crohn, de facto muitos doentes com este tipo de neoplasia nunca tiveram problemas intestinais ou do foro digestivo no geral. No seu caso, acreditamos que a doença tenha fragilizado o seu sistema ao ponto de se tornar um alvo fácil para outros tipos de doença. Nós sugerimos que se faça uma operação de forma a

Por esta altura, João interrompeu a enfermeira e disse:

– Preciso de fazer um telefonema. Pode ser?

– Claro que sim – respondeu a enfermeira – sabe o número de cor?

João ficou em silêncio.

– Sim.

Quatro • Toyota Yaris

– Olá Isabel, é o João.

– João João! Há quanto tempo, João! Desculpa, não estava a reconhecer o número.

– Este não é o meu número. Estou a ligar do hospital.

– O que aconteceu? Estás bem?

– Mais ou menos. Queria pedir-te um favor.
– Diz.
– O Beto está sozinho, precisava que tu
– O Beto ainda é vivo?
– (*ri-se*) Sim, está velhote mas está bem. Muito chato, já sabes.
– Com as cadelas, não?
– Sim, passa a vida a cheirar os passeios e a querer mijar em todos os cantos.
– Mas ias dizer-me...
– Sim. Precisava que fosses ver dele. Não sei quanto tempo vou ficar internado. A minha vizinha hoje está a tomar conta dele mas não quero abusar, já é velhota. Desculpa, se não te der jeito, é na boa. Sei que isto é um bocado estranho, não falamos há uma data de tempo e agora ligo-te para

– Eu trato disso. Dá-me a morada por favor.

Quarenta minutos depois, Isabel estacionava o Toyota Yaris à frente da casa de João. Bateu à campainha da vizinha que a recebeu com um cheiro a sopa vindo do interior da casa. Por instantes, aquele momento trouxe a Isabel uma sensação de paz e familiaridade que há muito tempo não sentia e fez questão de dizer à velhota que cheirava muito bem.

– Sopa de agrião. É servida? Acabadinha de fazer.
– Não, obrigada. Vim buscar o Beto. Sou a amiga do João.
– Ele disse-me. Mas entre, por favor.
– A sua casa é muito bonita.
– Obrigada. O Beto está lá atrás no quintal, mas vamos beber um chá primeiro, quer?
– Com certeza.

Nisto, a velhota vira-se de costas e por momentos Isabel pensou que há muito tempo não se sentava na cozinha de alguém, à espera de um chá ou o que quer que fosse preparado especialmente para ela. Sentiu-se triste e olhou lá para fora. Viu Beto deitado num monte de mantas e pensou em João.

– De tília, aqui tem.
– Obrigada.
– Vim para esta casa quando casei. O meu marido e eu comprámos com uns

dinheiros que ele herdou dos pais. Na altura não havia nada aqui à volta, este prédio foi dos primeiros a ser construído.

– O seu marido, ele...

– Morreu há seis anos. Tinha mais dezassete anos que eu. Os meus pais não gostavam nada dele, diziam que era um velho. Mas eu gostava dele e olhe

– Lamento.

– Deixe lá, filha. Fomos felizes, isso fomos. – A velhota parou um momento, fitando as suas mãos em redor da chávena de chá. Suspirou levemente e retomou. – Gosto muito do João, sabe? Já o conhece há muito tempo?

– Sim, há alguns anos. Éramos miúdos, vinte anos.

– A gente depois vai perdendo o contacto, não é?

Isabel sentiu-se ligeiramente envergonhada e retomou após um breve silêncio.

– Sim, depois seguimos caminhos diferentes. Há algum tempo que não falava com ele.

– Ele está sempre aí. Anda sempre com o cão. Nunca o vi com namoradas ou em bebedeiras. Às vezes faço uma panela grande de sopa e vou lá levar-lhe. Com bastante hortelã, como ele gosta. Eu sei que ele está doente, eu já vi o saquinho que ele usa. É triste vê-lo aqui sempre sozinho, sabe. Eu sou velha, eu e o meu marido não tivemos filhos, sou filha única, portanto, não há ninguém. Mas ele é um homem novo. Podia ter uma vida diferente, estar

– Às vezes é difícil, com as vidas de hoje em dia

– Eu sei filha, mas quando se quer arranja-se sempre tempo. Hoje em dia gostam muito de dizer que não há tempo para nada.

– Hoje em dia também há mais coisas

– Mas há mais facilidades, filha. Não queira saber como era antigamente. A gente para ir daqui para Lisboa, por exemplo, era um cabo dos trabalhos. Hoje não, a gente mete-se na Barraqueiro e num instante está na Calçada de Carriche. As pessoas sim, é que eram diferentes.

– Pois.

– O que lá vai, lá vai.

– O Beto tem-se portado bem?

– Sim, tem estado sempre ali deitado. Vá lá que hoje não chove, para ele poder estar à vontade. Gosto muito de animais mas dentro de casa não.

– Claro, eu percebo.

– O João tem sempre a casa asseada, isso é verdade. Mas faz-me confusão ver o cão ali na casa, e os pêlos. Vai estar com ele hoje?

– Sim, há uma visita às 19h. Vou deixar o Beto em minha casa e depois sigo para lá.

– Dê-lhe um beijinho meu, sim?

– Claro, não se preocupe. E obrigada.

– Ora essa. Gosto muito daquele rapaz. Merecia uma boa vida, e de pessoas que gostem dele, se preocupem com ele...

– Sim.

– Vamos lá buscar o animal.

Cinco • Quarto Andar

Passaram-se quatro dias desde o internamento do João. Durante esse tempo, Beto habituou-se à companhia de Isabel e esta adaptou o seu dia-a-dia à rotina do animal: Cardisur e Furosemida de manhã, três passeios por dia e ração cardíaca. Ao quinto dia, João foi transferido para um quarto sozinho no quarto andar do hospital. Às 14h35, Isabel passeava Beto no Jardim da Parada quando recebeu um telefonema. Sentou-se no banco e chorou, agarrada a Beto.

Nessa manhã, horas antes, João pediu a uma enfermeira – a que mais gostava – para lhe trazer papel e caneta. Às 13h30 adormeceu, mas desta vez não se forçou a imaginar-se numa tenda com o mar ao longe: no momento em que fechou os olhos, todo o seu corpo se tornou mais leve. Estava novamente na Praia da Ilha do Pessegueiro com Beto, que corria à beira-mar atrás das gaivotas. Havia uma tenda ao lado e as suas pernas ainda se conservavam quentes da presença do animal.

Às 14h00 João foi declarado morto.

Seis • Depois

Pela altura do funeral do seu amigo João, Isabel reencontrou Dinis e Vítor que, ambos abalados com a notícia da morte do seu ex-companheiro de casa, correram a Lisboa. Vítor por essa altura vivia em Salamanca e Dinis continuava em Vigo mas solteiro. Só Adriana, também ex-companheira de casa, não conseguiu regressar a Lisboa.

Isto fez com que Isabel, Dinis e Vítor se obrigassem a presenciar todos os momentos das cerimónias, desde o velório na Igreja de Nossa Senhora de Fátima até ao enterro no Cemitério do Alto de São João.

Durante esses dias, Dinis e Vítor pernoveram na casa de Isabel em Campo de Ourique, o que se tornou bastante agradável aos três, apesar das circunstâncias do reencontro. Na verdade, Isabel estava realmente feliz. Ainda amava Dinis e Vítor era o seu melhor amigo.

Durante muito tempo, Isabel não conseguiu abrir a carta que as enfermeiras da ala de João lhe entregaram aquando da sua morte. Na verdade, esquecia-se muitas vezes que a havia guardado na segunda gaveta da mesinha de cabeceira. Se por acaso abria o compartimento e via o pequeno pedaço de papel à espreita, voltava a fechar a gaveta rapidamente e fugia para outra divisão.

Sete • Para Isabel

“Isabel, fui filho durante pouco tempo e tempo de mais. Tentei ser um homem bondoso, aquele que espia os seus receios, mas acabei transformado num jovem em explosão. A nossa amizade foi a minha maior bondade, destem-me uma tarefa simples: ser feliz. E eu não fui capaz. Nunca, em nada disto, fui capaz. Conquistei os meus dias na cabana, que podia ter sido a nossa, naqueles dias frios em que te aborrecerias com a lenha miúda. Se procurares o nosso barco, naquela casa de cinco, vais vê-lo afundado. Se fomos felizes? Sim, mas sofro quando rio. Com as minhas birras de rapaz na tua serenidade

de mulher. Somos o passado daquela casa, não o esqueço, tu também não, guarda-o para mim. Acolhe o Beto, sabe ele melhor das nossas tristezas e alegrias. Espero-vos, sem pressa.

Até já.”



SÓ, POR SER ASSIM...

JOÃO PRAÇANA

IL. JOÃO SILVESTRE

Eram sete e quarenta, e o toque do meu despertador era suave e belo. Porém, sabia-o mais do que de cor, e apressei-me a desligá-lo. Deixei-me ficar imóvel por alguns momentos, até sentir no corpo a vontade de levantar. Saboreei o fresco da manhã, e entreguei-me de seguida ao gosto de tratar de mim. Fazia-o de forma prática, mas sempre com prazer. Desde o banho e algum creme diário até ao último ajuste em frente ao espelho, encontrava instantes bem gastos a pentear-me, a observar a pele, a retocar a sua suavidade, e a colocar uma maquilhagem normalmente leve.

Saí de carro. Eram vinte minutos até ao Serviço. Podia estacionar sempre em frente dele, e esta facilidade e privilégio agradavam-me. Porque podia chegar calma e quase sempre adiantada, sem enfrentar imprevistos diários. Tinha tempo para uma contemplação serena e fresca do que seria a minha entrega ao dia de trabalho, sem pensar em nada mais. Era como se entrasse num túnel, onde toda a paisagem desaparece e só se vê o próprio túnel, bem como, por vezes, a sua saída lá ao longe. Eu era escritã numa secretaria de tribunal. Tinha um trabalho regrado e nada criativo, mas agradava-me a escrita e, acima de tudo, a destreza que ali era necessária para ela. A responsabilidade era uma exigência constante. Não podia haver erros nem omissões. As ressalvas tinham de ser muito bem expressas, por um lado, para evitar a subjectividade e, por outro, para não dizer nada a mais nem a menos. A concentração tinha de ser

conseguida a qualquer custo e, se fosse o caso, retomada quando necessário.

No entanto, demorei apenas um par de anos, até as regras e os procedimentos se organizarem em voo, suspensos, a toda a volta da minha cabeça. Assim, se precisava de uma coisa qualquer, bastava-me erguer um pouco os olhos, como se estivesse a refletir com um olhar distante, e ficava imediatamente a ver o que precisava saber, ou o que devia procurar. Não sei se havia mais alguém que vivenciasse uma experiência mental assim, porque ali ninguém falava quase nada de si próprio. Mas sei que esta minha faculdade, se assim lhe quisermos chamar, me dava um grande conforto e segurança. Porque me sentia, permanentemente, com o controlo de todas as situações. Na verdade, fosse o que fosse que ali acontecesse, eu tinha a sensação de saber no segundo seguinte, o que tinha de fazer, ou como iria começar a fazê-lo. E era também por eu sentir um pouco de orgulho inconfessável nesta minha organização mental, que não sabia se mais alguém a tinha. Porque eu não explorava este assunto com ninguém e assim, mesmo admitindo que outros poderiam ter experiências semelhantes, entregava-me à reserva tola de lhe atribuir o estatuto de coisa exclusivamente minha, ou de meu segredozinho.

Era sexta-feira e a manhã passou bem depressa. Tirando uma urgência logo ao início, passei o resto do tempo a preparar assuntos para a semana seguinte. Não havia entre colegas o hábito de almoçarmos juntos, porque era como calhava. Havia quem levasse comida, quem fosse a casa, quem ficasse a terminar algum assunto urgente e nem almoçasse, e quem fosse comer a algum café ou restaurante próximos. Eu comia sempre algo leve à hora de almoço. Porque isso era o bastante para eu ficar satisfeita, mas também porque não chegava a descontrair, e não me entregava de outra forma a uma digestão pesada.

Fui a um sítio habitual, nas redondezas, comer uma simples salada. Mal tinha tocado na refeição, recebi uma chamada. Vi com manifesto agrado que era a Bea, a minha melhor amiga. Esta era a forma cómoda de me referir a ela, pois evitava revelar a mim própria e também a outros, o embaraço de ser a minha única amiga. E embora me possam dizer que isto é disparate, que a melhor amiga é sempre única, então, nesse caso, a Bea teria de ser para mim,

imensa e deliciosamente única. Tínhamo-nos conhecido por mero acaso, se bem que eu não saiba dizer ao certo se já conheci alguém de outra forma. Mas no caso da Bea essa sensação era superior, porque parecia depender de um mero instante. O de termos ficado juntas, pela primeira vez, numa pequena fila, antes de realizarmos a prova que viria permitir a minha admissão na função pública. Chegámos depois, por bastantes vezes, deliciadas, a tentar determinar quantos poucos minutos essa fila durou. Talvez, dizíamos, até tenha demorado muitos, porque nos bons momentos, o tempo passa depressa. Mas a verdade é que nesses minutos, já éramos amigas, já tínhamos trocado contactos e agarrado as mãos, e já tínhamos vivenciado um pleno entendimento tácito, onde cada uma sabia perfeitamente adivinhar a outra.

– Desculpas-me?! – perguntou ela logo que estabelecemos a comunicação.

Enfatizou o pedido num tom de súplica lento, que lhe dava um toque de malícia. Porque parecendo querer que eu desculpasse alguma coisa que ela ainda nem sequer tinha revelado estava, na verdade, a usar um subterfúgio para que eu ficasse curiosa e receptiva.

– Devo desculpar... sim... – anuí, acolhendo-lhe a malandrice e sorrindo bem disposta.

Mas o assunto, afinal, não era assim tão ligeiro. E só nos dias seguintes me daria conta da efetiva dimensão dele. Para já, a minha amiga Bea informava-me que iria viver para o Porto. O pedido de desculpas era porque a mudança ia acontecer já na semana seguinte, e ela tinha-a preparado em segredo, ansiosa, sem saber bem se ia ou não ia, mas sem me dizer nada, porque preferiu gerir e garantir o controlo da sua incerteza, apenas por si própria. Percebi que era uma questão de carreira, de progressão, de ambição, de algo que ela queria mesmo depois de ter hesitado durante semanas, mas no fundo não percebi nada, porque não consegui assimilar o problema, assim, de forma tão repentina.

– Tu queres mesmo ir? – perguntei, já que era a questão que me pairava na boca.

– Já decidi.

– Mas isso não é resposta ao que te perguntei. – disse eu, devolvendo-lhe de novo a pergunta.

– Sim, eu quero mesmo ir. – retorquiu de novo, mas num tom contundente e sem emoção, abrupto, que apenas significava que havia mais que contar.

E por isso queria encontrar-se comigo no fim de semana. No sábado ou no domingo. Tanto lhe fazia. E eu tive muita pena que não fosse logo no sábado. Porque desejava ouvi-la. Mas não podia. Tinha uma festa lá em casa. Uma petiscada, como lhe chamavam o meu marido Jaime e os seus amigos – e eu teria de andar lá por perto. Assim, só nos poderíamos encontrar no domingo. Ambas compreendemos isso num instante de silêncio, mas no qual partilhámos logo uma estranha tensão comum, porque de uma forma completamente inesperada, e sem que tivéssemos hipótese de lhe estabelecer alguma ligação racional, apareceu ali um grosso fio de angústia, que não parecia poder sair apenas daqueles dois nossos pequenos quererinsatisfeitos, por terem de esperar mais um dia. De seguida, retomámos a conversa, mas de forma já muito rápida e simples. Pouco mais dissemos para além de combinar a hora e o local.

Voltei para o trabalho. Mas o assunto em si mesmo, e o carácter repentino presente naquela situação não me saíram totalmente da cabeça. Talvez como se houvesse mais uma regra ou uma frase a voar à minha volta. Não costumava acontecer-me este tipo de distração. E o pior é que o assunto da Bea me trazia à tona, também, a festa do meu marido. Como se eu tentasse reequacioná-la, adiando-a, que seria a medida mais simples. Mas o meu pensamento logo partia desta simples hipótese para imaginar mais e mais formas mirabolantes de tentar compatibilizar esta festa com a Bea. Na minha cabeça tudo se misturava: o meu desejo de estar com a Bea e a indiferença que aquelas festas me costumavam fazer sentir; as coisas que eu mudaria naquelas festas para torná-las agradáveis para mim e para a Bea; a forma que aquela festa teria se fosse organizada por mim; e partindo deste cenário, as reacções e os comportamentos dos amigos do meu marido, e também dele próprio, ao andarem por lá, deslocados do formato da petiscada que lhes era habitual. Cheguei a interromper o trabalho por causa deste meu alheamento. Mas depois, como tantas outras vezes sucedia, sobreveio a firmeza profissional de recuperar a concentração, e só me apercebi que estava no final do dia, quando vi os meus colegas já em jeito de ir embora.

Caí em mim, e decidi nesse mesmo segundo que iria às compras. Por um lado, não me apetecia deixar essa tarefa para sábado de manhã. Por outro lado, voltava a ter presente a inquietação que me tinha surgido durante a tarde, e não me apetecia estar parada. Sentia vontade de agir, rápido, fosse no que fosse.

Quando cheguei com as compras a casa, o Jaime já lá estava. Recebeu-me afável, como sempre. Era, aliás, uma faculdade que não exercia apenas comigo. Também procedia dessa forma com os seus amigos, colegas e conhecidos. Tínhamos uma notória diferença de idade. Ele era vinte e dois anos mais velho. Por causa de um demorado processo judicial frequentou o tribunal onde eu trabalhei durante longos meses. Tínhamo-nos conhecido assim, tratando de expedientes processuais ao princípio e, simultaneamente, de coisas românticas, passado algum tempo. A simplicidade da sua simpatia fazia-me gostar dele de uma forma espontânea. E se no final desses meses casámos, assim, sem mais nem menos, tudo isso se desenrolou também de uma forma mais que natural. Eu sabia que ele via em mim uma mulher que lhe agradava. O facto de ser muito mais nova acrescentava-lhe um encanto especial, formado por um sentimento inicial de surpresa e depois, de originalidade. Eu via nele um homem singelamente sedutor. Parecia-me um homem certo para uma mulher como eu. E eu também me sentia tão certa de que uma mulher devia ter um homem assim, que nada em mim oferecia resistência para me relacionar com ele. Não existiram grandes promessas ou declarações de amor, nem grandes jogos de cortejamento ou sedução. Tudo aconteceu de uma forma simples e despreocupada. Foi como se caminhássemos por um passeio, como tantos que vejo por aí. Passeios antigos, construídos há muitos anos, suficientemente sólidos, portanto, para resistirem ao tempo, mas ainda cuidados e bonitos. Passeios que se podem percorrer de forma agradável numa tarde feliz. Mas que, lá bem no fundo, nos direccionam através dos seus percursos, bem polidos pela passagem do tempo, e pelas inúmeras vezes que já foram percorridos.

Despi o meu corpo à noite, e senti-o à vontade, liberto e nu. Mas dessa sensação não se formou desejo incontornável. Apenas uma noção apazível sobre contacto carnal. Passei as mãos por mim própria e apreciei momentos de uma

calma que me parecia ancestral. Provinha de reconhecer em mim a condição de fêmea, de sentir os ecos da sabedoria de todas as outras fêmeas, como se chegassem até mim todas as suas vidas e destinos. O meu desejo parecia ser ampliado pelo desejo que elas também já tinham sentido, ou então, uma parte do desejo delas parecia ter sido ali vertido em mim. Como se recebesse um impulso. Uma vontade adicional de sentir um homem que envolvia a minha própria vontade. A par de uma fonte de consciência feminina, capaz de me sussurrar sensualidades e de me incitar a elas. Mas que sempre me impelia para que uma parte intrínseca da minha satisfação, resultasse de auscultar e avaliar o prazer que lhe daria a ele.

Era assim que sentia o corpo dele. Nunca totalmente alheada em mim própria, nunca plena de êxtase só meu. Antes somando em mim o prazer dos dois. E quase sempre como se não fosse somente eu a estar ali. Dialogando de alguma forma com todas as outras mulheres presentes na minha consciência, e alimentando o meu querer e a minha sensualidade a partir desse diálogo.

Terminado o êxtase físico, porém, já todo este enquadramento estava acabado também. Só sabia que tinha acontecido por tê-lo na memória, por uma questão de recordação. Sei que se reflectisse sobre isto, avivava em mim, nessa altura, um sentimento de vazio abrupto, incompreensível. Mas também sei que a seguir achava sempre curioso que esse vazio não me deixasse marca. Ultrapassava-o, esquecendo-o, sem mais, logo que me concentrasse noutra coisa qualquer.

Estava longe de sentir a petiscada como se fosse uma coisa minha. E os meus afazeres também eram reduzidos. Tudo era tratado pelo Jaime e pelos seus amigos. E este tudo era, no fundo, bem pouco. Bastava, normalmente, existir bebida e grelhados. O resto era alegria e muita conversa. Eu era muito mais nova do que quase todos eles. E o que pretendiam de mim, era apenas que mantivesse um pouco da minha presença. Porque era sempre a única mulher que ali estava, e sem que seja fácil demonstrar porquê, a minha idade bem mais baixa, facilitava-lhes a liberdade de algumas confidências, e até a de se meterem ligeiramente comigo. Coisa que nunca tendo sido desagradável,

acabava por me divertir. Porque lhes achava graça, e porque sempre foram de comportamentos apropriados. Mas para o fim da festa, ficavam mais entregues a si próprios..., e talvez à bebida. Por isso, embora me mantivesse por perto, sabia que podia ficar mais isolada e confortar-me, se me apetecesse, a fazer outra coisa qualquer.

Liguei à minha mãe. Ainda não eram horas de jantar. E por sinal, ela ainda nem sequer estava a prepará-lo. Mas já estava recolhida. Em grande medida, porque não havia muito para fazer. No interior, boa parte das pessoas já serve muito mais para ocupar território, do que para grandes realizações. Perguntei-lhe como estava, e ela também me perguntou o mesmo. Mas não fiquei a saber grandes novidades. Eram sempre poucas as coisas que se alteravam. Podia, por vezes, morrer ou até, nascer alguém, mas o que mais acontecia era o passar dos dias e o decorrer da vida ao ritmo desse ciclo astral.

Também não era costume saber muito mais coisas, porque a nossa distância geográfica, não apenas simbolizava a distância da nossa relação, como até a aumentava, porque lhe servia de pretexto. O principal motivo da distância nas relações entre pessoas é o germinar de assuntos de que não se fala. Com o passar do tempo, estes assuntos atraem outros assuntos, e com o passar de mais tempo, atraem cada vez mais e mais assuntos. Um daqueles de que nunca se falava era sobre a falta da minha presença por lá. Cada uma das partes fingia assumir, silenciosamente, que ela não era possível por causa da distância física. Isto era, claro está, a justificação mais fácil, porque a sociedade sempre tolerou bem que as pessoas se afastem, desde que isso se justifique com a busca de facilidades distantes.

Mas não era este o caso. O afastamento resultava de vivências muito diferentes. Na prática, sempre impossíveis de abordar, conversa após conversa. Criando cada vez mais silêncios, comportamentos motivados por expectativas não resolvidas, e coisas indizíveis. Uma das coisas que nunca se dizia e estava relacionada com a minha ausência, incomodava-me de forma lenta, permanente e duradoura. A presença próxima do meu irmão, bem como a sua companhia e atenção constituíam um alívio e uma segurança lá em casa. É claro

que tornavam mais evidente a minha falta. Mas o que era muito pior que isso era que, naquilo em que ele ajudava, e que fazia por manifesto gosto e vontade próprias, não ficavam contempladas muitas coisas da minha mãe: muitas tarefas, e também muitas perspectivas e reflexões essenciais a uma mulher, e a um lar. O vazio que a minha mãe mantinha nessa área não me passava despercebido. Porque se não se abria mais à presença da minha cunhada, não era porque isso lhe fosse difícil, nem inconcebível, nem sequer porque até certo ponto não o desejasse, ou não lhe achasse viabilidade. Era para manter à volta dela um espaço que poderia ser meu. Um espaço de que ela cuidava diariamente, como se esperasse a minha chegada. Mas na verdade era apenas uma forma de me sentir por ali, em espírito, e de mentalmente estabelecer uma conversa e uma ligação comigo, cuidando do que eu nunca cuidei. Creio que não mo dizia para manter este território intocado. Para que não lhe escapasse entre os dedos. Receando, certamente, que bastaria falarmos dele para se poder atenuar de uma forma falsa, com alguma decisão prática que atenuasse o seu esforço físico, ou com alguma decisão que lhe criasse conforto mental. Ora, no fundo, nenhuma decisão destas resolvia nada, porque nenhuma nos aproximava.

Estava tão certa que este assunto calado e omissos consumia uma manifesta parte de nós, como estava consciente e contristada da impossibilidade da sua resolução. Pois se a minha mãe nada dizia para que este seu espaço e, acima de tudo, para que eu própria, não lhe desaparecesse ou ficasse ainda mais longínqua, também eu nada dizia, temendo destruir-lhe essa sua forma de me amar, se lhe aludisse à impossibilidade prática de lá viver. Portanto, porque feriam de forma irreversível, nunca proferi as palavras que fariam desaparecer este nosso duradouro tormento: *resolve, mãe, deixa que te ajudem*; ou então, muito pior por ser terrivelmente verdade; *desiste por favor de pensar que vou estar aí*. A minha imaginação partia sempre deste ponto em busca de uma encenação que nunca aparecia – a de tentar imaginar uma forma de dizer isto, que não resultasse no acabar de dizer a frase cheia de lágrimas.

No domingo encontrei a Bea e escolhemos uma mesa bem próxima da luz brilhante daquela tarde de Novembro. Sentámo-nos junto a um dos seus

cantos, ficando de frente para a luz. À falta de melhor sítio, equilibrámos as malas ao lado das pernas. Ficaram assim entre nós. Com o equilíbrio auxiliado contra o braço de cada uma das nossas cadeiras, já perto do joelho. Uma habilidade que parecia inata, tal era a facilidade e a naturalidade com que a fazíamos. As malas estavam, assim, mais juntas do que nós. Decerto que, por um lado, era por um remoto instinto de defesa. Mas por outro lado, era por cumplicidade, por comunhão de intimidades, por um fio de mimo que havia entre nós. Não havia segredos por partilhar nas nossas malas. Mas não era porque cada uma de nós revistasse a mala da outra, virando-a de pernas para o ar. Era porque nos denunciávamos, tantas vezes... voluntariamente. E depois, jogávamos esse jogo, que era olhar nos olhos uma da outra para adivinhar se havia alguma novidade lá dentro. E quando havia, ríamo-nos, divertíamo-nos e partilhávamos. Não raras vezes, mesmo em pequenas e inocentes novidades, nos tocávamos, sentíamos a pele, e sabíamos de cor o perfume da outra. Uma ou outra vez até nos beijávamos. E se não fomos nada além disso foi, acima de tudo, por receio, por convenção, por construção educacional, que nunca conseguimos ou quisemos ultrapassar.

– Estamos malucas! – Dizíamos, em uníssono, rindo...

E cada uma de nós sentia-se chegada ao limite do território aprazível que era a nossa relação, como se estivesse empoleirada, ali, num extremo, numa última vedação, para além da qual já não era nada claro que fosse confortável passar.

Mas, para cá deste último lugar, a cumplicidade era ampla. Éramos mais que confidentes e amigas. Sentíamo-nos unidas. Entregávamo-nos ao prazer de estar juntas. E não tínhamos o menor pudor nem reserva de falar sobre o nosso corpo e sobre os pensamentos uma da outra. Incluindo as atitudes, os comportamentos, as curvas sensuais e os pensamentos por detrás da sua revelação ou insinuação. Incluindo os sorrisos e olhares que isso provocava acerca de nós, tanto em homens como em mulheres, e tanto de contemplação como de reprovação. Além disto, de forma aberrantemente indiscreta, praticávamos entre nós uma secreta atitude lasciva ao revelar intimidades de terceiros. Bem mais secreta ainda, obviamente, porque muitas vezes eram intimidades

de pessoas ligadas a nós, ou próximas de nós. E esta nossa atitude, que sem qualquer recato se alimentava, quer das nossas experiências, quer dos nossos conhecimentos individuais, era contada às vezes de forma lenta, fingindo pudor ou vergonha entre nós. Mas não porque a tivéssemos. Antes porque isso nos poderia deleitar e não havia nenhuma barreira entre nós que nos impedisse de nos incitarmos a isso.

O motivo da Bea ir para o Porto tinha a ver com a carreira, mas não só. Provocava ruptura. Ia sem o marido e sem os filhos. Talvez se juntassem todos lá no ano seguinte. Ou talvez ela voltasse no ano seguinte. Talvez voltasse sozinha ou talvez voltasse tendo encontrado mais alguém. E sem que soubesse como, nem exatamente quando, ela intuía que tudo se havia de compor. Mas com ela diferente, mudada. Circulando em meios de maior responsabilidade, e em assuntos onde se haveria de perder de quase tudo mais. Restou-lhe tempo para os filhos, porque eram filhos. Para mim quase nunca mais. Acho que percebi isso naquela tarde, mas em boa verdade não o quis perceber. Mas foi pior constatá-lo através do tempo e andar na dúvida sobre se tinha percebido bem ou não.



SEIS DIAS Na PRAIA

MARIANA PINHEIRO

IL. ANA MENEZES

Ana pousou toda a tralha de férias no chão, junto ao carro; um saco reutilizável de supermercado com brinquedos da praia, a sua mala de ombro, uma mochila térmica e um saco de ginásio com sapatos e toalhas de praia. Além disso, uma mala grande de viagem com a roupa e tudo o resto das duas. Antes de colocar tudo no porta-bagagens, Ana enfiou Madalena no carro. Madalena está crescida, portanto usam um banquinho de criança em vez da habitual cadeira de bebé. A mãe deu-lhe um beijo na testa e fechou a porta.

Energicamente Ana abriu a bagageira, atirou tudo lá para dentro. As pulseiras chocalham particularmente neste pega e larga. Tanto, que incomodava a própria Ana. Tem acumulado no braço todas as pulseiras que vai adquirindo, sem nunca deixar uma para trás e essa sua mania não lhe fazia agora muito sentido.

Já no lugar do condutor, Ana observou Madalena pelo retrovisor e sorriu.

– Já está! Vamos? – disse Ana ao arrancar o carro.

– Siiiiimmm. Quanto tempo vamos demorar?

– Uma hora e meia deve chegar.

– Só isso? Então não posso dormir?

– Podes, claro. Uma hora são quantos minutos, sabes?

– Não me lembro.

– São sessenta minutos. Por isso, uma hora e meia são noventa minutos.

– Então vou contar até noventa.

– Não. Tens que contar noventa vezes até sessenta.

– Ajuda-me mamã.

Ana sorriu.

– Vá, dorme um bocadinho, encosta-te e põe o casaco a fazer de almofada.

Quando chegarmos eu acordo-te.

– O papá vai lá ter connosco?

– Não. Estas férias vão ser só para nós as duas, férias de meninas. Depois vais ter outras férias com o papá.

– Onde?

– Não sabemos ainda. Depois combinamos isso.

Olhando pela janela, Madalena procurava uma paisagem de férias, mas pouco depois adormeceu.

Ana ainda não estava completamente habituada às fragilidades do mundo prático de ser mãe solteira, ou neste caso, divorciada. Por isso, mesmo antes de chegar à pequena casa de praia que tinha alugado, já pensava nos procedimentos de descarregar malas e uma criança adormecida em simultâneo. Achou por bem acordar Madalena antecipadamente, para lhe dar tempo de despertar. Madalena mantinha os olhos ferrados, mas bastou à mãe utilizar as palavras “férias” e “praia” na mesma frase que a pequena acordou de olhos arregalados, mas cabeça ainda caída. Esticou-se e espreitou pela janela.

Segundo o GPS, aproximavam-se da zona e Ana percebeu que a casa ficava numa rua pedonal pelo que o carro não podia chegar à porta. Procurou estacionamento nas redondezas. Felizmente a casa é perto da praça e da praia, não ia precisar de pegar no carro o resto das férias. Estacionou a viatura, abriu a porta a Madalena e a muito custo empilhou em cima do seu corpo pequeno e magro todos os sacos e malas. Mantinha o telefone na mão para seguir a pé o caminho indicado pelo GPS.

A casa alugada era um rés-do-chão de um pequeno edifício. Tinha apenas um quarto. Ana pensou deixar a sua filha dormir consigo. Gostava de voltar a sentir o aconchego físico de alguém ao adormecer, mas receava que se tornasse num hábito pouco saudável para as duas. Assim sendo, Madalena ficaria a dormir na sala, conforme previsto. A pequena cozinha seria suficiente para

cozinhar algumas refeições para as duas, durante estes dias.

Depois das malas arrumadas, já o fim da tarde estava fresco, como sempre acontece nas praias do Oeste. Para desgosto da pequena Madalena, só colocariam os pés na areia no dia seguinte. Mãe e filha aproveitaram o tempo que restava até ao jantar para fazer o reconhecimento das redondezas e algumas compras básicas, pelo menos o suficiente para alguns pequenos almoços. Ana passou a primeira noite a rebolar na cama. Já Madalena, dormia pesadamente.

Na manhã seguinte, prepararam o pequeno-almoço, arrumaram tudo o que iriam precisar para um dia de praia. Ana fazia questão que Madalena levasse na sua própria mochila os seus pertences. Achava que era uma forma de lhe atribuir mais responsabilidades e incentivar a sua independência.

Desceram rua abaixo em direção ao mar. A vila afunilava num vale, ao fundo do qual se encontrava uma pequena praia. As casas eram pitorescas e muito bem cuidadas, com floreiras às janelas. Tinham portadas e varandas de madeira, a maioria pintadas de verde. A pequena praça à beira do mar azul dava à vila ares de conto infantil.

No areal estavam montadas várias fileiras de toldos de riscas azuis minuciosamente alinhados uns com os outros. Estavam apenas uns dois ou três ocupados. A praia nunca tinha muita gente nesta altura do ano. Ana fazia questão de agendar as suas férias no início da época balnear, uma altura mais tranquila.

A senhora responsável pelo aluguer dos toldos indicou-lhe o número 4. Na fila da frente, tal como Ana lhe tinha pedido. Madalena desatou a correr em busca dos números dos toldos. Rapidamente percebeu a sua ordem e avançou para o número 4. Ficou espedaçada, imóvel debaixo dele a olhar para o senhor que ocupava o toldo ao lado. Um homem de uns sessenta e cinco anos, com uma barriga enorme que lembrava uma bola de basquete, lustrosa, sentava-se numa velha cadeira de praia enterrando os seus pés metálicos na areia.

Madalena tinha um sorriso na cara e um olhar curioso, quase malicioso. Ana observou-a e afligiu-se ao imaginar o comentário desprovido de filtros, relativamente à barriga do senhor, que poderia sair da boca de sua filha. Apresou o passo em direção ao toldo n.º 4.

Os toldos não tinham mais de um metro de distância entre as bordas de

cada um, pelo que as pessoas que neles se instalavam estavam relativamente perto umas das outras. Eram poucos os toldos ocupados e por isso Ana não percebia porque numa fila de uns dez, a senhora lhe entregara um exatamente ao lado de outro ocupado.

– Diz “bom dia” Madalena.

– Bom dia – disse Madalena mantendo o sorriso malicioso e o olhar fixo no senhor.

O senhor estava virado para o mar e tinha acabado de notar a presença de Madalena.

– Bom dia – respondeu o homem enquanto fazia o movimento de intenção de se levantar e levantava da cabeça o seu chapéu de palha, como faziam os cavalheiros de outros tempos quando entrava uma senhora na sala.

– Vamos ter que nos portar muito bem para não incomodar o senhor – disse Ana à filha, dirigindo um olhar sorridente ao senhor.

– Estejam à vontade meninas – respondeu o senhor sorrindo de volta.

– Mamã, quero ir ao mar – saltitava a Madalena.

– Já vamos filha, ainda tenho que te pôr creme. Tira o vestido.

Madalena fingiu não ouvir a ordem e imediatamente abeirou-se à cadeira do senhor vizinho, com os cotovelos pousados no braço da cadeira e com um à-vontade daqueles que envergonham as mães.

– Como te chamas?

– Nicolas. – respondeu o senhor sorrindo – E tu?

– Madalena, já te expliquei que se tratam as pessoas mais velhas por você. “Como SE chama” é como deves dizer. – retorquiu Ana.

O entusiasmo de Madalena não se desvaneceu com o reparo.

– Eu chamo-me Madalena. Parece que tens um bebé na tua barriga. Mas os homens não têm bebés, os homens têm só as sementinhas que fazem os bebés.

Nicolas já se ria a bandeiras despregadas com todo o seu pujante corpo, olhos, cabeça, pernas e tudo o que dava para rir.

– É verdade. Não tenho aqui um bebé – disse passando as suas grandes e gordas mãos pela barriga – mas tenho um porco que comi ao pequeno almoço.

Madalena sorriu com aqueles olhinhos à chinês que dizem claramente

“estás a tentar enganar-me, eu sei que não é verdade”.

– Tu és muito esperta Madalena. Aposto que tens uns 8 anos! – disse Nicolas entusiasticamente.

– Não. Tenho 6. – respondeu Madalena com um orgulho alegre de quem recebeu um enorme elogio.

A criança voltou ao seu toldo para desensacar toda a tralharia de brinquedos que trazia. Os primeiros dias de praia pareciam sempre Natal. Brincava com tudo como se fosse novo.

O resto do dia decorreu normalmente, com banhos de mar, com almoço num café próximo e com gelados. Quando regressaram do almoço ao toldo, Nicolas já não estava. E não o voltaram a ver nesse dia.

As correrias e brincadeiras foram tantas que Madalena mal conseguia engolir a omelete do jantar sem deixar cair a cabeça no prato. Ana estava igualmente exausta. Nunca passara umas férias de Verão sozinha com a filha. Parecendo que não, a diferença entre cuidar de uma criança sozinha ou a dois era gigantesca, principalmente em altura de férias. Por isso sentia-se, não triste, mas desamparada e exausta. Estendeu-se na cama, procurou o livro que tinha trazido consigo, para que as personagens lhe fizessem um pouco de companhia. Mas dez minutos depois adormeceu, de pés destapados e livro ao peito.

O dia seguinte amanhecera meio nublado. Naquela região o tempo era absolutamente imprevisível. Mas o entusiasmo de mãe e filha não se deixava abalar por um céu cinzento. Rumaram novamente rua abaixo, a caminho da praia.

Mal se aproximaram da praia, avistaram Nicolas novamente enterrado na sua cadeira.

– Bom dia. – cumprimentou Ana.

– Bom dia. – respondeu Nicolas, voltando a fazer o cumprimento cavalheiresco de meio levantar da cadeira e meio levantar do chapéu.

– Tu és sempre o primeiro a chegar? – perguntou indiscretamente Madalena.

– Madalena, diz “bom dia” ao senhor.

– Bom dia. Tu és sempre o primeiro a chegar à praia?

– Olha, acho que sim. Quase sempre.

Durante o decorrer dos procedimentos típicos de quem chega à praia, como o besuntar de creme protetor, colocação de chapéu, estender da toalha, Madalena mantinha-se atenta ao seu vizinho de toldo. Ana tinha orgulho no ar desenrascado e de iniciativa da sua filha, mas às vezes era difícil controlá-la. Não queria fechá-la numa gaiola, mas a sua interação com os desconhecidos parecia-lhe, muitas vezes, exagerada.

– Estás sozinho de férias? – Perguntou Madalena aproximando-se de Nicolas.

– Madalena, deixa o senhor em paz – repreendeu Ana, enquanto se estendia na toalha abrindo o seu livro.

– Não faz mal. Eu gosto de conversar. – respondeu Nicolas. E continuou – Eu não estou sozinho de férias. A minha mulher veio comigo.

– E onde ela está? Não vem à praia?

– Ela está doente. Não lhe apetece vir. Por isso à tarde fico em casa a fazer-lhe companhia.

– Então nunca vens à praia à tarde? É quando está mais calor!

– Eu sei, mas eu também não gosto de muito calor.

A conversa estendia-se. Madalena fazia um obstinado interrogatório a Nicolas. Este respondia-lhe a todas as perguntas, sem hesitar, mas dando habilmente algumas voltas às questões mais comprometedoras. Ana fingia apenas que lia o seu livro, mas tinha dificuldade em se concentrar. A sua atenção voltava-se para os dois.

Os dias naquela praia, iam passando e as conversas entre Madalena e Nicolas passaram a fazer parte da rotina. Nicolas devia realmente ser sempre o primeiro a chegar à praia. Encontravam-no já plenamente instalado fosse qual fosse a hora a que mãe e filha chegassem. Madalena era sempre a primeira a interagir, claro. Depois a conversa seguia com interrogatório ou contando pormenorizadamente as suas amizades e rixas da escola. Às vezes Madalena levava os brinquedos para o toldo do vizinho para lhe mostrar alguma coisa engraçada ou para lhe pedir ajuda na construção de algo. Nicolas raramente se levantava da sua cadeira. O seu corpo grande e pesado suava com a mínima brecha de sol.

Ana adorava que a sua filha fosse aquela criaturinha social, com vontade e coragem de interagir com toda a gente. Incentivava-a a conversar com as

peessoas que ia conhecendo, a cumprimentar os outros quando chegava a algum lado. Mas quando essa relação se mantinha durante dias a fio, com um completo desconhecido, não conseguia deixar de se sentir desconfortável com a situação. Ficava dividida entre os cenários pessimistas transmitidos pela Comunicação Social e as suas convicções de que as crianças devem ser educadas livres para explorar o mundo e as pessoas à sua volta.

Nas interações entre Madalena e Nicolas, Ana nunca observou nada que lhe suscitasse suspeita. Era sempre Madalena que interpelava descaradamente o senhor. E Nicolas respondia e correspondia sempre de forma correta e adequada. No entanto, Ana não se sentia confortável com a proximidade repentina com o estranho.

Numa ocasião em que passou um vendedor ambulante pela praia, daqueles que acena com todas as bugigangas que tem para vender, Madalena duplicou o brilho dos olhos ao ver um colar de missangas cor-de-rosa. Nicolas quis presentear a pequena, oferecendo-lhe o colar. Ana não deixou. Recusou educadamente, justificando-se com a tralharia que Madalena teria em casa e à qual não ligava nenhuma.

– Nós agradecemos – dizia Ana a Nicolas – mas a Madalena tem que aprender a dar valor ao dinheiro. Não é Madalena? – dirigiu-se à filha que a olhava de olhos muito abertos, com ar suplicante, pronta para começar a verter umas lágrimas.

Ana voltou-se para o vendedor, sorriu, e de voz firme disse:

– Nós não queremos nada. Muito obrigada.

Madalena, vendo o vendedor partir, continuou a insistir com a mãe, ora mimenta na versão graxista, ora birrenta na versão chateada. Além do humor da criança, o dia continuou sem grandes incidentes.

Na manhã seguinte, Ana terminava de preparar a mesa do pequeno-almoço quando chamou pela filha.

– Madalena, para a mesa!

Madalena aproximou-se e olhou dececionada para o prato com as torradas.

– Outra vez torrada?

– Então? Apetecia-te outra coisa?

– Sim. Queria um pequeno-almoço daqueles com sumo de laranja, ovos, panquecas e bolos. Como no hotel que fomos nas outras férias, quando ainda estávamos com o papá.

– Amanhã vamos tomar o pequeno almoço fora, se quiseres.

– Vamos a um hotel?

– Não. Vamos a um café.

Madalena senta-se à mesa e cruza os braços com ar insatisfeito.

– Aposto que o pai me vai levar a um hotel quando for passar férias com ele – espicçou a criança.

– O que se passa Madalena – pergunta Ana tentando manter a paciência. – Não estás a gostar das nossas férias?

– Acho que vou gostar mais das férias com o papá, só isso. E porque tu não me deixas fazer nada do que eu quero.

Madalena mantém os braços cruzados.

– Como o quê?

– Ontem o Nicolas quis comprar aquele colar de missangas para mim e tu nem deixaste. E sabes que eu queria mesmo! Ao menos o comprasses tu!

– Ai Madalena... tens tanta tralha dessas em casa. E não se devem aceitar coisas de estranhos, já te expliquei isso. Come a torrada antes que eu perca a paciência.

– O Nicolas não é um estranho! É nosso amigo há 6 dias! Tu é que és uma seca.

– Madalena, esquece o assunto. Quando digo que não, é não.

– Mas porquê? Que mal é que o Nicolas te fez?

– Nenhum. Mas pode fazer. – replicou Ana entredentes.

Madalena ficou boquiaberta, à espera que a mãe explicasse.

– Desculpa amor. Eu adoro que faças amigos. Mas existem algumas pessoas, adultas, que muitas vezes parecem amigas, mas não são.

– O Nicolas é inimigo?

– Não é isso que estou a dizer. Só estou a dizer que não o conhecemos suficientemente bem para saber se é amigo ou inimigo. Por isso devemos manter uma certa distância. Ser educadas, mas mantendo a distância.

– Queres mudar para um toldo mais longe dele?

Ana soltou um risinho.

– Não filha, não vale a pena. Quando disse manter a distância, não é uma distância física, de ficar afastada dele. É uma distância de relação. Não deixar que ele se intrometa muito nas nossas coisas.

Madalena olhava para a mãe com um ar confuso.

– O Nicolas é simpático. Devemos ser simpáticas com ele também. Ok?

– Ok.

– Mas só isso. Não vamos aceitar coisas dele. Ok?

– Ok.

– Vá, come lá isso que já está tudo frio.

Madalena dirigiu a sua atenção à torrada enquanto mantinha o pensamento em Nicolas. A torrada estava boa, mas os adultos tinham uma forma muito estranha de pensar.

Nesse dia a praia parecia mais calma, ainda mais calma que habitualmente. Madalena não deixou de ser Madalena mas poisava em si um ar de descon-fiança. Ou talvez fosse apenas essa a sensação da sua mãe.

Aproximava-se da uma da tarde e as duas rumaram a casa, onde iriam almoçar. Ao subir a rua, Ana enfiou a mão no saco de praia à procura das chaves de casa. Estavam difíceis de encontrar. Desistiu de o fazer às cegas e pousou o saco num pequeno murete junto à porta. Tirou tudo de lá de dentro, mas as chaves não apareceram. Verificou as janelas da casa. Se alguma estivesse mal fechada conseguiria entrar facilmente. Mas precisamente por estar instalada num rés-do-chão, teve o cuidado de manter as janelas bem fechadas.

– Madalena, mexeste no saco?

– Sim, mas só tirei a minha toalha.

– As chaves devem ter caído na praia. Temos que ir procurar.

As duas voltaram à praia na esperança de encontrar as chaves caídas no toldo. Quando chegaram, Nicolas que tinha ido ao mar, enxugava-se à sua toalha energicamente, como quem sai de um duche. Ao perceber que procuravam alguma coisa, perguntou.

– O que perderam? Posso ajudar?

– As chaves de casa. Não sei delas. – responde Ana – Devem ter caído aqui. Aqui ou no café.

Ana e Madalena reviravam a areia debaixo do toldo, com os pés e as mãos. Depois de colocar o seu chapéu, Nicolas fez o mesmo na área circundante ao toldo.

– Não posso acreditar nisto – dizia Ana.

– Calma menina, tudo se resolve! – respondia Nicolas, sem parar de procurar.

– Tenho que ir ver ao café. Parámos lá antes de vir para a praia.

– Vá lá ao café. Eu olho pela pequena enquanto continuamos a procurar.

O café ficava em cima da praia. Ana correu rapidamente até lá. Procurava debaixo da mesa e das cadeiras em que tinha estado, enquanto ia espreitando Madalena. Perguntou ao senhor do café, se tinha encontrado umas chaves, mas não teve sorte.

De volta à praia, Nicolas continuava a busca enérgica debaixo de um sol tórrido. Todo ele suava. Por outro lado, Madalena já tinha desviado a sua atenção para as lindas pedras que tinha acabado de encontrar.

– Obrigada pela ajuda. – disse Ana – No café não encontraram nada.

– Será que não as deixou em casa menina?

– Não sei. É possível. Mas eu costumo verificar sempre se as tenho comigo antes de sair.

– E se fôssemos procurar pelo caminho até casa? É muito longe?

– Não. É já nesta rua que sobe.

– Vamos lá, então. Eu ajudo.

– Obrigada – disse Ana denotando pelas gotas de suor o sofrimento do homem em se mexer naquela altura do dia, quando o sol vai alto e o calor aperta.

Deixaram a cadeira e os brinquedos nos toldos e começaram rua acima, de olhos postos no chão a fazer o percurso até casa. Não encontraram nada. Madalena já bufava. Queixava-se do calor e do aborrecimento de ter que andar à procura de uma coisa.

– Bem, é melhor irmos para a sombrinha. Vamos ali para aquela esplanada que está mais fresquinho e pensamos no que fazer.

Todos queriam sair daquele sol abrasador. Ana esqueceu naquele momento todas as regras de manter o distanciamento relativamente a estranhos. Nicolas estava empenhado em ajudá-la e ela precisava.

– A sua esposa deve estar à sua espera para almoçar. – comentou Ana.

– Não tem mal. Eu já lhe ligo a explicar que vou mais tarde. Não vou deixar as duas sozinhas na rua. Bem, o que pretende fazer? Quer chamar alguém para arrombar a porta?

– Não sei. Vou ligar à dona da casa. Pode ser que não esteja muito longe e que tenha outra chave.

Ana levantou-se da mesa e afastou-se para poder falar à vontade ao telefone. Mantinha sempre Madalena no seu campo de visão. Já a pequena rejubilava por estar à mesa com o seu novo amigo, sem que a mãe discordasse disso. As pernitas magricelas abanavam penduradas na cadeira.

– Tens fome? – perguntou Nicolas. – Gostas de hambúrguer? Os hambúrgueres aqui são muito bons.

– Tu vais almoçar connosco? – perguntou Madalena sorrindo.

– Sim, acho que sim. Queres?

– Siiiiim!

Entretanto Ana voltava do seu telefonema.

– A senhora tem outra chave. Pode vir trazê-la, mas só ao final do dia. Está no trabalho e tem a chave em casa. Vamos ter que esperar o resto do dia para poder ir para casa. Sim, Madalena?

– Sim. Eu não me importo. O Nicolas fica connosco.

– Eu faço companhia às senhoritas até poderem ir para casa.

– Obrigada Nicolas. Mas não precisa. A sua esposa deve estar preocupada.

Dos seus calções cheios de bolsos, Nicolas retira o seu telefone e liga à sua mulher. Começa por perguntar como se sente e refere-se a Madalena como “aquela menina pestinha de que te falei”. Continua contando a história do desaparecimento das chaves, explica que vai acompanhá-las até conseguirem entrar em casa e termina com “um beijinho grande meu amor. Até logo”.

As pernitas de Madalena continuam felizes e o olhar fixo no telefonema. Ana insiste:

– A sério que não valia a pena. Nós estamos bem. Agora é só uma questão de esperar. Mas obrigada por toda a ajuda.

Decidiram pedir almoço para todos. Ana fez questão de pagar a conta,

pela ajuda prestada, mas contra a vontade de Nicolas, que acabou por ceder. Deixaram-se demorar na esplanada à espera que o ar arrefecesse e mais tarde voltaram à praia. Ao longo da tarde o convívio foi muito agradável para todos. Nicolas mantinha o seu assento na sua cadeira, enquanto Ana ficava sentada na sua toalha, encostada ao poste do toldo e de livro no colo, como se fosse um gato que acariciava. Riram-se das conversas divertidas de Madalena e quando a pequena se mudou para a areia molhada, onde as construções saem melhor, a conversa continuou a fluir entre Nicolas e Ana, que se deixou abrir e até revelar um pouco das suas angústias.

Este pequeno incidente do desaparecimento das chaves que resultou numa proximidade maior a Nicolas, tornou-se numa agradável surpresa para Madalena, mas principalmente para Ana. Sentia como se estivesse a passar o dia com um amigo a sério. Ana tinha amigos, mas a verdade é que não se abria com um único deles. Fazia-o com o seu marido, em tempos. Talvez por isso se sentisse tão só. Talvez não se tratasse da perda de um amor, mas da perda do único amigo que tinha. Então, de certa forma, Nicolas assumira esse papel por um dia. E para Ana, era bem mais fácil desabafar com um desconhecido, do que com as pessoas que a conhecem. Não tememos o julgamento de um estranho da mesma forma que tememos o julgamento dos que nos são próximos. Por isso, Ana, com o passar das horas em conversas intermináveis, ia-se sentindo mais solta, mais leve. Se o seu novo amigo era da sua idade ou não, não era relevante. Também não era relevante se ia ser um amigo para a vida. Partilharam histórias ali. E Ana sentia-se genuinamente escutada, sentia que a ouviam com atenção e interesse. Nicolas também era um bom contador de histórias e conseguia demonstrar empatia por Ana em todos os relatos que ela lhe fazia.

O final da tarde aproximava-se e os dois intervenientes principais dos toldos n.º 4 e n.º 5 estavam muito bem dispostos. Passaram de uma fase da conversa mais intimista e pesada para uma fase cheia de bom humor onde, agora, revelavam orgulhosamente os podres de cada um. Ana deixando-se levar pelo entusiasmo, disse:

– Já volto.

Nicolas olhou abismado enquanto Ana subia ao café e mantendo sempre os

olhos em Madalena, que brincava na areia molhada, voltou poucos minutos depois com uma garrafa de vinho branco, molhada e fria, e dois copos de plástico.

– Não me deixaram trazer os copos de vidro. – queixou-se.

– Ena, ena! – exclamou Nicolas enquanto retirava a rolha meio saída e servia os copos – Vamos comemorar alguma coisa?

– Sim. Vamos comemorar uma tarde bem passada.

– Concordo. – disse Nicolas.

Ana ergueu o seu copo orgulhosamente.

– A si, Nicolas, e a mim, Ana! Às amizades improváveis! – brindou ela alegre.

Supostamente o homem corpulento que a acompanhava poderia dar cabo da garrafa sozinho sem sentir grande abalo no corpo. Mas Nicolas apenas bebericava o seu copo servido, com pequeninos goles enquanto a conversa seguia. E na verdade era Ana que já se tinha servido do vinho outras duas vezes e a garrafa ia já a meio. Achou por bem acalmar o passo, pois tinha a filha à sua conta.

– O Nicolas não é muito de beber... – constatou Ana.

– Tem dias. – respondeu Nicolas admirando o seu copo – Agora apetece-me mais um mergulho no mar que um mergulho no vinho. Acompanha-me?

A conversa foi interrompida pela chegada de Madalena que, quando terminou o seu castelo, correu a chamar a mãe a ver a obra magistral. Ana levantou-se num pulo:

– Vamos lá, então, ver esse castelo! Não quer vir Nicolas? Aproveitamos e damos o tal mergulho.

Nicolas levantou-se meio a custo, pela sua barriga redonda, e desceram em direção ao mar.

Mostraram-se, obviamente, maravilhados com a obra.

– Podias enfeitar as torres com conchinhas e pedras. – sugeriu Ana.

– Boa ideia! – exclamou Madalena. – Vou buscar as pedras preciosas que guardei lá em cima.

E subiu ao toldo em busca das pedras que tinha encontrado quando procurava as chaves.

– Então vamos lá. – disse Ana caminhando em direção ao mar – Só falta

este mergulho para um final de tarde perfeito.

– Vamos a isso.

A água estava fria como sempre. Mas Ana entrou por ela adentro relativamente depressa pois queria ir vigiando Madalena, que remexia nalguma coisa debaixo do toldo. Nicolas também entrou depressa na água. A maré estava cheia, não estava ninguém no mar e também não se avistava ninguém na praia. A temperatura arrefecia muito depressa ao final do dia e a maior parte das pessoas saía relativamente cedo da praia.

Ana mergulhava consecutivamente e nadava um pouco. Não reparou na proximidade repentina de Nicolas. Sentiu apenas, no seu último mergulho que algo na sua cabeça a impedia de vir ao de cima. Algo fazia força a empurrá-la para baixo. Tentou desviar-se e essa força passou para o seu pescoço e para os seus ombros. Os dedos grandes e grossos de Nicolas pegavam no seu fino pescoço e mantinham-na debaixo de água. Ana já se sentia sem ar, abria os olhos na esperança de entender o que se passava. Esbracejava, mas as suas mãos e braços nem atingiam a superfície. Tentou pontapear as pernas junto às suas, que pareciam troncos rijos e imóveis. Tentou impulsionar os seus pés contra a areia, mas não conseguia largar-se daquelas mãos. Na verdade Nicolas não precisava de fazer grande força. O custo maior era manter aquele pequeno corpo junto a si, não o deixando afastar. Enquanto isso, Nicolas olhava, quase que tranquilamente, em volta e olhava Madalena. Não avistava mais ninguém dali, portanto ninguém o via a ele, pensava. Mas Ana continuava a esbracejar, recusando-se a desistir. Tirando o desgaste físico, essa luta dava prazer a Nicolas. O poder do seu corpo, o poder de um corpo, era incrível. As bolhas de ar que emergiam à superfície preocupavam Nicolas. Se Madalena as visse alarmar-se-ia. Mas a criança continuava completamente absorta no que estava a fazer. O corpo de Ana finalmente cedeu, mas Nicolas manteve-o debaixo de água durante algum tempo, para garantir que não voltaria a si. Desprende os seus dedos dos cabelos de Ana e saiu do mar, deixando aquele corpo para trás. As ondas batiam com força no corpo de Nicolas, mas estranhamente este não parecia sequer senti-las. Ao chegar ao toldo, Madalena mal o olhou, não queria desviar a atenção do que estava a fazer. Nicolas

secou-se freneticamente na toalha.

– Madalena, veste-te querida.

A pequena levantou os olhos para Nicolas.

– A mamã?

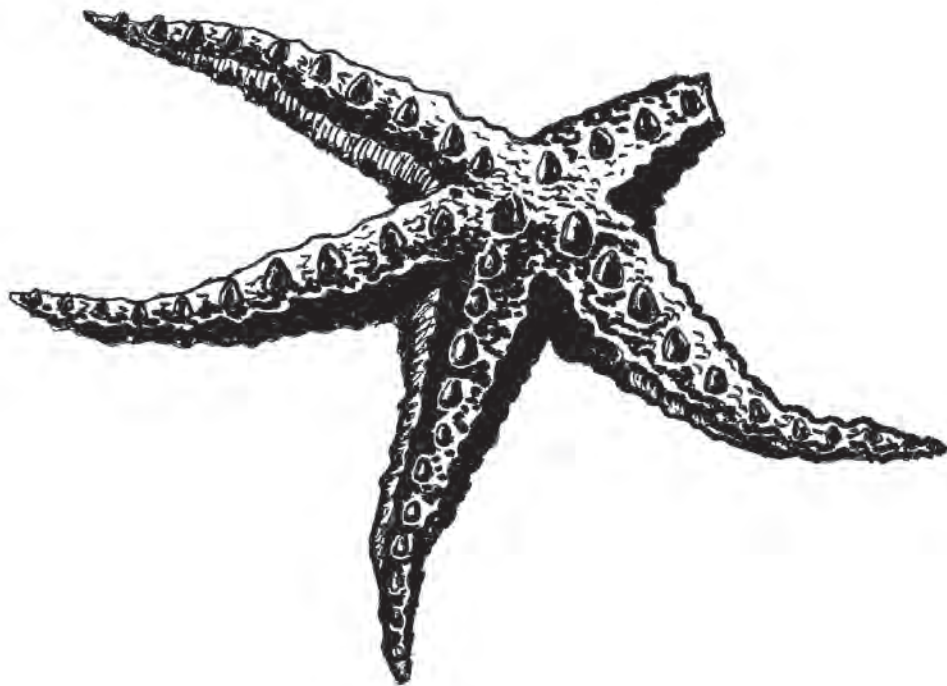
– Teve que sair depressa. Chegou a senhora com a chave. Pediu-me para te levar e já vai ter connosco.

Nicolas ajudou a criança a enfiar o vestido, pegou na sua cadeira, chapéu e no saco de praia de Ana e ajudou Madalena a arrumar os brinquedos. A menina agarrou a mão que lhe ofereciam, demasiado grande para a sua e viraram costas àquela praia.

– Queres jantar em minha casa? – perguntou Nicolas.

– Siiiiimmm. – respondeu Madalena.

– Gostas de pizza?





too DRUNK to fuck

rafael DIONÍSIO

II. JOÃO CAROLA

O quarto do hotel era pequeno, mas normal. Tinha coisas de madeiras escuras embutidas nas paredes, *naperons* nas mesas de cabeceira, o comando da televisão, pequenas paisagens metidas em molduras, casas alpinas no meio de plátanos amarelecidos pelo Outono, lagos na Suíça, dois botes vermelhos na relva junto à água... essas merdas.

– Gaspar?

– Sim?... Sim, Lúdia?

– Queres?

E ela passou-me uma ganza bem gordinha, a latejar do borrão e a deitar não muito fumo. A Lúdia estava deitada de costas, com as mãos atrás da nuca, quase nua, de cuecas, e as coxas desapareciam debaixo dos lençóis. Tinha umas axilas bonitas. “Se gostamos do meio das pernas porque é que não haveremos de gostar de sovacos?” Estava a puxar a ganza nestas considerações e fiquei a olhar-lhe as mamas. Lúdia sorria. Confortável. Oferecida. A curtir a ganza. Eu estava a achar piada à forma, não eram propriamente grandes, mas bonitas, pontudas, e acabavam num mamilo muito proeminente de botão de rádio antigo. E ela ali deitada, completamente oferecida. Dei um bafo na ganza e um olho ficou a apitar com fumo.

– Foda-se...

– Dá cá – disse ela. O cabelo ruivo pintado. O *piercing* na sobrancelha.

Passei a ganza à Lídia e ela passou-me o copo, um copo enorme cheio de Gin Tónico, o meu copo. Levámos bebidas para o quarto. Gin. Água Tônica. Não tínhamos gelo. Azarucho. Vinho branco. E quatro águas das pedras para de manhã.

– Passa-me o meu copo. Onde está?

– Boa pergunta – olhei em redor e descobri em cima de uma das cómodas – encontrei! Toma, aqui está!

Antes estivemos a beber no restaurante. Depois fomos a um bar. E, agora, eu e a Lídia, sentíamo-nos tão bem na companhia um do outro que viemos para um quarto de hotel.

– Dá-me um beijinho, ó coisinho.

– Ah. Ah. Ah. Já não te lembras do meu nome?

– E tu? Chavalão? Lembras-te do meu?

– Lídia!

– Ena! Estou impressionada! Acho que vais ter uma bela recompensa.

Puxou os lençóis para baixo e deixou as coxas ligeiramente abertas. As cuecas eram brancas, ligeiramente rosadas e faziam um papinho proeminente no Monte de Vénus. Dei-lhe um beijinho na boca. Lídia agarrou-se-me ao pescoço a puxar-me sofregamente para ela.

– Tenho de ir à casa de banho.

Ela acendeu um cigarro. A nudez quase total dela ficou ali a ser escondida nas complicações do fumo do cigarro. Assim na penumbra, quase nua, estava fascinante e com muito de vicioso, de alcova.

Sentei-me na sanita. Coloquei as mãos na cara. Estava com a cabeça pesada, soprava para um lado e para o outro. Urinei uma longa quantidade. Não me lembrava se tinha de fazer mais qualquer coisa. Arrotei. Olhei para a casa de banho. Um *poliban*. Um pequeno armário. Sacudi o pénis. Um lavatório.

Imaginei-me a partir as loiças todas. Quando era novo, quando usava as Doc Martens, podia fazer isso. Já lá ia o tempo das Doc Martens. Arrotei outra vez. Espero que não me dê para vomitar. Foda-se, isso é que não. Mexi nos meus cabelos lisos e loiros. As miúdas gostavam.

Murmurei: “ela é a Lídia. Eu sei. Mas ela não disse o meu nome, será que ela já se esqueceu?”

Depois levantei-me. As calças nos tornozelos. Primeiro puxei as calças para cima. Mas depois mudei de ideias e puxei as calças para baixo. Tirei os ténis. Ficou tudo no chão da casa de banho. Calças, cuecas, ténis.

Olhei-me ao espelho, o cabelo loiro já a ficar grisalho.

– Não preciso de calças... Vamos... Eu e a Lúcia vamos... vamos... foder... A Lúcia... Não a Lúcia... A Li... A Li... A Lúcia... Eu e a Lúcia...

Depois passei a cara por água.

– Foda-se. *Tou* pouco bezano, *tou*...

Depois passei a pila por água e falei para mim próprio:

– Sou um *gentleman*. A pila se lhe for para a boca, vai lavadinha.

E desatei-me a rir sozinho. Olhei-me ao espelho. Uma carantonha grande, com um esgar de riso grotesco que me chateou. Achei-me feio.

Tirei a *t-shirt*. No peitoral direito, por cima do mamilo, um A de anarquia. O travessão de baixo era uma *kalashnikov*. Tatuagem. Já a desbotar. Só tinha aquela.

– Não devia ter feito esta merda. Piroso. Gaspar, és mesmo piroso...

Depois ri-me ao espelho. As gengivas a reluzirem ainda de Gin.

– Não devia o caralho. É *punk rock*, que se foda!

Mexi na pila e comecei a cantarolar uma música dos Dead Kennedys:

– *Too drunk. To Fuck. Too drunk to fuck.*

Ouvi gritar de lá de dentro.

– Oh, tu aí? Mas tu estás nos Ídolos, chavalos?

– Vou já.

Tive um ataque de riso, como se tivesse sido repreendido junto com um colega em ácidos numa carteira da escola.

– O que é que estás a fazer, meu?

– *Tou* a lavar o trombil.

– Vá. Anda lá. Estás na casa de banho há horas...

– Um minuto.

E olhei-me ao espelho a fingir que *tava* a tocar bateria, cantei baixinho a fazer caretas:

– *Too drunk. To Fuck. Too drunk to fuck. Too drunk to fuck.*

Sorri. Perdi o equilíbrio por um momento. Saí da casa de banho. Tropecei no quarto. Não caí. Abri os braços a agradecer aplausos imaginários, o trapezista bêbado atravessa um quarto de hotel cheio de perigos.

– Estás bonito, Gaspar...

– Ena. Sabes o meu nome.

– Claro que sei o teu nome. Estiveste-me a falar de ti próprio o jantar todo.

– Um assunto fascinante... Ah. Ah. Ah.

Caí. E bati com a cabeça na cómoda do lado dela.

– Estás bem?

– *Tou*, já me levantei.

Estava sentado, não levantado.

– Tens sangue, parvinho. Um pequeno corte na testa. Do lado esquerdo.

Limpei-me à colcha e disse.

– Não é nada.

– Está bem. Que se lixe a colcha. E isto o que é? Uma tatuagem com uma espingarda? Andas na caça ao javali?...

– É dos meus tempos de chavalito. Anarquia!!

– Está bem.

Beijei-a durante algum tempo. Primeiro só a brincar com o lábio superior dela e depois com a língua a entrar devagarinho na boca. Ela com os olhos muito vítreos, com um sorriso pedrado, disse.

– Vou tirar as cuecas.

Passou-me as cuecas pela cara. Um cheiro mais doce que intenso, afrodisíaco instantâneo, despertou-me. Mas ainda tinha a cabeça à roda. *Pensei agora é que não posso mesmo vomitar. Tenho que me aguentar.*

– Gaspar, não estejas calado, diz coisas. Estar calado é esquisito.

– Que queres que diga?

– Sei lá. Que gostas de mim. Ou então beija-me. Mas não... Foste cantar

para a casa de banho, a treinar para os Ídolos...

- Estava a molhar a cara.
- Estavas a cantar o quê?
- «Little China Girl», do Bowie.
- Que adequado. Eu que sou o mais portuguesa possível. Carregado.
- Não tinha a ver contigo.
- Tá bem. Anda. Anda.

Carícia puxa carícia, beijo puxa beijo e entrei nela. E depois ela foi gemendo e abriu-se mais, as coxas mais abertas. E gemia mesmo.

Passaram-me vagamente pela cabeça palavras como “gravidez” ou “doenças”. Mas caguei nisso. Completamente... Vão-se todos foder! Só se vive uma vez!

Olhei-a. Aquela carinha de miúda já com rugas a começarem. O cabelo vermelho. Os olhos semicerrados de prazer e de ganza. Aquele *piercing* na sobrancelha.

- Dá-me. Dá-me.
- Sim. Sim.

O orgasmo veio-me com rapidez. Senti que não ejaculei quase nada. Imaginei que os espermatozóides estavam todos a bater com as cabeçorras em mesas, nessas grandes tabernas que são os tomates. Tive que me controlar para não me desatar a rir à gargalhada.

- Mais. Mais.

Eu a pensar aquele disparate e ela debaixo de mim a puxar-me com as pernas na zona dos rins. Eu a pensar que não podia rir agora que ia estragar tudo.

Mas consegui não morrer durante mais uns breves instantes e ela gemeu, um gemido profundo, como um animal que agradece ser abatido numa floresta.

- Não digas nada agora, sim, querido?
- Está bem.
- Nada. Nada...
- ...

Ficámos muito tempo abraçados. Mas depois lembrei-me que o meu copo

estava na minha mesa de cabeceira. E que, não só tinha álcool como ainda havia para aí uma ou outra garrafa a boiar no chão do quarto. Já não sabia quantas tínhamos trazido. Bebi o que havia no meu copo. Excelente. Já não bebia há séculos. Levantei-me. Nu e num transe qualquer. Parece que comecei a tremer ligeiramente, mas não estava frio. Fui à janela do quarto. Abri muito ao de leve as cortinas e espreitei a rua. Calçada. Carros estacionados. Postes de iluminação. Uma paragem de autocarro. Prédios e varandas. Sem interesse.

– Gaspar?

– Sim.

– Fecha a cortina e vem-te deitar ao pé de mim, se fazes favor.

– Está bem.

Tínhamos também uma fresta de luz que vinha da casa de banho. Na penumbra conseguia vê-la. Ela estava deitada em posição fetal, para o lado de dentro da cama. Parei um segundo a vê-la, antes de me deitar.

– És bonita.

– Obrigado.

Sentei-me ao pé dela na cama. Fiz-lhe uma festinha na cabeça, com muito carinho. Os dedos percorriam a direcção dos fios dos cabelos ruivos, por cima. Deitei-me ao lado dela, virado para ela. Agora já estava mesmo a sentir frio e foi-me bem agradável sentir o calor do seu corpo.

– Olha.

– Sim?

– Estás a ouvir?

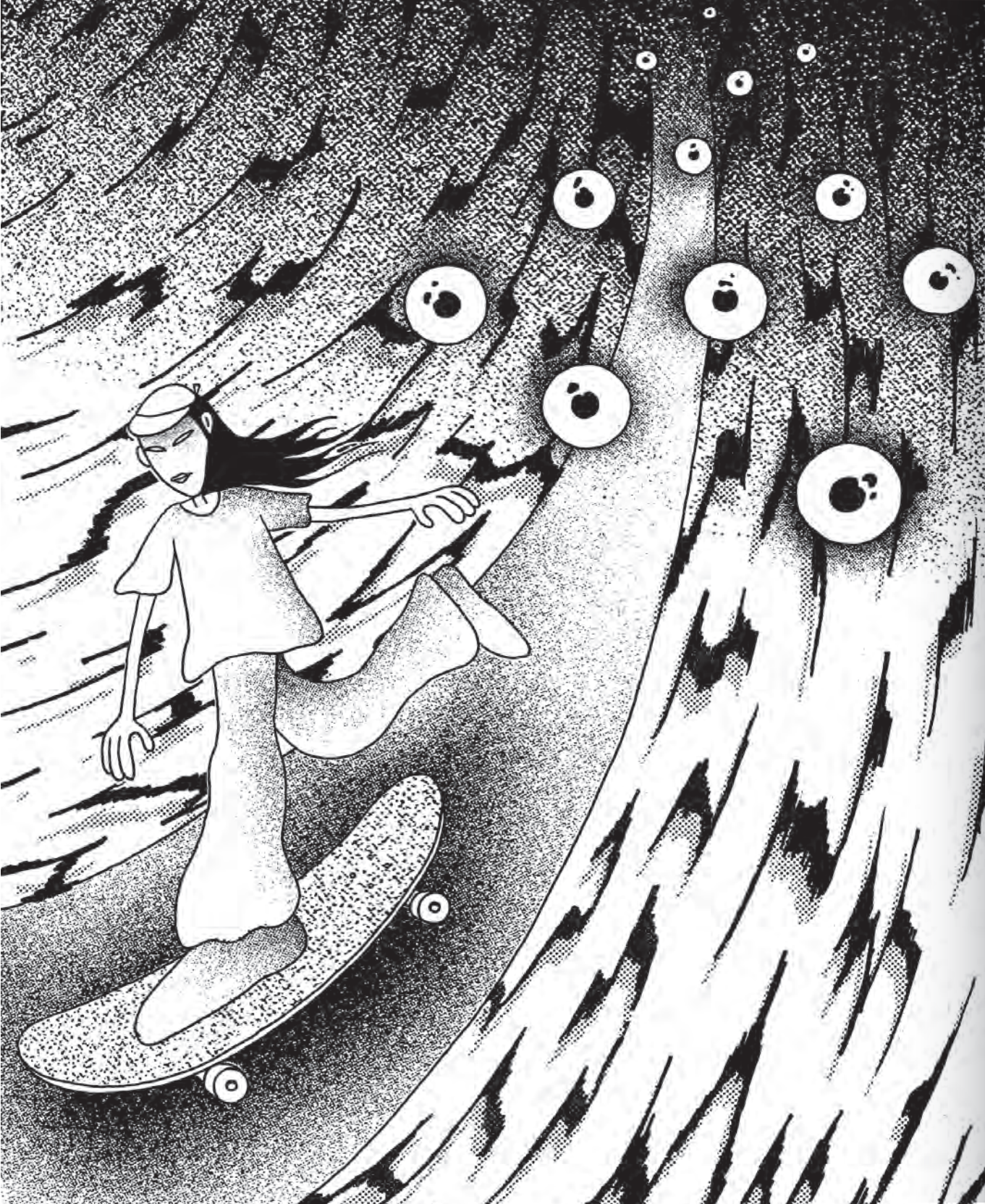
– Sim, Lídia, diz.

– Quero-te perguntar uma coisa.

– Sim?

– Ficas comigo?

– Sim.



este skate não é (só) para MENINOS

tiago PINA

IL. RUI MOURA

Já com o pé esquerdo em cima da tábua, olhou para as bancadas. “Dá-lhe, Joana”. Sorriu. Tencionava dar-lhe, como Carlos Lopes há dez anos atrás em Los Angeles.

Estava muito calor dentro do pavilhão, mesmo sendo Fevereiro. Era a última demonstração prevista e Joana já havia conquistado o público, também maioritariamente de calças largas.

O carro estava ladeado por duas rampas, uma em cada lado do capô. Quando o *skate* de Joana tocou na rampa colocada do lado esquerdo do carro, as respirações pararam por uns breves segundos. Os pés de Joana, autoritários, comandaram toda a manobra até ao outro lado do carro. O pavilhão rendia-se à nova coqueluche do *skate* português.

“Este *skate* não é (só) para meninos”. O título da reportagem, três semanas antes, saída na revista de um semanário, já fazia referência a uma rapariga, com 14 anos, que maravilhava os amantes do *skate* e assustava todos os pombos que encontrava com o seu inseparável megafone.

O sítio onde mais gostava de andar era na Praça da Figueira, não obstante os imensos pombos que lá paravam. Era aí que *skatavam* os melhores, e era ali que Joana mostrava que era melhor que muitos.

Mas, só começou a andar na Praça, depois do seu irmão Lulu lhe ter oferecido o megafone, no dia do seu décimo-segundo aniversário em 1992.

– Mana, comprei este megafone para ti. Quando vires um pombo, gritas e ele foge.

Joana achou o presente bizarro, mas, se calhar, Lulu tinha arranjado uma boa maneira de afugentar os pombos. Foi ao quarto dos pais, abriu a janela que dava para as traseiras e berrou ao megafone. Os pombos voaram num instante. Pela primeira vez na vida, sentiu-se livre.

Foi em 1984, primeiros dias de Setembro, que teve a primeira experiência aterrorizadora com pombos. Passeava alegremente com sua mãe e irmão na Praça do Santo António, em Alvalade, quando, ao ver vários a andar em diversas direcções, o seu corpo petrificou. Ficou sem expressão, branca como a dos sete anões e as mãos húmidas de suor.

O descontrolo foi tão evidente que até os próprios pombos pararam de arru-lhar e de andar.

A mãe de Joana e Lulu perguntou.

– Oh, Joana, o que foi?

– Sãããããã os pombos. Tenho medo. Vamos embora daqui.

– Os pombos? Não fazem mal nenhum. – disse Lulu já a dirigir-se para os animais que, entretanto, já tinham retomado a sua vida de... pombos.

A mãe impôs a sua condição e tirou dali os dois. Foi a primeira vez que Joana percebeu que tinha uma FOBIA inexplicável a estes animais e, tendo em conta que não eram uma espécie em vias de extinção, adivinhavam-se vários constrangimentos para a sua vida futura.

Nasceu a 20 de Junho de 1980, no Hospital de Santa Maria, freguesia do Campo Grande, sendo registada Joana dos Santos Afonso, filha de António José Fernandes Afonso e de Maria do Céu Moura dos Santos Afonso.

Os pais e irmão de Joana viviam, desde 1978, na rua Violante do Céu, número 6, 1.º Dto. numa casa arrendada, pertença de um familiar afastado do pai de Joana. Esta rua, perpendicular à Avenida de Roma, primeira a subir à direita de quem vem da Avenida do Brasil, é constituída por prédios com dois andares dos dois lados e termina no cimo com a Escola Primária n.º 33.

Os pais de Joana eram ambos filhos de Lisboa, uma situação muito pouco habitual para quem nasceu na década de 40. Este facto fez com que, nem Joana nem o irmão, algum dia fossem à terra porque não tinham nenhuma para ir. A sua terra era Lisboa, o seu mundo era o bairro de Alvalade.

O pai, António Afonso, trabalhava como empregado de mesa na Cervejaria Portugália, na Avenida Almirante Reis e era mestre na arte de bem servir cervejas e bifés. A mãe era cozinheira no Frutalmeidas, estabelecimento situado, sensivelmente, a meio da Avenida de Roma e colocava na ordem os famosos pastéis de massa tenra da loja onde se conquistavam os clientes pela boca.

O irmão de Joana, João “Lulu” Afonso (a alcunha ganhara-a em 1992, por causa de uma *t-shirt* feita à mão por Joana, que homenageava uma das bandas preferidas do irmão) nasceu no dia 3 de Maio de 1976, também no Hospital de Santa Maria.

Desde cedo, sempre gostou de brincar na rua, até porque, nos anos 80, as crianças brincavam na rua, tinham aulas de manhã ou à tarde e tinham tempo para explorar, sujar-se, experimentar. E, ali em Alvalade, havia muitas crianças e sítios para elas brincarem. O mais próximo que Lulu tinha de sua casa era o jardim em frente à Escola Primária, que foi durante anos pista de caricas, terreno para berlindar, terra para esfolar joelhos.

Lulu andava sempre sujo, mas feliz. Todas as suas calças tinham joelheiras, as camisolas cotoveleiras e os joelhos nódoas negras.

Entrou na “33” numa segunda-feira, dia 4 de Outubro de 1982 e, no final do mesmo dia, ficou muito surpreendido quando percebeu que ainda não sabia ler; tiveram de lhe explicar que duraria mais um pouco. Lulu achou aquela resposta pouco convincente. Queria aprender, mas depressa. Tinha a vida toda lá fora à espera.

Fez a instrução primária nos 4 anos previstos, sendo um aluno médio, com interesse pela leitura e pela escrita, já não tanto no que se refere à matemática. Da 33 desceu a rua, atravessou a Avenida e instalou-se na Escola Preparatória Eugénio dos Santos para fazer o 5.º e o 6.º ano em 1986 e 1987. Em 1988, afastou-se um pouco mais de casa e ingressou no Liceu Rainha Dona Leonor,

instituição onde concluiu o ensino secundário em 1994.

Apesar do Liceu distar dez minutos de sua casa, só quando lá entrou, com 12 anos, é que Lulu percebeu que estava longe do ambiente que se vivia então no “Rainha”.

A escadaria que servia a entrada do liceu, na rua Maria Amália Vaz de Carvalho, tinha dois lances de degraus, cada um com doze. Quando se entrava no edifício, à direita havia um corredor com salas que dava para o bar, à esquerda outro corredor simétrico que levava para o recreio, e em frente estavam umas escadas em caracol que davam acesso aos dois andares e um vidro grande com vista para o pátio. Cada grupo ocupava diferentes partes do recreio; o pessoal do sapatinho de vela ficava ao pé do bar, a malta do fato de treino no campo de futebol ou ao pé das tabelas, os metaleiros, os *punks*, os góticos, os *skaters* ocupavam o lado esquerdo do pátio.

Aqui, junto à parede colada ao Estádio 1.º de Maio, existia uma grande árvore com as suas raízes a fazerem lembrar uma sereia. Havia sempre uma grande nuvem de fumo com um cheiro muito agradável. Era o espaço mais democrático do liceu. Aqui, a roupa e o estilo não importavam muito.

Lulu foi, aos poucos, descaindo mais para o lado esquerdo do pátio. As trocas de cassetes que se faziam, as *t-shirts* que o pessoal usava, levaram-no a conhecer bandas rápidas, com músicas com três acordes e vocalizações simples e diretas. E, depois, a malta que conhecia da escola, parava toda por ali perto, no Jardim dos Coruchéus, onde travou conhecimento com os membros das bandas que começavam a despontar.

Também Lulu teve uma banda, os Perdidos no Kaos, onde tocava guitarra e assumia a vocalização. Tocavam nos liceus, nos concursos organizados pela Câmara Municipal e, várias vezes, em casas ocupadas.

Com 7 anos, Joana, viu, na Praça de Alvalade, situada no meio da Avenida da Igreja, intercetada pela Avenida de Roma, um rapaz mais velho a andar de *skate* e apaixonou-se; não pelo rapaz, mas pelo desporto.

Quatro rodas por baixo de uma tábua de madeira, ligeiramente curvada nas extremidades e saltar como se a tábua estivesse colada à sola dos nossos ténis?

Com tão precoce idade, aquilo era o mais perto que vira da magia. Sempre que tinha possibilidade, descia a sua rua e quando via a Praça do Santo António, rezava para que lá estivessem outros rapazes a fazer acrobacias (nesta altura, era assim que Joana definia as manobras) para ter o prazer de os ver. Não se aproximava muito por causa dos pombos que, diariamente, ali pousavam, mas seguia com extrema atenção o que faziam e a maneira como se punham em cima das tábuas.

Foi de forma natural que começou a experimentar andar de *skate*. Apesar do medo dos pombos, Joana tentava escolher sítios onde eles não estivessem. Sempre com a ajuda do irmão e dos seus amigos, que viam o talento que a miúda tinha para o *skate*, Joana passou a parar também nos mesmos sítios onde estes estavam. Sempre de *skate* numa mão e o megafone na outra, Joana passou a ser uma mini-celebridade em Alvalade e na cultura *skater* em Lisboa.

Em Alvalade, já toda a gente tinha reparado na rapariga que gritava ao megafone para enxotar os pombos, alguns achando estranho, mas que acabava por se entranhar.

Quando a interpelavam, respondia sempre o mesmo:

– A minha vontade era envenená-los a todos, mas o megafone sai mais barato.

Os anos foram passando e Joana foi crescendo, tentando equilibrar a vida de *skater* com a vida de estudante, sempre tendo como meta tirar um curso superior na área da cenografia.

Para além do jeito para o *skate*, Joana fazia à mão as suas *t-shirts*, e arranjava as suas tábuas quando estas tinham algum problema.

Por isso, quando terminou o Ensino Secundário, concorreu para a Escola Superior de Teatro e Cinema, para a licenciatura em Design de Cena. Fez o curso nos quatro anos previstos, *skatando* quando podia e megafoniando sempre.

Quando completou o curso, começou a trabalhar, a recibos verdes, claro está, para aquilo que a chamassem: teatro, cinema, televisão, para bandas.

Como a qualidade do trabalho era reconhecida, Joana começou por arrendar, em 2006, um espaço na zona de Marvila, pois ainda era uma zona da cidade esquecida e com espaços interiores e exteriores grandes e acessíveis ao

tipo de empreitadas que fazia. A garagem que alugou tinha duas salas muito generosas e um quintal ainda mais generoso, ideal para trabalhos verticais.

O que começou por ser apenas uma necessidade de espaço, evoluiu para uma microempresa com 5 trabalhadores a tempo inteiro. A primeira pessoa que contratou foi a Teresa, sua colega de curso e também ela de Alvalade.

Um dia, em 2014, Joana recebeu um telefonema de um realizador de cinema, a propor-lhe um trabalho de grande envergadura. Tinha já financiamento aprovado para o seu próximo filme e precisava da ajuda de Joana para tratar dos cenários.

Encontraram-se dias depois para falarem sobre o projecto. O realizador de cinema, conhecido por fazer filmes visualmente fortes e ter sempre momentos de fantasia quase infantil, pretendia que a empresa de Joana construísse todos os cenários do filme, onde se destacava uma estátua gigante de um pombo.

Joana quando ouviu a ideia da estátua, arrepiou-se, só com a ideia, mas era um trabalho muito bom para poder ser recusado.

Ainda disse ao realizador:

– Tenho que lhe dizer que eu tenho pavor a pombos.

– Eu sei, mas foi exatamente por isso que me lembrei de si. Eu quero fazer um filme sobre uma personagem que é columbófilo, e imagino que conheça tão bem os pombos, que será capaz de os retratar melhor que ninguém.

Pela primeira vez na vida, Joana estava a ser desafiada a lidar com a sua fobia, para além do megafone. Por um lado, apetecia-lhe recusar o trabalho, mas por outro, sabia que iria arrepender-se se o fizesse.

Nessa noite, não dormiu a pensar como poderia fazer uma estátua gigante de um pombo. De manhã, acordou e enviou uma mensagem ao realizador:

– Conte connosco.

Convocou a sua equipa, apresentou o projecto e lançaram mãos à obra.

Joana ocupou-se da estátua; fez um trabalho de pesquisa exaustivo, falou com vários amantes de pombos, mas não conseguiu ver ao vivo as corridas de pombos que se faziam.

A estátua ia ganhando forma, estando a ser trabalhada no quintal. Para

além do desafio da escultura, havia também a possibilidade de aparecerem pombos verdadeiros a espreitar a obra. Mas para isso, Joana contava com o seu megafone.

Quase a ficar finalizada, faltando apenas a montagem em quatro partes distintas, Joana deixou as patas, o corpo e a cabeça a secar sem ficarem tapadas. Tinha dado a última demão e agora era só esperar que tudo secasse para fazer a montagem final.

Desligou tudo, saiu da garagem e foi para casa.

Quando atendeu o telefone, nem sabia quem era.

– Joana, é melhor não vires para aqui. A estátua está coberta de pombos, toda suja, o quintal parece um pombal, há pombos dentro das salas. Isto está um caos. – disse Teresa, que tinha chegado mais cedo.

– E a estátua? – perguntou Joana.

– Eh pá, tem salvação, mas...

Joana atirou o telefone contra a parede e desatou a chorar.

Enraivecida com os estragos feitos pelas centenas de pombos, Joana decidiu retaliar.

Saiu de casa, por volta da meia-noite, toda vestida de preto, a mochila muito pesada às costas, o megafone no ombro direito e o *skate* debaixo do braço esquerdo.

Definiu mentalmente um rectângulo entre a Avenida da Igreja e a Avenida dos Estados Unidos da América e espalhou, durante 5 horas, todos os pesticidas que tinha conseguido arranjar. Acabou junto à Pastelaria Luanda, ainda a noite perpetuava o céu.

Olhou para o seu telefone. Ainda não tinha tido coragem para abrir as fotografias que Teresa lhe havia enviado. Sabia também que esta sua maldade não faria com que a estátua voltasse ao que já fora.

Teve um ataque de nostalgia e lembrou-se de quando era miúda e ia para a Praça da Figueira, deslizando pela Avenida de Roma, até à Almirante Reis e daí só parar no Rossio.

Virada de costas para Entrecampos, deu uma volta de 90° para a direita.

Pousou o *skate* no chão e começou a descer a toda a velocidade a Avenida de Roma, a berrar ao megafone uma canção que não tinha Peste nem Sida.

Desde pequeno só me dão...ão

Desde pequeno só me dão... veneno

Desde pequeno só me dão...

só me dão venenooo

só me dão venenooo

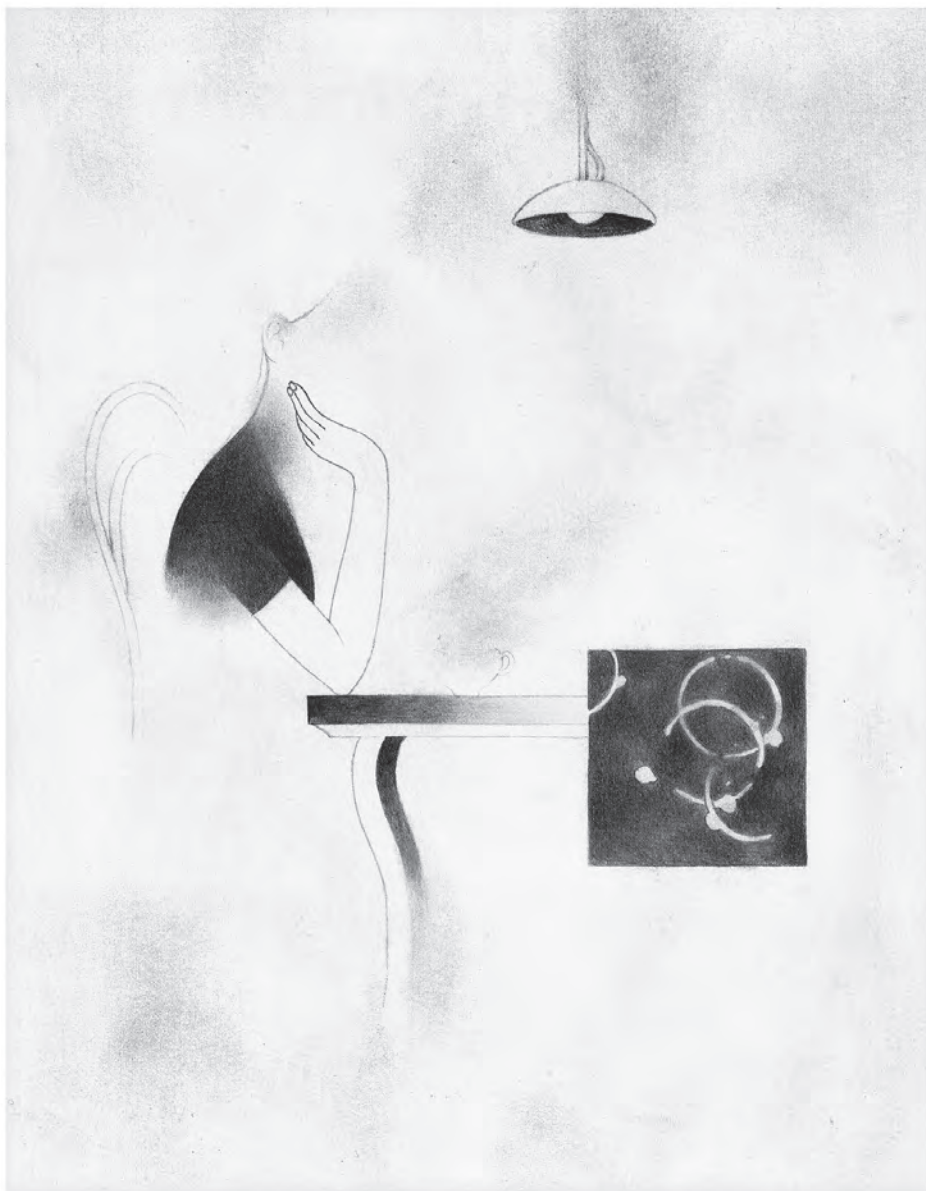
só me dão venenooo

só me dão venenooo

venenooo

Desde pequeno.....só me dão

venenooo



ANOITECER

VIOLETA MANDILLO

IL. SARA BOIÇA

São 6h30, Laura olha pela janela, ainda é de noite. Levanta-se naquele dia como em todos os outros. A cabeça adormecida com os olhos semicerrados segue o corpo como se fosse puxada por elásticos. Se alguém a visse numa manhã como aquela veria um corpo impressionista, um corpo em socacos, sem contorno nem peso a ser arrastado pelos pés até à casa de banho.

Não acende a luz, a água corre debaixo da sua mão direita, esfrega a cara. A água fria acorda-a à força, os olhos abertos a contragosto reconhecem aquela mulher no espelho, mas não se detêm. O seu corpo ganha peso e matéria, aos poucos, ao ritmo dos seus gestos.

Tem sono, dormiu mal como sempre. Veste um vestido bonito de saia rodada e bolinhas pretas sobre fundo branco e uns ténis tipo *All Star* cor-de-rosa. Assim vestida com a cara e os dentes lavados segue para a cozinha e à sua passagem a casa vai despertando. Se alguém pudesse observar o ritual que a leva da cama à cozinha ficaria impressionado com o sincronismo dos seus gestos e do seu ritmo, o nascer do dia e o despertar da cidade em que vive.

Na cozinha prepara e bebe um café duplo com leite. Enquanto o faz põe a mesa do pequeno-almoço para os miúdos: três pratos, três copos, manteiga, doce de morango, leite, sumo de maçã e pão. Talvez devesse pôr três facas e três colheres para evitar a discussão do costume sobre o tempo que o Miguel demora a barrar manteiga no pão ou a quantidade de doce que o Pedro usa. Talvez esteja habituada àquelas discussões que animam o dia ou talvez tenha

medo que eliminando os motivos para estas que tão bem conhece possa despertar outras menos inofensivas.

São 7h12, ainda tem três minutos, às 7h15 tem de ir acordar os miúdos. Tem três minutos, senta-se, e bebe o café sozinha, três minutos sozinha antes de enfrentar o resto do mundo, três minutos parada. Nestes minutos não ouve a ambulância que passa, não ouve os carros que apitam, nem o burburinho dos vizinhos, não ouve nada, descansa. Levanta-se em sobressalto depois de verificar no telemóvel que são 7h16.

Monta o sorriso de *Bom Dia* e vai acordar o Pedro. O Pedro é o filho mais velho, tem treze anos e talvez por isso seja o mais difícil de acordar, o mais teimoso, na verdade ele sempre foi assim, nunca gostou de ir para a cama mas também nunca gostou de acordar.

– Bom dia Pedro! Já são horas – diz, enquanto lhe dá um beijinho.

– rhrnrnrhrh.

– Vá lá, vá lá.

Reforça o sorriso enquanto entra no quarto do Miguel e da Rita, os pequeninos. Eles não gostam de ser chamados de pequeninos, “Já sou grande, tenho seis anos” reclama o Miguel e a Rita faz eco “Já sou grande, tenho quatro anos”, apesar disso são os pequeninos. Dá um beijinho em cada um e diz:

– Bom dia! Já são horas.

A Rita resmunga um bocadinho enquanto esfrega os olhos e Laura lhe despe o pijama e lhe veste rapidamente a roupa preparada de véspera.

– Bom dia... – diz o Miguel com os olhos cheios de sono e já sentado.

A Rita está pronta. Falta o casaquinho porque àquela hora está frio mas por agora está pronta, vestida e penteada.

– Miguel, já estás vestido? – pergunta Laura sabendo que a resposta é não. – Vá, toca a vestir – diz no tempo em que o ajuda a despir o pijama, ou é ajudada por ele, e lhe veste umas calças de ganga e uma *t-shirt* de super-heróis.

– Pedro, espero que já estejas vestido, não me quero atrasar – diz a meio sorriso. Claro que ele não está nem vestido nem acordado. Todos os dias Laura lhe diz as mesmas coisas enquanto o sorriso vai diminuindo até se transformar numa cara de poucos amigos.

A cara de Laura varia a cada minuto, ora sorri para os miúdos que comem alegremente na cozinha, ora resmunga para o Pedro. Quem os observasse veria um autêntico jogo de ténis. No decorrer do jogo, Laura prepara as mochilas, os casacos e os sapatos dos três filhos, e um bom pedaço de pão com manteiga e doce para o Pedro que enrola num guardanapo.

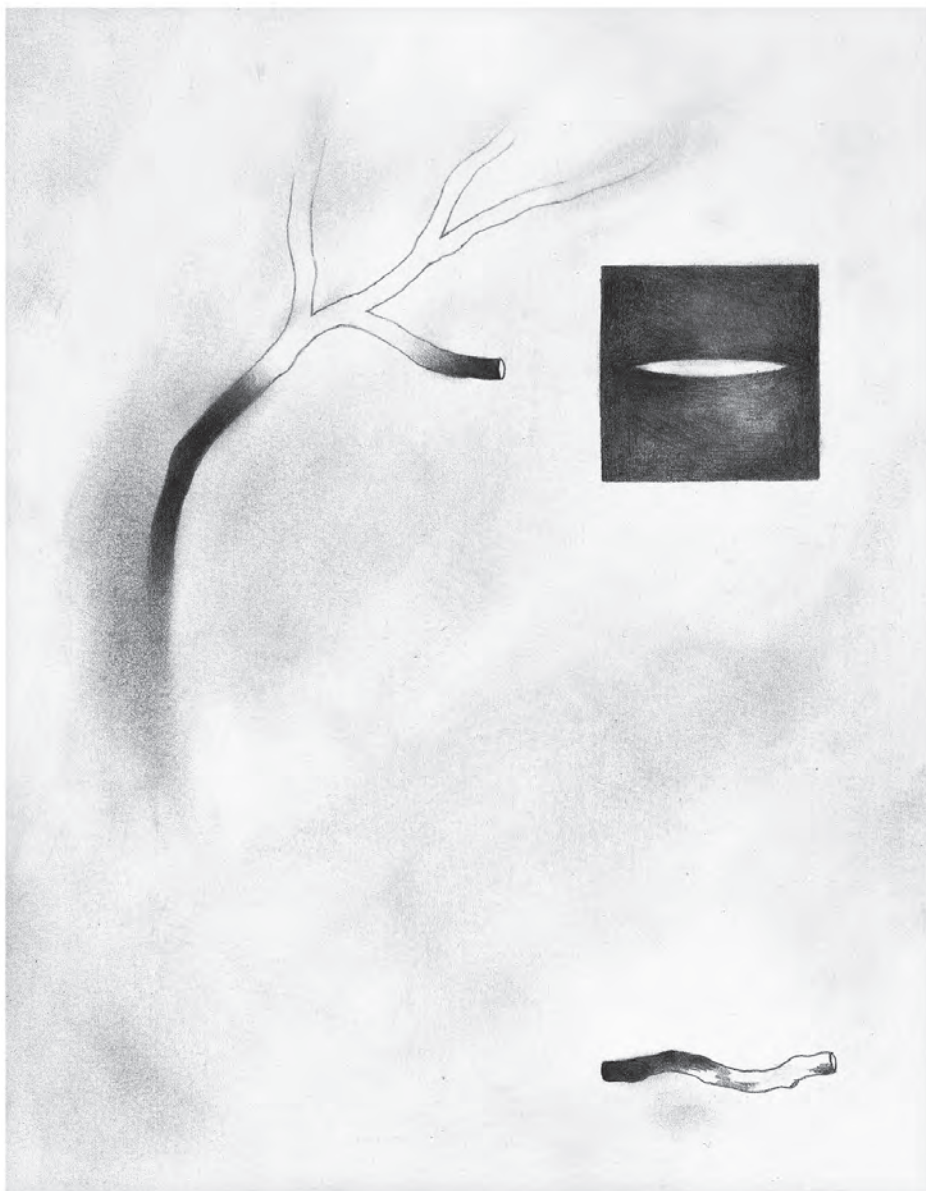
Finalmente, todos vestidos, lavados, penteados e de mochilas às costas saem de casa. O Pedro traz numa mão o pão noutra um sumo de pacote, dá dentadas no pão entre passos e nos entretantos uns goles no sumo. Os pequeninos seguem o passo apressado da mãe que os leva pelas mãos.

– Vá, vá, hoje há reunião da administração e não posso atrasar-me.

Os pequeninos são entregues na escola, na mesma escola apesar do Miguel estar na primeira classe e a Rita no infantário. É uma escolinha simpática entre a casa deles e o jornal em que Laura trabalha, uma escola simpática e cara que a avó, a mãe de Laura, paga.

O Pedro segue com a mãe, a escola dele fica bem perto do jornal, assim o Pedro pode ir almoçar com ela de vez em quando ou ir ter com ela ao trabalho quando sai mais cedo. Actualmente, não costuma fazer nem uma coisa nem outra porque a mãe não lhe dá muita atenção, prefere ir para a casa da avó. No jornal está sempre ocupada entre *e-mails*, telefonemas, reuniões ou qualquer pedido dos directores ou administradores. Às vezes, de vez em quando, faz uma visita, nunca à hora de almoço, gosta de apanhar a mãe de surpresa no meio do trabalho. Antes de entrar fica a observá-la, ali ela parece ser mais alta, mais sorridente, mais feliz, anda com um ar importante de um lado para o outro enquanto resolve assuntos mais ou menos urgentes mas a que responde sempre com a mesma prontidão e eficácia. Os assuntos variam: ar condicionado avariado, dia de pagamento de salários, reunião de administração, telemóvel desaparecido, jornalista em viagem, inspeção do carro do director, férias da fulana X.

Nessa manhã despede-se do Pedro com um beijinho e sorri. Ele provavelmente não viu o sorriso porque os pés sempre atarefados e autoritários já a fizeram virar para a rua do jornal, mas o sorriso existiu e perdurou pelo menos



até a máscara de secretária tomar posse da sua cara. A máscara de secretária também carrega um sorriso, um sorriso daqueles de fotografia ou de anúncio de pasta de dentes, mas carrega acima de tudo um “ar profissional”.

É dia de reunião da administração. Assim depois de arrumar cuidadosamente a sala de reuniões dando especial atenção à simetria da sala, a simetria entre cadeiras, folhas de papel, chávenas de café, tudo organizado e simétrico excepto as flores que teimam em descair, ora para um lado ora para o outro. De sala arrumada, abre a terceira gaveta da sua secretária em que dentro de um saco de papel guarda uns sapatos de salto altíssimo. “É preciso usar saltos para receber os administradores”. Troca os ténis cor-de-rosa pelos saltos e está pronta a receber os patrões.

A reunião passa como um autocarro que cumpre o seu trajecto de um ponto ao outro sem nada de notável. Os administradores saem depois dos sorrisos, abraços a meio corpo e os passou-bens do costume. Laura sorri um sorriso de vitória.

O telefone toca, é o Pedro.

– Pedro, queres vir almoçar com a Mãe?

– Desculpe, estou a falar com a Laura Costa?

– Sim... – diz enquanto pensa o que terá o Pedro aprontado para lhe estarem a ligar da escola.

– O Pedro sofreu um acidente.

– Acidente?

– O Pedro sofreu um acidente, foi atropelado, e foi levado para a Estefânia...

No meio do nevoeiro, Laura ouve algumas palavras que retém e repete: Acidente, O Pedro, Acidente, Hospital, Atropelado, O Pedro atropelado, Hospital. Hospital. O Pedro. Hospital. Hospital. Como uma sombra pega na mala e sai sem dizer uma palavra às duas ou três pessoas que lhe perguntam o que se passa e se se sente bem.

– Para o hospital – diz ao taxista.

– Qual hospital menina?

– Estefânia.

Os pés seguem a enfermeira que a leva até ao Pedro. A cabeça vira sempre

que vislumbra um *outro* Pedro através de uma porta entreaberta, os olhos ficam presos em cada braço, perna ou cabeça partida mas os pés continuam a levá-la a um ritmo constante até que param. A cabeça em sobressalto pára também, hesita em entrar naquele quarto, quando entrar, o acidente, o atropelamento, o estado muito grave passarão a ser verdade, o seu Pedro passará a estar ali deitado.

Entra, o Pedro lá está de olhos fechados. Aproxima-se, as mãos dela percorrem o corpo dele com cautela e fervor, enquanto ela olha fixamente para a carinha dele, não vê os tubos, vê apenas o leve respirar. Beija-o, está vivo, está vivo, está vivo.

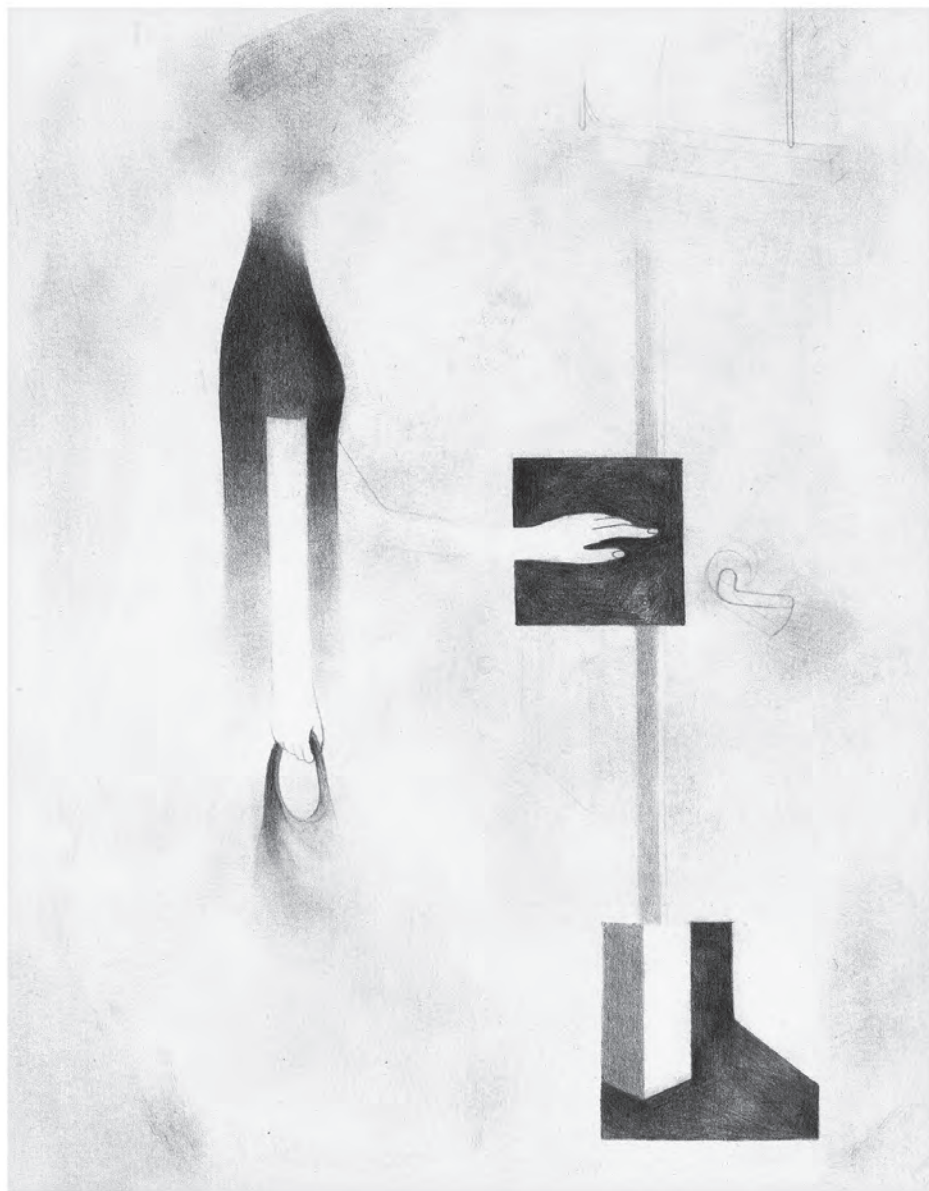
A mão esquerda passeia-se nos cabelos do Pedro enquanto o resto do corpo fica ali de pé, imóvel.

A implacável luz da hora de almoço desvanece pouco a pouco. O dia começa a perder força e o Pedro segue-o. O quarto é invadido por médicos e enfermeiros que lhe pedem que saia. Os pés sempre obedientes levam-na para o corredor. Os olhos atrasam-se o mais que podem em relação aos pés e por fim ficam colados à porta fechada do quarto.

É de noite. Laura continua no corredor. Laura continua no corredor, sem cara, não chora ou talvez chore, tanto faz, está morta, morreu com o Pedro. Dói-lhe o útero. O corpo quebrado parece querer fundir-se com o chão, com a terra. A mão direita distingue-se do resto do corpo, segura com toda a força que tem um saco de plástico transparente onde estão os ténis do Pedro, os ténis que ela lhe ofereceu no dia do seu aniversário há pouco mais de um mês. Se alguém a visse, se alguém olhasse, veria uma sombra e uns ténis num saco de plástico, veria a morte e aqueles ténis meio gastos.

Em casa, a Avó diz aos miúdos que a Mãe voltará em breve.

Por momentos, por umas horas, eles, o Miguel e a Rita, são órfãos. Quem sabe por quantas horas o serão no futuro? Quantas horas ficará ela presa no olhar extinto do Pedro? Quantas horas, minutos, segundos estará ela também morta?



Notas auto-BioGráficas

Alexandre Dias Pinto

Ama o saber, os livros e as palavras. Escreveu poesia, teatro e ficção, mas os textos nunca chegaram (felizmente) à estampa. A falta de tempo e a falta de génio nunca lhe permitiram dedicar-se mais à escrita literária – ficou-se pelo mais sensaborão ensaio académico. O conto «Máscaras num Museu» foi composto em Lisboa e no Vau, num Agosto quente e atarefado e ficou com vontade de se lançar em novos projetos, que há muito lhe fervilham na mioleira.

Alina Baldé

Um dia disse à mãe que tinha aprendido a ler com Jesus. A história colou, espalhou-se pela família, e descobriu assim o poder de uma boa narrativa. Vê na escrita a simbiose perfeita entre o som e o desenho. Antes que perguntem, esclarece a autora que o conto «Ri-te, Rita» é absolutamente ficcional: até à data da publicação, jura que nunca comeu um charcuteiro; e só aceita fiambre num *croissant* brioche misto prensado, acompanhado de um sumo de laranja natural.

Francisco Pinto

Sente-se feliz ao escrever uma história que lhe provoca o riso, imaginando que algum leitor também poderá sorrir. No conto «Um Frango», uma encenação dos anos 80 e festas de Verão no Algarve ao ritmo *disco*, a personagem Semião surpreende com relatos hilariantes. Quando o riso se esvai ficam as atitudes de Semião a revelar uma personalidade complexa, que tanto nos pode comover como perturbar.

Helena Figueiredo Pina

É desde sempre apaixonada pela escrita. Este seu conto é um exercício narrativo que explora o tema das relações abusivas e alguns dos sinais de alerta, questionando as fantasias românticas alimentadas pela cultura.

Isabel Milhanas Machado

Em 2017 escrevi *Os Ratos*, uma peça de teatro publicada pelo TNDMII/ Bicho do Mato que retrata um grupo de jovens que coabitam numas águas furtadas em Lisboa. Sempre quis saber o que foi feito daquele grupo de amigos e finalmente descobri. João seguiu o seu caminho há muito tempo, e parece que regressa agora a casa. Ponho a mesa para seis, recebo-o de coração cheio, preparo um bom jantar e conversamos sobre os anos que passaram. (n. 1992, Lisboa).

João Pragana

O autor aterrou aqui vindo da cápsula orbital XYZ e trazendo no seu relógio de pulso os pincéis da aeronáutica mais vulgar. Deles tirou as cores que dizem das vidas que não se vêem, por não fazerem nenhum som. Depois disso, embebido naquela filosofia tão humana que é a de comer e olhar em frente, um dia, ergueu-se e berrou ao mundo: – Quero escrever isto! Larguem-me já!!

Mariana Pinheiro

Mariana Pinheiro pode não ter escrito lá grande coisa até agora, mas um dia ainda vai escrever. Com intensidade. O conto “Seis dias na praia” surgiu como um jogo que teria que ser jogado entre as três personagens. O seu desfecho foi resolvido num dia de muito mau humor.

Rafael Dionísio

Escritor, boémio, ex-artista plástico, às vezes *performer*, doutorado por extenso, que se interessa sobretudo por narrativa em particular e por tudo o que é humano em geral. Fez um conto sobre dois adultos, adolescentes tardios, que vão para a cama num hotel.

Tiago Pina

Desde que descobriu que conseguia brincar de forma muito séria com palavras, Tiago Pina tenta fazer construções, pontes, viadutos e até rotundas de palavras e frases que, depois de cortadas, aparadas e cozinhas, dão pequenas histórias. «Este skate não é (só) para meninos» é uma história de uma rapariga a tentar lutar contra os seus medos entre as estações de metro de Alvalade e Roma. E também tem um megafone, profusas vírgulas, abundantes pontos finais, alguns pontos de exclamação, poucas figuras de estilo, alguma ironia e hartos travessões.

Violeta Mandillo

Gosta de pessoas e das suas histórias. Observadora indiscreta, cusca dirão alguns, fabrica histórias constantemente embora elas raramente cheguem ao papel. “Anoitecer” nasceu de uma imagem: vinda do hospital uma mulher, uma sombra, transportava um saco de plástico com um par de ténis.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/00657/2020.







CONTOS POUCO EXEMPLARES

